

A nação cujo Deus é o Senhor

Quem acredita que uma imprecação '*O Brasil é do Senhor Jesus*' há de estabelecer prosperidade e justiça social, se esquece que, embora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a Cristo, o Pai já lhe sujeitou todas as coisas.

A nação cujo Deus é o Senhor

“Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo ao qual escolheu para sua herança.” (Salmos 33.12)

Introdução

De longa data grande parcela dos evangélicos fazem imprecações utilizando o slogan '*O Brasil pertence ao Senhor Jesus*', principalmente em tempos que antecedem as eleições.

Há base bíblica para afirmar que o Brasil é do Senhor? Tem algum efeito prático alardear que o Brasil pertence a Jesus? O que a Bíblia diz?

A terra é do Senhor

“Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.” (Salmos 24.1).

O Salmo 24, verso 1, declara que a terra pertence ao Senhor, e através do paralelismo sinônimo, que é próprio a estrutura das poesias hebraicas, na qual a segunda linha do verso repete a ideia do verso anterior, não há dúvidas de que todas nações, povos, etnias, etc., igualmente pertencem ao Senhor.

Diante do que afirma o Salmo 24, verso 1, é reducionismo enfatizar que o Brasil é do Senhor, visto que, a verdade exarada nas Escrituras aponta para a terra e a sua plenitude, ou seja, para todos os povos.

Os judeus entendiam ser o povo de Deus, e mesmo sendo verdade que Israel

pertence a Deus, certo é que todas nações igualmente pertencem a Ele.

Outra questão de sua importância para o leitor do Salmo 24, é entender que o Salmo é messiânico, pois aponta para o Verbo encarnado como o Criador dos céus e da terra (Salmo 102.25 -27 compare com Hebreus 1.10 -12; João 1.1 -3), e por isso pertence a Ele o mundo e aqueles que nele habitam.

Os céus e a terra pertencem a Cristo, porque, como aponta o verso 2, Ele é o criador de todas as coisas (Salmo 24.2), o que demonstra que Ele não tem ninguém em preferência, pois é misericordioso para com todos que O invocam (Salmo 86.5).

“Porquanto não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” (Romanos 10.12- 13).

Além de todos os povos pertencerem ao Verbo que se fez carne, o Unigênito Filho de Deus e Criador de todas as coisas, ao ressurgir dentre os mortos, na condição de primogênito, Cristo herdou do Pai todas as coisas. O mundo pertence a Cristo por dois motivos:

a) Na eternidade, antes de despir-se da sua glória, o Verbo criou todas as coisas **“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.”** (Hebreus 1.2);

b) Na condição de Filho obediente, ao ressurgir dentre os mortos, tornou-se herdeiro de todas as nações **“Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão.”** (Salmos 2.8); **“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.”** (Hebreus 1.2).

Em decorrência do exposto acima é produtor dizer que *‘A terra é do Senhor Jesus’*, em vez de dizer que *‘O Brasil é do Senhor Jesus’*, pois diferentemente dessa declaração, aquela demonstra que não há diferença entre judeu e grego, vez que Jesus é rico para com todos os que O invocam.

É fato que Deus amou o mundo ao dar o Seu Filho unigênito (João 3.16), e ‘mundo’, no texto, refere-se a todas as famílias da terra, demonstrando que a promessa feita a Abraão se cumpre em Cristo, manifesto a todas as nações (Gênesis 12.3; Isaías 52.10).

Quando é dito *'Ide por todo mundo'*, a ideia é *'Ide por todas as nações'*, ou seja, sem fazer acepção de pessoas.

"Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;" (Mateus 28.19);

"E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura." (Marcos 16.15).

Mas, de tudo que foi dito, vale destacar que o Senhor é rico para com todos os que O invocam, objetivando salvar os homens da condenação à perdição estabelecida em Adão. Jesus não veio salvar uma sociedade, nação, povo, indivíduo, etc., de suas mazelas socioeconômicas, ou livrar a humanidade da corrupção, imoralidade, violência, pobreza, etc.

Certo é que Deus amou todas as nações indistintamente ao dar o Seu único Filho, mas tal amor é verdadeiramente efetivo (completo) somente sobre aqueles que obedecem a sua palavra, ou seja, que O invocam.

"Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele." (1 João 2.5).

O amor de Deus a todos os homens foi anunciado por intermédio de Moisés, mas os filhos de Israel não compreenderam. Observe:

"INCLINAI os ouvidos, ó céus, e falarei; e ouça a terra as palavras da minha boca. Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a erva e como gotas de água sobre a relva." (Deuteronômio 32.1 -2).

Muito tempo depois, o profeta Isaías explicou o motivo de se destilar a palavra como o orvalho sobre a erva:

"E a glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne juntamente a verá, pois a boca do SENHOR o disse. Uma voz diz: Clama; e alguém disse: Que hei de clamar? Toda a carne é erva e toda a sua beleza como a flor do campo. Seca-se a erva, e cai a flor, soprando nela o Espírito do SENHOR. Na verdade o povo é erva. Seca-se a erva, e cai a flor, porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente." (Isaías 40.5 -8).

Complementando a ideia de que a terra (os povos) deve 'ouvir' as palavras da boca de Deus, Isaías demonstrando que toda carne é erva, portanto, todos os homens, sem distinção alguma, deveriam receber o gotejar da palavra de Deus. Como todos os homens são ervas, segue-se que a terra é do Senhor, bem como a sua plenitude.

O evangelho que, primeiramente, foi anunciado a Abraão, deveria ter sido anunciado a todos os povos, mas somente na plenitude dos tempos, através da Igreja, o espírito de Deus está sendo derramado sobre toda carne.

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre. Porque Toda a carne é como a erva, E toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; Mas a palavra do SENHOR permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada.” (1 Pedro 1.23-25);

“E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.” (Joel 2.28);

“Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti.” (Gálatas 3.8).

A nação cujo Deus é o Senhor

“Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, e o povo ao qual escolheu para sua herança.” (Salmos 33.12).

Deixando as considerações do Salmo 24 em segundo plano, qual é a nação bem-aventurada, cujo Deus é o Senhor? O Brasil, como nação, pode arrogar para si a condição de bem-aventurado?

O único povo que foi escolhido por Deus dentre todos os povos é o povo de Israel:

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra.” (Deuteronômio 7.6);

“Porque és povo santo ao SENHOR teu Deus; e o SENHOR te escolheu, de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe seres o seu próprio povo.” (Deuteronômio 14.2).

Por que Israel foi escolhido? Eram mais justos? Mais nobres? Mais numerosos? Evidente que não, antes foram escolhidos porque Deus os amava, pois fez uma promessa aos pais: Abraão, Isaque e Jacó.

“O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos;” (Deuteronômio 7.7 e 9.6).

“Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7.8 e 9.5).

A única nação que poderia dizer ser bem-aventura, cujo Deus é o Senhor era Israel, mas foram rebeldes (Deuteronômio 9.24), não cumpriram com a exigência divina:

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.” (Êxodo 19.5).

Por causa de Abraão, Deus escolheu a descendência de Jacó para serem propriedade peculiar dentre todos os povos, mas não ouviram a voz de Deus e nem guardaram a aliança que prometeram cumprir com juramento.

“Então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o SENHOR tem falado, faremos. E relatou Moisés ao SENHOR as palavras do povo.” (Êxodo 19.8);

“E disseram a Moisés: Fala tu conosco, e ouviremos: e não fale Deus conosco, para que não morramos.” (Êxodo 20.19);

“E Deus disse: Põe-lhe o nome de Lo-Ami; porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus.” (Oseias 1.9).

Se o povo de Israel, que foi escolhido por Deus foi rejeitado por não ouvirem e nem obedecerem a aliança, que se dirá do Brasil, que não foi concedido uma

promessa específica, não possui uma aliança a ser honrada e nem foi citado por Deus?

Como o povo de Israel poderia cumprir a palavra de Deus para serem propriedade peculiar, se rejeitaram ouvir a palavra de Deus? Como cumprir o que rejeitaram ouvir?

O povo de Israel, mesmo eleito, foi endurecido por causa da rebeldia, até o tempo determinado por Deus, quando serão salvos, visto que, quanto a eleição, são amados por causa dos pais.

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, E desviará de Jacó as impiedades. E esta será a minha aliança com eles, Quando eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais.” (Romanos 11.25-28).

Como o povo de Israel foi rejeitado, agora, na eleição segundo a graça, de dois povos (judeus e gentios) Deus fez um, de modo que a Igreja agora é o povo de Deus, a nação santa:

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;” (1 Pedro 2.9);

“Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia.” (1 Pedro 2.10).

O povo de Deus se estabelece por vínculo de nascimento (geração eleita), e não por vínculo de sangue ou território. A igreja é a nação cujo Deus é o Senhor, o povo escolhido para Sua herança.

“Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade;” (Efésios 1.11);

“Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de

[exemplo ao rebanho.](#)” (1 Pedro 5.3).

A igreja é o povo de Deus, pois muito tempo após Josué introduzir o povo de Israel na Jerusalém terrena, profetizou o salmista Davi que ainda havia um descanso para o povo de Deus, e esse povo não é os brasileiros, antes todos quantos Deus chamar de todos os povos, línguas e nações.

“Determina outra vez um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia. Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus.” (Hebreus 4.7-9).

Povo de Deus, declare isso: - ‘O Brasil é do Senhor Jesus’!

Por trás do pensamento: ‘quanto mais pessoas entrarem no reino de Deus, mais visível será a transformação social’, ou seja, ocorrerá mudanças na família, política, ciência, cultura, etc., temos a dissimulada Teologia do Domínio, movimento que surgiu nos Estados Unidos da América, e que produziu vários gritos de guerra como: *“America, a nation under God”* (América, uma nação sob Deus), *“Washington for Jesus”* (Washington para Jesus), etc., anunciado em passeatas, marchas, caminhadas, etc. Tomando por base o ide de Jesus, a Teologia do Domínio apregoa a cristianização do mundo, mas o foco não é o evangelho de Cristo, antes impor, através da dominação política, o que consideram ser ‘princípios cristãos’.

Os gritos de guerra utilizado pela Teologia do Domínio decorrem de outro movimento, a Confissão Positiva, movimento que acredita ser possível moldar e influenciar o mundo através das palavras que se emite no dia a dia.

Qual o fundamento bíblico para se declarar ou profetizar que o Brasil pertence a Jesus? Nenhum!

A [fé bíblica](#) não tem por base aquilo que o indivíduo deseja, declara ou acredita. Pela má leitura que muitos fizeram das escrituras, confundiram fé com aquilo que se acredita, e vice-versa.

Ter fé não é acreditar em devaneios tal qual *'O Brasil é de Jesus'*, antes é ter o evangelho, a fé que foi dada aos santos (Judas 1.3), ou seja, acreditar que Jesus é o Cristo enviado de Deus.

Desejar, declarar ou acreditar que o Brasil pertence a Jesus não muda o status quo da realidade social dos brasileiros. Deus tem compromisso com a Sua palavra, ou seja, Ele não tem compromisso com o que o homem deseja, declara ou acredita se não estiver em consonância com a sua palavra.

O evangelho de Cristo não foi e não é anunciado para estabelecer transformação social, político e nem cultural. Por exemplo, à época de Jesus e dos apóstolos, a sociedade se utilizava de mão de obra escrava, e não se encontra no Novo Testamento qualquer censura a essa prática social repugnante aos olhos da sociedade atual, quando um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro por meio da lei ou da força.

A ilusão de que um país dito cristão gozará de prosperidade e que os seus concidadãos terão paz não tem suporte no evangelho de Cristo, até porque Jesus afirmou que sempre existirá pobres em meio ao povo **“Porque sempre tendes os pobres convosco, e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim nem sempre me tendes.”** (Marcos 14.7).

“Pois nunca deixará de haver pobre na terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre na tua terra.” (Deuteronômio 15.11).

A atividade laboral jamais será extinta por força da penalidade, que diz:

“E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.” (Gênesis 3.17-19).

O apóstolo Paulo, ciente desta verdade, recomendou:

“E procureis viver quietos, e tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado;” (1

Tessalonicenses 4.11).

Verifica-se nos ensinamentos do apóstolo Paulo que o evangelho jamais teve o mote de dominação ou transformação cultural dos gregos, insurgência contra os romanos e/ou liquidar com a religião dos judeus.

Os apóstolos não identificaram nenhuma cultura como sendo cristã, não apontaram nenhum comportamento alinhado com princípios cristãos ou um sistema de governo propício ao evangelho. Qualquer posicionamento doutrinário que aponte este ou aquele modelo de sistema de governo, este ou aquele modelo econômico, esta ou aquela cultura, etc., como alinhados com as Escrituras, não passam de palavras falaciosas.

Trata-se de líderes avarentos, que fazem dos seus seguidores negócios utilizando-se de palavras fingidas.

“E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita.” (2 Pedro 2.2).

Muitos pastores, sob a bandeira do slogan ‘O Brasil é do Senhor Jesus’, venderam a políticos a promessa de que seus seguidores votariam em certos partidos e em determinados políticos. Fizeram de seus ajuntamentos solenes verdadeiro curral eleitoral visando facilidades e o lucro.

O Brasil não pertence ao Senhor Jesus, assim como não pertencem os países árabes, asiáticos, etc. O Brasil não é melhor ou pior que outras nações diante de Deus, mesmo tendo estampado na moeda corrente ‘*Deus seja louvado*’. Neste mesmo diapasão, os Estados Unidos da América também não pertencem ao Senhor Jesus, mesmo que os americanos tenham cunhado em suas cédulas de dinheiro o lema *In God We Trust* (Em Deus Confiamos).

Se a Bíblia diz que Deus é louvado quando os ramos ligados à oliveira produzem fruto, não basta alguém desejar, declarar ou acreditar que Deus será louvado, ou até mesmo estampar em uma moeda dizeres em louvor a Deus, visto que somente através do fruto daqueles que foram plantados por Deus é que de fato Ele é louvado.

“Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus

discípulos.” (João 15.8);

“E todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado.” (Isaías 60.21).

Afirmar que o reino de Deus chegou ao território brasileiro, e fazer votos que o seu governo se estabeleça sobre a nação brasileira é mero proselitismo, com o objetivo de angariar seguidores, o que é diferente de fazer discípulos de Cristo. Ora, o reino de Deus chegou ao mundo a mais de 2.000 anos, e veio para todos os homens (Mateus 3.2).

O reino só será dado a Cristo quando o Pai colocar os inimigos de Jesus por escabelo dos seus pés, e não quando alguém desejar, declarar ou acreditar. De nada adianta uma marcha para Jesus, pois só a cruz de Cristo (evangelho) atrairá os homens a Cristo.

“DISSE o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.” (Salmos 110.1);

“E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.” (João 12.32).

A Teologia do Domínio é cepa da Teologia da Prosperidade misturado ao misticismo do movimento da Confissão Positiva, doutrina que impregnou seguimentos da teologia calvinista, e frutificou entre os pentecostais nos EUA.

O que dizer de pessoas que se dizem cristãs e lançam mão de serpentes sob o pretexto de que está escrito que, se pegarem nalguma serpente, não sofrerão dano algum (Marcos 16.18)? Esses cristãos se esquecem da regra de ouro, que diz: também está escrito! Lançar mão de uma serpente a pretexto do que está escrito é tentar a Deus, e o tal estará sujeito ao seu próprio devaneio.

“Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.” (Mateus 4.7).

Que dizer de pseudos teólogos que dizem que Deus ordenou ao homem sujeitar a terra, e citam Gênesis 1, verso 28: “Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a” (Gênesis 1.28), e se esquecem de que ‘também está escrito’ nos Salmos:

“Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites? Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.” (Salmo 8.4-8).

O domínio pertence a Jesus, pois tudo foi posto debaixo dos seus pés.

“Ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, agora, e para todo o sempre. Amém.” (Judas 1.25).

“Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, De glória e de honra o coroaste, E o constituíste sobre as obras de tuas mãos; Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas.” (Hebreus 2.7-8).

A bênção de Deus dada a humanidade foi frutificar e multiplicar, e em povoar a terra está o ‘sujeitai-a’, e não em estabelecer governos, quer sejam laicos ou teocráticos. O domínio aos homens é sobre os animais que se movem no mar, na terra e no ar, e não que Deus tenha em preferência um governo.

“E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.” (Gêneses 1.28).

Quem acredita que uma imprecisão ‘*O Brasil é do Senhor Jesus*’ há de estabelecer prosperidade e justiça social, se esquece que, embora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a Cristo, o Pai já lhe sujeitou todas as coisas.

A única coisa que cabe ao cristão é almejar: ‘*Maranata!*’, o que não ocorre em marchas, passeatas e procissões por Jesus, vez que muitos não O amam de fato.

“Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Maranata!” (1 Coríntios 16.22);

“Se me amais, guardai os meus mandamentos.” (João 14.15).

Está reservado aos cristãos a coroa da justiça, e não o domínio sobre homens

ímpios. Quem busca implantar um reino e dominar em nome do evangelho, na verdade, é inimigo do evangelho, pois só pensa nas coisas terrenas.

“Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas. Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas.” (Filipenses 3.18-21).

“Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” (2 Timóteo 4.8).

Os adeptos da Teologia do Domínio estão mais perdidos que Simão no momento que cortou a orelha de Malco, pois estão em uma luta inglória, como se Cristo fosse incapaz de estabelecer o seu próprio domínio.

“E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão. Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?” (Mateus 26.51-54).

Qualquer que lançar mão da política sob o argumento de que é necessário estabelecer domínio dos cristãos sobre outras pessoas, através da política perecerão, pois se esquecem que os cristãos devem se sujeitar as autoridades constituídas.

“TODA a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus.” (Romanos 13.1).

À época dos apóstolos, os judaizantes eram sectários, e segundo uma doutrina carnal, se insurgiram contra Roma. O apóstolo Pedro descreveu os judeus como atrevidos, obstinados e que não se refreavam quando falavam das dignidades.

“Mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as autoridades; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades;” (2 Pedro 2.10).

Os judaizantes prometiam aos seus ouvintes liberdade, contudo, eles mesmos eram escravos do pecado (2 Pedro 2.20).

De tudo o que foi analisado e exposto, não significa que os cristãos estão alijados das questões da nação, até porque gozam de cidadania. Entretanto, apesar de o crente poder se manifestar a favor ou contra um sistema de governo, partido ou candidato, que faça como cidadão, e não como cristão.

“Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus.” (1 Coríntios 10.32);

“Não dando nós escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado;” (2 Coríntios 6.3).

No que depender do cristão, deve procurar ter paz com todos os homens, pois somente através do evangelho de Cristo é possível aos homens se tornarem herança, o povo de Deus.

“Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens.” (Romanos 12.18).

Campanha ‘Os sete mergulhos de Naamã’

A concepção da maioria das pessoas que participam de campanhas como ‘Os sete mergulhos’ é idêntica a de Naamã.

Campanha ‘Os sete mergulhos de Naamã’

- Irmão Claudio! Posso participar de ‘campanhas’ como ‘Os sete mergulhos de Naamã’?

Em seguida, li o motivo da pergunta feita por um irmão:

“Sete sextas-feiras de Mergulhos! Faça seu propósito com Deus e seja curado de toda lepra, seja ela espiritual, sentimental, material ou física, pois para Deus TUDO é possível”.

A seguir, apresento uma resposta à pergunta:

Amado, mais proveitoso do que responder sim, ou não, é se inteirar dos motivos que levam a um sim, ou a um não, visto que, tudo quanto fazemos com relação ao evangelho deve ser realizado com entendimento.

Convido o amado a pensar comigo e, após analisar algumas passagens bíblicas, teremos uma resposta.

Como o nosso culto é racional (conhecimento e compreensão), primeiro se faz imprescindível verificar no que consiste uma ‘campanha’.

A ‘campanha’ de Jerico

Fora as questões publicitárias e eleitorais, ‘campanha’ é termo utilizado para fazer referência a uma expedição militar e/ou suas manobras.

“E, saindo os príncipes dos filisteus à campanha, sucedia que Davi se conduzia com mais êxito do que todos os servos de Saul; portanto o seu nome era muito estimado” (1 Samuel 18.30).

O termo no cotidiano remete a ideia de empenho, esforço, luta, batalha, etc., por um objetivo, ou que leva à conquista de algo.

Em nossos dias, as campanhas que se veem nas igrejas geralmente possuem um tema ou fazem referência a um verso bíblico.

Uma das passagens bíblicas mais utilizada na realização de campanhas nas igrejas é a passagem que relata o evento no qual o povo de Israel rodeou as muralhas de Jericó por sete dias, e ao final, as muralhas ruíram.

Esta passagem bíblica tornou-se inspiração para muitas campanhas intituladas de libertação, renovação, cura, etc., pois apresenta uma providencial intervenção divina e o povo de Israel saiu vitorioso de uma guerra.

No entanto, um cristão zeloso deve levar em conta que:

1. A campanha militar de Israel contra o povo de Jericó se deu em função de uma promessa de Deus feita a Abraão, e que, cumpriu-se através de uma ordem dada a Josué: “E ordenou a Josué, filho de Num, e disse: Esforça-te e anima-te; porque tu introduzirás os filhos de Israel na terra que lhes jurei; e eu serei contigo” (Deuteronômio 31.23); “Disse-lhe mais: Eu sou o SENHOR, que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para herdá-la” (Gênesis 15.7). Toda faixa de terra, desde o deserto e o Líbano até o grande rio Eufrates, bem como as terras dos heteus até o grande mar para o poente, Deus prometeu dar aos descendentes de Abraão por herança;
2. Foi Deus quem deu todas as diretrizes para a invasão de Jericó, orientando para que o povo de Israel sitiasse a cidade de Jericó, isto por causa da promessa feita a Abraão, conforme se lê: “Então disse o SENHOR a Josué: Olha, tenho dado na tua mão a Jericó, ao seu rei e aos seus homens valorosos. Vós, pois, todos os homens de guerra, rodeareis a cidade, cercando-a uma vez; assim fareis por seis dias. E sete sacerdotes levarão sete buzinas de chifres de carneiros adiante da arca, e no sétimo dia rodeareis a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocarão as buzinas. E será que, tocando-se prolongadamente a buzina de carneiro, ouvindo vós o seu somido, todo o povo gritará com grande brado; e o muro da cidade cairá abaixo, e o povo subirá por ele, cada um em frente” (Josué 6.2-6).
3. A campanha militar conduzida por sacerdotes para tomar posse da terra de Canaã não se iniciou quando Josué, juntamente com o povo, deu a primeira volta no muro de Jericó. A campanha foi estabelecida quando Moisés falou com Faraó para libertar o povo de Israel, para que se cumprisse o que foi revelado a Abraão (Gênesis 15.13-16); “Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do

cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu” (Êxodo 3.8).

O que mais atrai a atenção das pessoas para esta passagem bíblica é a grande conquista alcançada pelo povo de Israel, aliado ao aparente pequeno esforço para a vitória.

Daí as perguntas: as campanhas de hoje têm por base uma promessa estabelecida por Deus com juramento? Essa promessa foi feita para os cristãos, ou foi feita para a nação de Israel?

A ‘campanha’ de um cristão

Há na Bíblia uma recomendação para que estejamos engajados em uma campanha!

Após ler e reler a Bíblia, um cristão zeloso vai perceber que há uma única campanha: Batalhar pela fé!

“...tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Judas 1.3);

“Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas” (1 Timóteo 6.12).

Atendendo a ordem do irmão Judas, não só podemos fazer essa campanha, como devemos fazê-la! Quem se alistou para a guerra não se embarça com negócios desta vida, pois está empenhado nela (2 Timóteo 2.4).

No que consiste a campanha pela fé? Ora, é sair em defesa da verdade do evangelho. A ‘fé’ que Judas apresenta diz da ‘verdade’, ‘firmeza’, ‘fidelidade’, de modo que, defender a fé é empenhar-se para que a mensagem anunciada por Cristo permaneça inalterada diante das investidas dos falsos profetas e dos anticristos.

Além de reter firme a fiel palavra conforme o que consta nas Escrituras, o crente deve defender esta verdade das investidas dos inimigos da cruz de Cristo

(mensagem do evangelho).

O cristão não batalha por uma crendice, por uma filosofia, por uma fábula, ou por aquilo que acha, etc., antes batalha pela verdade (fé) que foi entregue por Deus aos santos quando da revelação de Cristo.

“Portanto, o que desde o princípio ouvistes permaneça em vós. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis no Filho e no Pai” (1 João 2.24; Judas 1.3).

A ‘fé’ (doutrina) pela qual o crente deve batalhar diz da manifestação de Cristo em carne, como se lê:

“Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes. Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” (Gálatas 3.22-23).

Nos termos apresentados acima, Jesus é a nossa ‘fé’, ou seja, nossa ‘confissão’ e ‘esperança’.

“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu” (Hebreus 10.23).

Na Bíblia, a fé é apresentada como substantivo, um nome que se atribui a Cristo: a verdade e a expressão da fidelidade de Deus, o autor e consumidor.

Em muitas passagens bíblicas onde o termo ‘fé’ é empregado, temos uma figura de linguagem denominada metonímia, quando há substituição de uma palavra por outra, como quando se substitui a obra pelo autor. Ex.: O autor pela obra: leia Machado de Assis. Como Cristo é o autor e consumidor da fé, segue-se que a fé se manifestou na plenitude dos tempos: a obra (fé) pelo autor (Cristo).

Quando a Bíblia diz que o homem é justificado por meio da fé, simplesmente a Bíblia informa que o homem é justificado por Cristo, pois Ele é a fé que havia de se manifestar, a fé pela qual o justo viverá: o Verbo de Deus encarnado (Gálatas 3.11; Romanos 3.28). Cristo é a personificação da verdade, a fidelidade de Deus demonstrada, o fundamento de Deus que permanece firme, portanto, a fé πιστις (pistis).

Crer, acreditar, confiar em Cristo também é denominado fé, porém, é tradução do termo πιστευω (pisteuo). Enquanto 'pisteuo' diz de uma questão subjetiva e depende da matéria em análise, 'pistis' diz de uma questão objetiva, a própria matéria. Como conhecimento de Deus, Cristo é verdade, e ao homem cabe obedecer ao mandamento de Deus, crendo em Cristo.

O homem é salvo por Cristo (por meio da fé 'pistis'), portanto, como Ele é fiel (digno de confiança), o mérito pela confiança devida a Cristo (pisteuo) decorre da fidelidade d'Ele (pistis).

Há somente uma palavra no Novo Testamento para crença (querigma) e esta palavra é pistis (fé), o mesmo que crença, confiança. Acreditar nessa crença só é denominada fé (pisteuo) se for confiança na verdade (pistis), ou seja, em Cristo. É por isso que os tabeliões, quando verificam a veracidade dos dados inseridos em um documento, ratificam que o que ali está registrado é verdade, portanto, digno de fé (... é verdade e dou fé).

Se o tema é salvação, só é fé quando se crê que Jesus é o Cristo de Deus.

A fé só opera salvação quando o indivíduo crê na verdade, ou seja, no testemunho que Deus dá de seu Filho Jesus Cristo: este é o meu Filho amado, a Ele ouvi (Mateus 17.5). Aquele que crê em Cristo, crê também naquele que O enviou, mas quem não crê em Cristo, apesar de dizer que crê em Deus, mentiroso O faz *"Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu"* (1 João 5.10).

Quando você é convidado para participar de uma campanha, num primeiro momento parece que tudo o que é realizado naquela reunião atende recomendações bíblicas sobre a fé. Veja: - *"Venha para uma concentração de fé"; "Venha participar das Sete sextas-feiras de Mergulhos"!* - *"Faça seu propósito com Deus e seja curado de toda lepra, seja ela espiritual, sentimento, material ou física, pois para Deus TUDO é possível"*.

Crer no milagre é apresentado como um exercício de fé, um salto de fé, de modo que se traz a existência o que ainda não existe. Essas campanhas enfatizam que Deus é poderoso e que tudo é possível para Ele, entretanto, não destaca o testemunho que Deus deu acerca do Seu Filho, e nem a promessa que Ele fez.

“E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna.” (1 João 2.25).

Frequentar uma reunião cuja temática é enfatizar que tudo é possível para Deus parece um exercício de fé, mas só promove a fé aquele que anuncia a verdade do evangelho, ou quem batalha para preservar o evangelho, a fé que uma vez foi entregue aos santos (Judas 1.3).

A promessa feita para o cristão foi com relação a vida eterna, e não para derrubar as muralhas, vencer os gigantes, os sete mergulhos, acabando com maldições hereditárias, etc., portanto, se vamos batalhar pela promessa, temos que fazer como Jesus:

“E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito.” (João 12.50).

Analise da concepção do estrangeiro Naamã

Como a campanha dos sete mergulhos de Naamã é a mais alardeada nas igrejas da atualidade, analisaremos toda a narrativa envolvendo o capitão dos exércitos do rei da Síria.

A narrativa da história de Naamã tem início quando tropas sírias levam cativa uma menina de Israel, à época que Eliseu era profeta em Israel (2 Reis 5.8). Esta menina foi levada como escrava para servir a mulher de Naamã, um capitão dos exércitos do rei da Síria.

A menina israelita soube da doença do seu senhor, e disse a sua senhora: - “**Antes o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra**” (2 Reis 5.3).

O testemunho da menina chegou aos ouvidos de Naamã, que reportou as palavras daquela menina israelita ao rei da Síria. O rei da Síria, por sua vez, enviou uma carta ao rei de Israel ordenando que seu servo Naamã fosse curado daquela terrível doença (2 Reis 5.6).

Quando o rei de Israel tomou ciência do conteúdo da carta, rasgou as suas vestes

em sinal de indignação em função do pedido do rei da Síria, e argumentou com os seus servidores: *“Sou eu Deus, para matar e para vivificar, para que este envie a mim um homem, para que eu o cure da sua lepra? Pelo que deveras notai, peçovos, e vede que busca ocasião contra mim”* (2 Reis 5.7).

O rei de Israel considerou apenas as questões de ordem política quando leu a carta do rei da Síria: ele busca um motivo para declarar guerra. Perceba que o rei de Israel reconhecia a existência de um Deus e, que só Ele tem o poder de matar e dar vida, porém, tal confissão não é suficiente, antes é necessário obedecê-lo.

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremeçam” (Tiago 2.19).

A notícia de que o rei havia rasgado as suas vestes se espalhou rapidamente, e Eliseu mandou dizer ao rei: - *“Por que rasgaste as tuas vestes? Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel”* (2 Reis 5.8).

Percebe-se que o rei de Israel não dava a devida honra ao profeta de Deus, pois apesar dos muitos milagres operados por Deus em Israel por intermédio de Eliseu, o profeta teve que enfatizar: - *“Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel”*. Um estrangeiro sabia da existência de um profeta em Israel, e o rei de Israel parecia não saber da existência de Eliseu.

Quando Naamã chegou em Israel com seu carro e seus cavalos, o rei de Israel não se fez de rogado e redirecionou Naamã para casa de Eliseu. Na porta da casa de Eliseu, com todo o seu aparato, Naamã é recepcionado pelo servo do profeta, que lhe dá uma ordem segundo o que o profeta Eliseu falara:

- *“Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficarás purificado”* (2 Reis 5.10).

Diante da ordem dada pelo profeta, por mão de um mensageiro, para Naamã se lavar no rio Jordão, o capitão do exército se retirou indignado. Enquanto demonstra sua indignação aos seus servos, evidenciou o que esperava que o profeta fizesse:

“Certamente ele sairá, pôr-se-á em pé, invocará o nome do SENHOR seu Deus, e passará a sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso” (2 Reis 5.12).

Antes de encontrar o profeta Eliseu, Naamã já tinha se certificado em seu coração o que o profeta haveria de fazer:

1. Sair para recebê-lo;
2. Ficar em pé diante dele;
3. Fazer invocações e imprecações ao seu Deus;
4. Impor as mãos sobre a enfermidade;
5. Restaurará a saúde.

Era o primeiro contato que o estrangeiro Naamã tinha com um profeta de Deus, mas ele já havia traçado, segundo uma compreensão natural, o que era necessário ao profeta fazer para que Naamã fosse curado da lepra.

A concepção de Naamã é a mesma que a grande maioria das pessoas que participam de campanhas hoje em dia. Elas decidem antecipadamente em seus corações o que desejam e como será feito pelo profeta.

A expectativa de Naamã foi frustrada, pois ele achava que o profeta faria algo, entretanto, foi Naamã que foi incumbido de fazer algo: mergulhar sete vezes no rio Jordão.

Conhecendo a qualidade das águas do rio Jordão, Naamã se questionava: - [“Porque não se lavar nos rios de Damasco, Abana e Farpar, com águas melhores que todas as águas de Israel”?](#) (2 Reis 5.12).

Para Naamã, se o milagre dependia de um banho em águas de um rio, porque se utilizar das águas do rio Jordão, se em Damasco havia águas melhores? Se o segredo da purificação era a água, visto que não houve nenhuma imprecação sobre Naamã, que pelo menos o profeta recomendasse águas a altura do capitão dos exércitos do rei da Síria para o banho!

Os pastores, preletores, evangelistas, bispos, padres, obreiros, etc., sabedores de que as pessoas buscam um elemento material de purificação, geralmente apresentam água do Jordão, óleo de Israel, sal do Mar Morto, etc., para satisfazer a gana dos seus seguidores.

É próprio do homem, quando se apresenta diante de Deus, querer fazer a sua própria vontade, e não a ordem dada por Deus. Naamã levava consigo um montante que, segundo a sua concepção, poderia agradar o profeta pelo benefício

recebido.

“Então disse o rei da Síria: Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel. E foi, e tomou na sua mão dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez mudas de roupas” (2 Reis 5.5).

Essas expectativas eram provenientes de Naamã, um homem que não conhecia o Deus de Israel, entretanto, uma ordem através de um serviçal não atendeu tais expectativas, antes trouxe indignação.

Uma reunião hoje que aborde a vontade de Deus para os homens, igualmente não atenderá as expectativas de muitos que buscam participar de uma campanha de milagres, fé, libertação, etc.

A grande maioria das pregações, sermões, mensagens, ensinamentos, etc., em nossos dias, que aborda a passagem de Naamã, tem na sua essência foco em milagres, fé, libertação, finanças, etc., com o fito de satisfazer a expectativa dos ouvintes. Mas, esse não é o foco da mensagem, pois Jesus ao abordar a passagem bíblica de Naamã, foi expulso da cidade de Nazaré, e tentaram precipitá-lo do alto de um monte (Lucas 4.27-30).

Qual o segredo do milagre de Naamã?

Naamã não gostou de ser contrariado. Diante da indignação e recusa em acatar a ordem do profeta Eliseu, os servos de Naamã lhe falaram, dizendo: - “Meu pai, se o profeta te dissesse alguma grande coisa, porventura não a farias? Quanto mais, dizendo-te ele: Lava-te, e ficarás purificado” (2 Reis 5.13).

Naamã, redarguido pelos seus servos, mudou de ideia, ou seja, ocorreu a metanoia (arrepentimento), desceu do seu carro e se lavou sete vezes no rio Jordão, conforme foi determinado por Eliseu.

Quando terminou de atender a palavra de Deus, a carne de Naamã ficou como a de um menino, purificado da lepra (2 Reis 5.14).

Qual o segredo do milagre de Naamã? As águas do rio Jordão? O sacrifício de ter se deslocado da Síria até Samaria? Ter trazido consigo presentes para dar ao

profeta? A oração forte do homem de Deus?

O segredo não estava na oração, pois Eliseu não fez uma invocação sobre Naamã! Os presentes de Naamã não foram causa da sua cura, pois o profeta recusou quando foi oferecido! O sacrifício de sair da Síria e deslocar-se (romaria, procissão) até Israel não foi causa determinante da cura, visto que Naamã nem mesmo foi recepcionado pelo profeta quando chegou!

Qual é o segredo? A resposta é simples: A obediência a palavra de Deus!

Em que se obedeça a palavra de Deus está a salvação do homem:

“Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou-se como a carne de um menino, e ficou purificado” (2 Reis 5.14);

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.” (1 Samuel 15.22).

Mas, em obedecer a palavra de Deus está a vitória do homem, por que a temática das campanhas é o sacrifício, o voto, a oferta, a contribuição, o envelope, a salva, etc.?

Há uma lição sobre obediência na passagem bíblica que Deus ordena a Saul que destrua completamente os amalequitas:

“Amaleque a Israel; como se lhe opôs no caminho, quando subia do Egito. Vai, pois, agora e fere a Amaleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos” (1 Samuel 15.1-3).

Saul demonstrou prontidão de vontade, pois reuniu o povo e, diante da cidade dos amalequitas, pôs emboscada no vale e orientou aos queneus que se retirassem do meio dos amalequitas, para que não fossem exterminados (1 Samuel 15.4 -6).

Mas, quando lançou mão dos amalequitas, desde homens, mulheres e até as crianças destruiu completamente, Saul resolveu preservar a vida do rei dos

amalequitas, Agague, bem como o melhor do gado:

“E Saul e o povo pouparam a Agague, e ao melhor das ovelhas e das vacas, e as da segunda ordem, e aos cordeiros e ao melhor que havia, e não os quiseram destruir totalmente; porém a toda a coisa vil e desprezível destruíram totalmente” (1 Samuel 15.9).

Logo em seguida Deus repreendeu Saul por intermédio do profeta Samuel, dizendo:

“E enviou-te o SENHOR a este caminho, e disse: Vai, e destrói totalmente a estes pecadores, os amalequitas, e peleja contra eles, até que os aniquiles. Por que, pois, não deste ouvidos à voz do SENHOR, antes te lançaste ao despojo, e fizeste o que parecia mau aos olhos do SENHOR?” (1 Samuel 15.18-19).

O rei Saul, por sua vez, afirmou que havia executado cabalmente a ordem de Deus, considerando sem importância o fato de ter preservado em vida Agague, e alegou que sacrificaria a Deus o melhor do interdito em Gilgal.

“Então disse Saul a Samuel: Antes dei ouvidos à voz do SENHOR, e caminhei no caminho pelo qual o SENHOR me enviou; e trouxe a Agague, rei de Amaleque, e os amalequitas destruí totalmente” (1 Samuel 15.20).

É neste momento que o profeta Samuel demonstra a Saul que Deus não se compraz em holocausto e sacrifícios, e sim, em que o homem seja obediente. O profeta Samuel demonstra que a obediência a Deus é superior ao sacrifício, de modo que é melhor a obediência do que o sacrificar.

Sacrificar é um ato voluntarioso, já a obediência faz com que o homem se sujeite a Deus na condição de servo, um instrumento. Apresentar-se a Deus em obediência é superior a todo e qualquer ato sacrificial.

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (1 Samuel

15.22-23).

Quem apresenta um sacrifício faz sua própria vontade, ou seja, continua a serviço de si mesmo, diferente do obediente, que deixa de ser senhor de si mesmo e se humilha, fazendo-se servo. O obediente abre mão de suas vontades e se resigna a executar exclusivamente a vontade do seu Senhor.

A prontidão de vontade não é o mesmo que obedecer. Obedecer é cumprir as exigências estabelecidas, enquanto a prontidão de vontade pode se desviar da ordem durante a execução do que foi estabelecido, o que vemos em Saul.

Diferentemente de Saul, Naamã não demonstrou prontidão de vontade, porém, após refletir, mudou de concepção (metanoia) e obedeceu a palavra de Deus. Saul e Naamã são dois personagens que apresentam o mesmo princípio que norteiam os dois filhos da parábola contada por Jesus.

A parábola dos dois filhos

Certa feita Jesus estava ensinando no templo, e os príncipes dos sacerdotes e os anciões do povo perguntaram com que autoridade Jesus ensinava e quem havia dado a Ele tal autoridade.

Jesus fez uma proposta: responderia à pergunta deles caso respondessem a pergunta de Jesus. Foi quando Jesus perguntou aos príncipes dos sacerdotes e os anciões do povo se o batismo de João Batista era de Deus ou dos homens, e eles não responderam, porque pensaram:

- “Se dissermos: Do céu, ele nos dirá: Então por que não o crestes? E, se dissermos: Dos homens, tememos o povo, porque todos consideram João como profeta” (Mateus 21.25-26).

Como as autoridades e os anciões disseram que não sabiam, Jesus respondeu que não declinaria com que autoridade ensinava o povo (Mateus 21.27).

Em seguida Jesus propõe aos anciões do povo e aos príncipes dos sacerdotes a seguinte parábola:

“Mas, que vos parece? Um homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi. E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai?” (Mateus 21.28-31).

Agora pergunto a você: quem fez a vontade de Deus: Naamã ou Saul? O comportamento do povo de Israel era idêntico ao do rei Saul:

“Quanto a ti, ó filho do homem, os filhos do teu povo falam de ti junto às paredes e nas portas das casas; e fala um com o outro, cada um a seu irmão, dizendo: Vinde, peço-vos, e ouvi qual seja a palavra que procede do SENHOR. E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra.” (Ezequiel 33.30-32).

A quem se assemelha Saul e o povo de Israel: ao primeiro ou ao segundo filho do pai que requereu que os seus filhos fossem labutar na vinha? A resposta é: O segundo! Ou seja, Saul se propôs a realizar o mando de Deus, porém, em determinado momento deixou de obedecer e passou a executar o seu próprio querer.

Utilizando a resposta deles, Jesus os censurou dizendo:

“Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus. Porque João veio a vós no caminho da justiça, e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer” (Mateus 21.31-32).

A reprimenda de Jesus deixa claro que aquelas pessoas que os religiosos judeus consideravam avessas a Deus (os publicanos e as meretrizes), na verdade acabavam se arrependendo e crendo na mensagem de João Batista. Os religiosos judeus, por sua vez, não atentavam para a mensagem anunciada por João Batista, e nem mesmo vendo os publicanos e meretrizes mudando de concepção e crendo, se arrependiam (mudavam de concepção) para crer.

Jesus caracteriza os anciões do povo e os príncipes dos sacerdotes de ‘filhos’ que se propunham a obedecer a Deus, mas que não obedeciam. Já as meretrizes e os publicanos que aparentemente rejeitavam laborar na vinha de Deus, arrependiam-se e criam.

Ora, a parábola demonstra que quem faz a vontade de Deus é aquele que obedece, diferente daquele que se propõe obedecer, e não acata a ordem divina.

Como é difícil para o homem abrir mão de executar a sua própria vontade, Jesus alertou:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mateus 6.24).

Por que é impossível servir a dois senhores? Porque ou há de desobedecer (odiar) um e obedecer (amar) o outro, de modo que o homem não pode servir a Deus e a si mesmo. O termo hebraico traduzido por “mamom” (מָמוֹן) significa literalmente ‘dinheiro’, e no imaginário popular há diversas conotações e lendas acerca do termo.

No contexto, o termo ‘mamom’ não se refere a uma divindade, não tem relação com o demônio e nem com o terceiro pecado da lista dos pecados ditos capitais, antes é uma espécie de trocadilho que remete a fala do profeta Ezequiel: mas o seu coração segue a sua avareza.

O termo deve ser compreendido dentro do contexto! Jesus ordenou aos seus ouvintes que não ajuntassem tesouro na terra, mas que ajuntassem tesouro nos céus (Mateus 6.19-21). Ora, aquele cumpre os mandamentos de Deus ajunta tesouro no céu é servo de Deus, mas aqueles que seguem os seus próprios conselhos, ajuntam tesouros para si, portanto, estão a serviço de si mesmo.

Da mesma forma que é maldito o homem que confia em si mesmo, pois faz da carne (descendência) o seu braço (força), aquele que serve as ‘riquezas’ (a si mesmo) não é rico para com Deus.

“Eis aqui o homem que não pôs em Deus a sua fortaleza, antes confiou na abundância das suas riquezas, e se fortaleceu na sua maldade” (Salmo 52.7);

“Na verdade, todo homem anda numa vã aparência; na verdade, em vão se inquietam; amontoam riquezas, e não sabem quem as levará” (Salmo 39.6);

“Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas” (Salmo 49.6);

“Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR!” (Jeremias 17.5).

O dinheiro nada mais é do que a recompensa pelo trabalho. Aquele que só pensa nas coisas terrenas está a serviço do seu próprio ventre.

“Dos homens com a tua mão, SENHOR, dos homens do mundo, cuja porção está nesta vida, e cujo ventre enches do teu tesouro oculto. Estão fartos de filhos e dão os seus sobejos às suas crianças” (Salmo 17.14);

“Cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas” (Filipenses 3.19);

“Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus” (Lucas 12.21).

Só tem tesouro no céu aquele que ama a Deus, ou seja, que cumpre o seu mandamento: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (João 14.21). Ora, o mandamento que dá direito a tesouro no céu é crer naquele que Deus enviou: “E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1 João 3:23).

O rei Saul seguiu a sua própria avareza, pois quis lucrar em cima da ordem de Deus! Deixou de servir a Deus e passou a ajuntar tesouro para si mesmo, e mostrou-se um insensato.

“Como a perdiz, que choca ovos que não pôs, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará, e no seu fim será um insensato.” (Jeremias 17.11).

Deus deixou estabelecido na lei que terá misericórdia dos que o amam, ou seja, dos que guardam os seus mandamentos. “E faço misericórdia a milhares dos que

me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20.6). ‘Amar’ neste verso não se refere a afeição ou paixão, e sim a obediência, mandamento conforme o que Jesus disse: “Se me amais, guardai os meus mandamentos” (João 14.15 e 23 -24).

Se o homem quer alcançar a misericórdia de Deus basta obedecê-lo de todo o coração, de toda a alma, de todas as suas forças e de todo o entendimento “Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças” (Deuteronômio 6.5). Deus estabeleceu que se agrada daquele que O obedece, e não daquele que é voluntarioso em sacrificar.

Para obedecer a Deus, primeiro é necessário ouvir a palavra de Deus, porém, ao ver a manifestação divina no monte, o povo de Israel rejeitou ouvir o que Deus tinha a dizer, posicionamento diferente de Moisés “E todo o povo viu os trovões e os relâmpagos, e o somido da buzina, e o monte fumegando; e o povo, vendo isso retirou-se e pôs-se de longe. E disseram a Moisés: Fala tu conosco, e ouviremos: e não fale Deus conosco, para que não morramos” (Êxodo 20.18-19).

Quando Israel estava para sair do Egito, Deus estabeleceu que aquele dia seria o primeiro do primeiro mês do calendário judaico e, aos dez dias do primeiro mês dos anos que estavam por vir, cada família de Israel deveria comemorar a páscoa.

Deus deu regras específicas para sacrificarem o cordeiro ou cabrito. Cada família deveria separar um cordeiro ou um cabrito sem mancha ou mácula, macho de um ano, no décimo dia do primeiro mês, e permanecer de posse do cordeiro ou do cabrito até o decimo quarto dia, quando todo o Israel (congregação) deveria sacrificá-lo à tarde (Êxodo 12.6).

O sangue deveria ser passado na verga da porta, comerem a carne do cordeiro assado no fogo com pães ázimos e ervas amargas, etc. Não era para sobrar nada do cordeiro, mas o que sobrasse deveria ser queimado no fogo. Tudo o que os judeus fizessem deveria fazê-lo apressadamente e com os lombos vestidos, pés calçados e cajado nas mãos (Êxodo 12.11).

Deus estava interessado no sacrifício? Não! O sacrifício era tão somente um modo de Deus ensiná-los a obediência. Fazer tudo quando Deus disse era um modo de ensiná-los que Deus se agrada daquele que O amam, ou seja, que O obedece.

Obedecer a Deus é a regra de ouro!

Certa feita o povo de Israel pressionou Moisés por água no deserto de Refidim e murmurou contra Moisés como se fosse ele que tivesse trazido o povo ao deserto. Moisés clamou a Deus, e Deus disse para que ele passasse adiante da multidão juntamente com os anciões de Israel e de posse da vara que feriu o mar. Deus ordenou a Moisés que ferisse a rocha, e após Moisés ferir a rocha, o povo de Israel bebeu água (Êxodo 17.6).

Passado algum tempo, o povo de Israel novamente sentiu sede e pressionou Moisés e Arão como se fossem eles que tivessem trazido a congregação ao deserto de Zim. Novamente Deus falou a Moisés para reunir a congregação, e de posse da vara, Moisés deveria falar à rocha.

Moisés reuniu o povo como Deus lhe ordenará, porém, se exasperou, chamando o povo de rebelde e, sem prestar atenção no que fazia, em vez de falar à rocha, com a vara por duas vezes golpeou a rocha (Números 20.11).

Por Moisés e Arão não terem obedecido ao mando de Deus, Deus estabeleceu a pena:

“Porquanto não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso não introduzireis esta congregação na terra que lhes tenho dado” (Números 20.12).

Deus deixou o povo ter sede e fome no deserto para ensiná-los a obediência (Deuteronômio 8.2), mas na hora do elemento mais importante do ensino, que era o exemplo de como se obedece a Deus, golpeando quando Ele ordena, e falando quando Ele determina, Moisés e Arão se esqueceram do elemento mais importante: a palavra de Deus.

Não obedecer a voz de Deus conforme o que Ele diz é incredulidade. Fazer o que Deus determinou para servir um sentimento próprio, como foi o caso de Moisés exasperar, dá azo a esquecer do que foi determinado, portanto, é o mesmo que não crer.

Moisés e Arão perderam o direito de entrar na terra prometida por não dar ouvidos à palavra de Deus, assim como o povo de Israel que saiu do Egito não deu crédito a palavra de Deus quando instados a entrar na terra prometida e pereceram todos no deserto.

“E que todos os homens que viram a minha glória e os meus sinais, que fiz no Egito e no deserto, e me tentaram estas dez vezes, e não obedeceram à minha voz, não verão a terra de que a seus pais jurei, e nenhum daqueles que me provocaram a verá” (Números 14.22 -23).

Quando Jesus chegou à cidade de Nazaré, os seus conterrâneos esperavam que fosse operado em Nazaré sinais miraculosos semelhantes aos que Jesus operou em Cafarnaum (Lucas 4.23), porém, quando Jesus notificou os seus ouvintes que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria, ficaram irados e, após expulsarem Jesus da cidade, intentavam precipitá-Lo do cume do monte onde a cidade foi edificada (Mateus 4.24).

E como Jesus evidenciou o fato de nenhum profeta ser bem recebido em sua pátria? Citando dois milagres das Escrituras que envolviam estrangeiros:

4. A viúva de Sidom, em Sarepta “Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se cerrou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome; E a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva” (Lucas 4.25-26);
5. O capitão do exército do rei da Síria, o sírio Naamã “E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o sírio” (Lucas 4.27).

O fato de citar estes dois eventos miraculosos operados por Deus por intermédio dos profetas Elias e Eliseu fez com que os seus ouvintes ficassem muito irados, a ponto de intentarem matar Jesus.

Por que os judeus ficaram irados por Jesus evidenciar que, mesmo havendo muitos leprosos em Israel, Deus purificou um leproso sírio? Porque a abordagem de Jesus, além de colocar judeus e gentios em pé de igualdade, deixou claro que o favor de Deus também alcança os gentios.

“E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13.4-5).

É fato: ‘Qualquer que invocar o Senhor será salvo’, e a passagem de Naamã

demonstra esta verdade (Joel 2.32).

Outro fato: os ouvintes de Nazaré precisavam mudar a concepção acerca de Cristo: Ele não era filho de José (Lucas 4.22), antes era o cumprimento da profecia de Isaías que diz: [“O Espírito do Senhor é sobre mim...”](#) (Isaías 61.1), portanto, um filho nascido na casa de Jessé, o Filho de Deus:

[“PORQUE brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará. E repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do SENHOR. E deleitar-se-á no temor do SENHOR; e não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos”](#) (Isaías 11:1 -3).

Diferentemente das cidades circunvizinhas em que operou muitos milagres, na cidade em que cresceu, Jesus se apresentou aos ouvintes da sinagoga como aquele cuja missão era evangelizar, e que as Escrituras davam testemunho de que o Espírito de Deus estava sobre Ele, assim como João Batista testificava [“No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”](#) (João 1.29).

Todos na sinagoga se maravilharam com as palavras de Jesus, mas em vez de observarem o cumprimento da passagem do profeta Isaías diante dos seus olhos, guiaram-se por um pensamento humano: [“Não é este o filho de José”?](#) (Lucas 4.22).

Como não compreenderam que as Escrituras se cumpriam n'Ele, Jesus passou a destacar que nenhum profeta é honrado em sua pátria, visto que Elias e Eliseu não eram honrados pelo rei e pelo povo como profetas de Deus, no entanto, os conterrâneos de Jesus demonstraram por seus atos que Jesus era O enviado de Deus quando intentaram mata-lo.

Isto significa que alguém enviado de Deus deve ser aceito pelo que a palavra de Deus fala, e não pelos milagres que opera. Um profeta de Deus pode realizar sinais miraculosos ou não, a exemplo de João Batista, que não realizou sinais miraculosos (João 10:41).

A passagem de Naamã é emblemática porque é um prenuncio de que os gentios receberiam a verdade do evangelho, e o povo de Israel não. Ora, da mesma forma

que Naamã atendeu a ordem do profeta Eliseu e mergulhou no rio Jordão sete vezes, os gentios atenderam o chamado de Deus crendo em Cristo, o que os filhos de Israel não fizeram (João 1:12).

O milagre de Naamã é ilustração da parábola dos dois filhos, pois Naamã num primeiro momento rejeitou para seu próprio benefício atender a ordem do profeta, porém, arrependeu-se (mudança de concepção) e cumpriu a ordem. Já os filhos de Israel não atenderam quando ouviram a mensagem de Cristo, e nem quando viram os sinais miraculosos operados por Ele.

“Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas. A rainha do meio-dia se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão” (Mateus 12.41 -42).

Como se preparar para uma campanha

O presente século dispõe de muitos atrativos para embotar o entendimento dos incautos, e a busca por promoção e realização pessoal é fascínio que pode atrair o crente e fazê-lo se afastar da verdade.

“Contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais.” (1 Timóteo 6.5);

“Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores.” (1 Timóteo 6.10).

Como já aprendemos, desviar-se da fé é desviar-se do evangelho, e se transpassar de dores é se lançar somente às conquistas pessoais.

“E os que usam deste mundo, como se dele não abusassem, porque a aparência deste mundo passa.” (1 Coríntios 7.31).

Jesus Cristo, na parábola do Semeador, destaca a importância de se compreender a mensagem do evangelho, pois na falta de compreensão há campo vasto para atuação do adversário: o maligno arrebatou o que foi ensinado!

“Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatou o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho.” (Mateus 13.19).

É importante frisar, que todo aquele que crê em Cristo, conforme diz as Escrituras, será salvo. Entretanto, Jesus deixou claro aos seus seguidores que é imprescindível compreender a mensagem do evangelho para que possam frutificar, evitando assim que sejam demovidos do evangelho por ação do maligno.

“Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatou o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho (...) Mas, o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta” (Mateus 13.19 e 23).

Aquele que ouve a mensagem de salvação e não compreende está vulnerável aos ataques do inimigo, pois a semente que foi semeada será arrancada. O primeiro entrave na batalha é a falta de compreensão.

Mas, os riscos não se resumem a falta de compreensão, pois em segundo lugar temos a angústia e a perseguição por causa do evangelho, empecilhos que fazem com que a pessoa desista da esperança proposta. Para que a compreensão não fique embotada e o cristão seja capaz de desprezar a angústia e a perseguição, deve desejar ardentemente o leite Racional não falsificado, ou seja, se empenhar em compreender todas as nuances do evangelho de Cristo, de modo que saiba mensurar o cumprimento, a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus revelado em Cristo (Efésios 3.18).

O terceiro risco para quem milita no evangelho são os cuidados deste mundo e a sedução de angariar prestígio no seio da comunidade que frequenta, questões que sufocam a mensagem do evangelho bloqueando a produção de fruto.

Os cuidados com relação as questões deste mundo, e a glória que a ‘riquezas’ (glória de homem) podem proporcionar (João 5.44), é o que torna a semente que foi semeada entre espinhos infrutífera. Uma vez infrutífero, o tal está sujeito a ser

cortado da videira (João 15.2).

“E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera;” (Mateus 13.22).

Os adeptos do enganador são sutis e astutos, pois sorrateiramente disseminam heresias de perdição, entretanto, cabe única e exclusivamente ao crente rejeitar o engano. Em Cristo, o cristão tem plena liberdade, de modo que todas as coisas são lícitas, porém, precisa analisar a proposta das campanhas à luz das Escrituras.

Sabemos que a campanha do crente é ininterrupta, pois ao nascer de novo passa a ser membro da família de Deus, e assim deixa de pertencer ao mundo, e isto significa que foi engajado em uma batalha que está travada.

Não há descanso ou trégua. As recomendações são bem incisivas:

“Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar;” (1 Pedro 5.8);

“Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos,” (Efésios 6.18).

Só é sóbrio aqueles que não se embriaga no vinho em que há contenda, ou seja, aquele que não se envereda pelo ensinamento dos judaizantes (Efésios 5.15-18), pois suas vinhas são do campo de Sodoma e Gomorra: condenação e morte. Mas, para se desviar das obras infrutuosas das trevas (judaizantes) se faz necessário ser pleno do espírito, que é a palavra do evangelho.

“Porque a sua vinha é a vinha de Sodoma e dos campos de Gomorra; as suas uvas são uvas venenosas, cachos amargos têm.” (Deuteronômio 32.32);

“O qual nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica.” (2 Coríntios 3.6);

“E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito;” (Efésios 5.18).

O 'vinho' e o 'espírito' citados em Efésios 5, verso 18, diz da 'letra' e do 'espírito' em 2 Coríntios 3, verso 6. Encher do espírito não se refere ao Espírito Santo, uma das pessoas da divindade, e sim, ao evangelho, que também é denominado espírito.

Um dos maiores problemas que o cristão enfrenta quanto a erros, geralmente decorre de má leitura do texto bíblico. Ora, é imprescindível ao cristão ser sóbrio e orar sem cessar. Ser sóbrio é não se imiscuir nas questões judaizantes, mas como orar sem parar?

Os termos gregos utilizados para 'orar' e 'oração' são, respectivamente, προσευχη (proseuche) e προσευχομαι (proseuchomai), e o apóstolo Paulo utiliza os dois termos para orientar os cristãos a orarem o tempo todo. Os cristãos precisariam fazer orações em todos os momentos, sem pausa alguma? Foi essa a determinação? É lógico que não.

O termo orar foi utilizado no sentido de confiar, ou seja, o cristão deve confiar (perseverar, vigiar) em Deus todo tempo, com oração e súplica no espírito. O cristão deve perseverar crendo (orando) em Cristo sempre, e quando expressar a sua confiança em Deus através de palavras (oração e súplica), que o faça em conformidade com o evangelho (espírito).

Se o crente estiver em Cristo, e o espírito de Cristo no crente, o crente pode pedir a Cristo o que quiser, e Cristo mesmo O fará.

“Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito.” (João 15.7);

“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida.” (João 6.63);

“E qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos o que é agradável à sua vista. E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento. E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele. E nisto conhecemos que ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado.” (1 João 3.22-24).

Estas três passagens bíblicas estão intrinsecamente ligadas, pois aponta o

significado de espírito, e que o espírito (palavra de Cristo) é que guardemos os seus mandamentos, e que quem crê em Cristo guardou o mandamento de modo que está em Cristo e Cristo nele.

E qual a prova de que Cristo está em quem crê n'Ele? Pela sua palavra, ou seja, pelo espírito que foi dado. Se é pelo espírito que foi dado que temos certeza que estamos em Cristo, não podemos crer em qualquer espírito (1 João 4.1).

Quando os soldados se alistam para guerra não vão direto para a frente de batalha (*front*), antes é submetido a um treinamento. Durante o treinamento tem contato com um conteúdo teórico antes da prática, e com o cristão não deve ser diferente.

O crente começa a sua campanha adquirindo conhecimento ou, segundo a figura do recém-nascido, precisa se alimentar de leite racional, e por isso o apóstolo Pedro exorta:

[“Desejai afetosamente, como meninos RECÉM NASCIDOS, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo;”](#) (1 Pedro 2.2).

O apóstolo Paulo exorta em todas as suas epístolas que se faz necessário ao crente aumentar o seu conhecimento e discernimento, de modo que a oração (rogo) do apóstolo dos gentios a Deus era para que fossem cada vez mais obedientes (amor cresça), e para isso é imprescindível conhecimento e plena percepção.

[“E peço isto: que o vosso amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento,”](#) (Filipenses 1.9);

O apóstolo dos gentios se punha de joelhos (orava, rogava, intercedia) para que os cristãos de Éfeso (Efésios 3.14), para que pelo evangelho (fé) eles fosse um (habitar, conhecer) com Cristo, sem se demoverem da obediência (fundados e arraigados em obediência) (Efésios 1.17), para que pudessem compreender perfeitamente a dimensão do amor de Deus (Efésios 1.18).

O apóstolo Paulo enfatizava a importância de se conhecer a dimensão do evangelho se interpondo como exemplo:

[“Por isso, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,”](#) (Efésios 3.4).

O apóstolo Paulo é enfático ao dizer que NINGUÉM que está em guerra se embarça com NEGÓCIOS desta vida [“Ninguém que milita se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra”](#) (2 Timóteo 2.4).

Deixando de lado a linguagem com viés ‘belicoso’ utilizado pelo apóstolo Paulo, Jesus deixou claro que NINGUÉM que lança mão do arado OLHA PARA TRÁS [“E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus”](#) (Lucas 9.62).

Para falar acerca do que é necessário ao Cristão há três figuras utilizadas pelos apóstolos:

1. O leite para o recém-nascido;
2. A armadura para o soldado de Cristo, e;
3. A lavoura de Deus (1Co 3:9).

A fase de menino quanto ao entendimento é própria a todos os cristãos, porém, esta fase deve ser superada o quanto antes. Enquanto menino o cristão toma conhecimento dos princípios (rudimentos) da doutrina de Cristo, mas com o decorrer do tempo deve prosseguir até a perfeição, ou seja, alcançar a medida da estatura de Cristo [“Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo”](#) (Efésios 4.13).

O menino através do leite que lhe é ministrado compreende alguns aspectos da fé, já o homem perfeito participa de alimento sólido, pois é experimentado na palavra da justiça, ou seja, não compreende aspectos da fé, e sim, a unidade (plenitude) da fé.

Vale destacar que tanto o menino quanto o homem perfeito são herdeiros da mesma promessa e aptos (idôneos) para participar da herança dos santos na luz, ou seja, são salvos em Cristo Jesus (Colossenses 1.12). Porém, aos meninos cabe ser diligentes em aprender, e aos perfeitos cabe o ofício de ensinarem aos outros [“E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”](#) (2 Timóteo 2.2).

O escritor aos Hebreus descreve a condição de alguns cristãos que deveriam ser mestres, mas que permaneciam necessitados de leite:

“Do qual muito temos que dizer, de difícil interpretação; porquanto vos fizestes negligentes para ouvir. Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento. Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino. Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal. POR isso, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus” (Hebreus 5.11-14 e 6.1).

O termo grego no texto traduzido por ‘perfeito’ não tem em si questões de ordem moral, antes destaca uma questão funcional. Contemporizando o termo traduzido por ‘perfeito’, seria o mesmo que dizer que o mantimento sólido é para os adultos (perfeitos).

Como mensurar quem é perfeito? O perfeito é aquele que não tropeça na palavra da verdade, ou seja, que com relação a doutrina do evangelho não comete equívocos “Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, o tal é perfeito, e poderoso para também refrear todo o corpo” (Tiago 3.2).

O mestre é aquele que ‘refreia’ todo o corpo, ou seja, é o que detém o poder necessário para instruir, redarguir e repreender os membros do corpo de Cristo.

Sin.: sujeitar, subjugar, dominar, conter, moderar, reter.

A campanha do crente está exarada em Oseias 6, verso 3:

“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao SENHOR; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra” (Oseias 6.3).

‘Conhecer’ ao Senhor é se tornar um com Ele, ou seja, participante do corpo, membro do corpo de Cristo “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21). O primeiro ‘conhecer’ refere-se a comunhão íntima, participante da mesma natureza (2 Pedro 1.4).

E como prosseguir em 'conhecer' ao Senhor? Se dá inicialmente através do leite racional até que o crente passa a se alimentar com alimento sólido! O desenvolvimento do crente tem início quando se inteira dos rudimentos da doutrina de Cristo, e com o aprendizado constante, chega-se a estatura de varão perfeito.

O crente que possui a estatura de varão adulto, compreende:

3. Qual é a esperança da vocação que Deus concedida por Deus (1 João 3.2);
4. Quais as riquezas da glória da herança nos santos (Colossenses 1.27);
5. Qual a sobre-excelente grandeza do poder de Deus ao conceder a salvação (Efésios 1.18);
6. Qual a largura, comprimento, altura e profundidade do amor de Cristo;
7. Quando é cheio da plenitude de Deus (Efésios 3.18);
8. Quando chega à estatura de varão perfeito, à estatura de Cristo (Efésios 4.13);
9. Quando anda dignamente diante do Senhor e frutificando em toda boa obra (Colossenses 1.10);
10. Quando cresce mais e mais em amor;
11. Quando é sincero e sem escândalo algum;
12. Quando é cheio do fruto de justiça, e;
13. Aprova as coisas excelentes (Filipenses 1.10).

O menino, além de não poder comer alimento sólido, também não é enviado para guerra. Só é soldado de Cristo aquele que está apto a sofrer as aflições de Cristo, o que não é exigível de um menino (2 Timóteo 2.3). É por isso que o apóstolo Paulo instou Timóteo a se fortificar na graça que há em Cristo (2 Timóteo 2.1).

'Fortificar' é tradução do termo grego ἐνδυναμώω (endunamoó) que significa 'tornar-se capaz', 'habilitado', exortação que se estende a todos os cristãos: **"No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder"** (Efésios 6.1).

A habilidade se alcança através do exercício, por isso é dito:

"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2.15).

Para salvação é Cristo que habilita o crente, vez que se torna limpo pela palavra

anunciada por Cristo, mas para a condição de obreiro é o crente se apresenta aprovado, portanto, tem que se habilitar.

Aquele que maneja 'bem' a palavra da verdade é o que se habilitou (fortaleceu) no Senhor! Já a 'força do poder de Deus' se compara a uma armadura, e se refere ao evangelho, que é poder de Deus (Romanos 1.16). Somente a armadura de Deus dá suporte ao crente para resistir as astutas ciladas do diabo (Efésios 6.11).

O crente tem duas missões fundamentais como soldado de Cristo: defender a verdade do evangelho e atacar as fortalezas do inimigo.

As armas do crente não são carnis (sábados, luas, sacrifícios, circuncisão, etc.), ou seja, são espirituais (evangelho). O evangelho contém o poder necessário para destruir as fortalezas inimigas, que consiste nas mais variadas concepções (entendimento) de como o homem se salva.

O evangelho de Cristo tem o poder de destruir conselhos e altivez, tornando os homens cativos no entendimento, ou seja, servos de Cristo.

“Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo” (2 Coríntios 10.5).

É por intermédio do evangelho que o crente se defende das investidas do adversário, apagando os dardos inflamados do inimigo (doutrinas de engano). É através do escudo da fé (evangelho) que o crente mantém inalterada a doutrina dos apóstolos e dos profetas (Efésios 2.20).

Defesa do evangelho é conservar a fé (evangelho), a campanha da boa milícia:

“Este mandamento te dou, meu filho Timóteo, que, segundo as profecias que houve acerca de ti, milites por elas boa milícia; Conservando a fé, e a boa consciência, a qual alguns, rejeitando, fizeram naufrágio na fé” (1 Timóteo 1.18-19).

O apóstolo Paulo deu testemunho que fez uma boa campanha, pois combateu um bom combate, acabou a carreira e conservou a fé intacta.

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo 4.7).

Qualquer campanha ilegítima, que não seja a defesa do evangelho, não dá direito a recompensa. Se o objetivo da campanha é alcançar algum negócio pertinente a esta vida, não é uma campanha legítima, pois, o tesouro do crente é a posse da vida eterna.

“E, se alguém também milita, não é coroado se não militar legitimamente” (2 Timóteo 2.5).

A campanha de Jericó

Acreditar é suficiente para alcançar alguma bênção? Responder essa pergunta é imprescindível para analisar a validade das campanhas de concentração de fé.

Quando o sucessor de Moisés, Josué, e o povo juntamente tomaram a cidade de Jericó, assim o fizeram não somente por acreditarem. Na verdade Josué e o povo estavam obedecendo ao mando de Deus.

Josué bem sabia que de nada adianta acreditar, ou fazer uma concentração de pessoas entorno de um objetivo quer seja comum ou difuso, pois ele viu no que resultou quando os filhos de Israel resolveram tomar a terra prometida: morrerem a espada nas mãos dos amalequitas e cananeus (Números 14.45). A concentração de pessoas em função de suas credices nada resolve!

Josué não fez propósito de invadir Jericó, antes Deus havia feito uma promessa ao crente Abraão, e com base nessa promessa é que marcharam em direção a Jericó.

Quando alguém incita as pessoas a fazerem um propósito com Deus, ou durante uma campanha incentiva as pessoas a mentalizarem o que desejam receber de Deus, tal proposta não tem amparo na passagem da queda dos muros de Jericó.

Apelos como: - *“Deus é dono do ouro e da prata e prometeu para você o melhor dessa terra”*. - *“Se você tem um apartamento, o melhor é ter dois”*. - *“Se você tem um carro, o melhor ter dois carros”*. - *“Restaure a sua família, restaure a paz no seu lar”*. - *“Tenha seu esposo (a) de volta”*, etc., portanto, venha fazer a campanha dos ‘Sete mergulhos de Naamã’, ou ‘Derrubando as muralhas de Jericó’, etc., são todos falaciosos.

Observando a passagem bíblica da vitória de Israel sobre o povo de Jericó, constata-se que já havia passado quarenta anos em que o povo de Israel estava peregrinando no deserto por desobedecerem a Deus.

É fácil notar através do texto bíblico que a vitória de Israel sobre Jericó não foi proveniente de uma campanha ou de um propósito, quer seja de Josué ou do povo. Foi Deus quem estabeleceu que daria a terra da promessa aos descendentes da carne de Abraão, e para esse mister Deus escolheu Josué para liderar o povo de Israel e cumprir a sua palavra a Abraão, portanto, a conquista de Jericó era um propósito de Deus.

O propósito de atacar Jericó não partir de Josué ou do povo, antes Deus já havia estabelecido aos pais que todas as terras dalém do Jordão seriam terras de Israel. Foi Deus quem estabeleceu o número de voltas e o que deveriam fazer para conquistar a cidade de Jericó, portanto, a invasão de Jericó não resultou de uma campanha aos moldes do que se vê nas “igrejas” hoje.

Não foi Josué e nem o povo que fez propósito ou voto de rodearem a cidade por seis dias em silêncio, ou de rodearem a cidade de Jericó por sete vezes ao fim da sétima volta. Nem mesmo partiu do povo a iniciativa de incumbirem os sacerdotes para tocar as trombetas, ou de gritar com grande voz sob ordem de Josué.

Na campanha de Jericó Deus levou a efeito o seu propósito, já as campanhas em nossos dias induzem as pessoas a fazerem um propósito. Na batalha de Jericó Josué cumpriu uma ordem de Deus, já as campanhas de hoje incitam o povo a barganhar com Deus.

Qualquer campanha que ensine o povo a batalhar por bens terrenos, sob o argumento ‘mostre a tua fé fazendo uma doação’, ou ‘dê aquilo que você deseja multiplicar’, não passa de engodo.

Não foi o povo que estabeleceu o que queriam conquistar com aquela manobra militar contra Jericó. A derrocada de Jericó não se deu porque o povo fez a campanha e Deus ficou em débito com eles.

Quem pensa que a campanha contra Jericó foi fácil, está equivocado. A campanha contra Jericó era o termino de uma lição que durou quarenta anos, sendo que seiscentos mil homens que saíram do Egito morreram no deserto para que os seus filhos pudessem entender que Deus quer obediência à sua palavra, e não

voluntariedade e sacrifícios.

Você pode argumentar: - *“Mas isto foi no Antigo Testamento, irmão Claudio. Agora, estamos na graça, portanto, muita coisa mudou”*. Deus não muda e nem as suas exigências para com os seus servos!

Posso participar de campanhas?

Amado, após as análises acima, esclareço que até podemos ir a uma reunião intitulada ‘campanha’, vez que a liberdade do cristão é plena. *“Todas as coisas me são lícitas...”* (1 Coríntios 10.23).

A Bíblia deixa claro que aquele que está em Cristo (nova criatura) goza de plena liberdade. *“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis então da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor”* (Gálatas 5.13).

Ora, como fomos chamados à liberdade, devemos permanecer firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, ou seja, no evangelho (Gálatas 3.1). Apesar de livres, a ponto de todas as coisas serem lícitas para os cristãos, o apóstolo Paulo deixa uma ressalva:

“... mas nem todas as coisas convêm (...) nem todas as coisas edificam” (1 Coríntios 10.23).

Agora que você sabe que tem liberdade para participar de ‘campanhas’ como os ‘Sete mergulhos de Naamã’, analise se tal prática edifica, ou se é conveniente do ponto de vista bíblico.

Considerando a liberdade que o crente possui, o apóstolo Paulo recomenda aos cristãos que não voltem a se colocarem debaixo do jugo da servidão, ou seja, da lei.

Como cristão podemos circuncidar o prepúcio da carne, visto que temos liberdade, mas se o objetivo é se tornar membro da comunidade judaica para alcançar a salvação, a prática da incisão é dar ocasião a carne, portanto, ilícito e não edifica.

A circuncisão pode ser feita pelo cristão pelos mais variados motivos, desde uma recomendação médica, ou porque simplesmente desejou fazer. Nesses casos é lícito, mas isso não significa que edifica.

O apóstolo Paulo para levar Timóteo consigo, submeteu Timóteo à circuncisão, entretanto, o objetivo de ambos era ter entrada entre os judeus, visto que Tiago era filho de judia, mas de pai grego.

“Paulo quis que este fosse com ele; e tomando-o, o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego.” (Atos 16.3).

Quando é que a circuncisão se torna inconveniente e nem edifica? Quando se anuncia que a circuncisão tem o intuito de salvar (Atos 15.1). Se o crente se deixar circuncidar por imposição de alguma concepção religiosa, sob o pretexto de alcançar a salvação ou de se aproximar de Deus, tal posicionamento é inconveniente ao evangelho.

Tudo o que impede o crente de obedecer a verdade do evangelho é inconveniente e não edifica (Gálatas 3.7). Nada da antiga aliança pode ser amalgamado ao evangelho de Cristo, pois em Cristo só é permitido os ázimos da sinceridade, portanto, a doutrina de Cristo é livre do fermento da doutrina dos fariseus.

Se alguém te convidar para uma reunião onde se propõe uma campanha que enfatize a necessidade de fazer um propósito para alcançar alguma benesse de Deus, considere o que disse Naamã após ter sido curado da lepra:

- “Eis que agora sei que em toda a terra não há Deus senão em Israel” (2 Reis 5.15).

A cura de Naamã fez com ele concluísse que em toda a terra não havia Deus, senão em Israel. Mas, o mais importante não foi a cura, antes foi Naamã ter obedecido a ordem de Deus por intermédio do profeta, pois quando mergulhou sete vezes, Naamã tornou-se filho de Abraão, pois creu assim como Abraão.

“Assim como Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti. De sorte

que os que são da fé são benditos com o crente Abraão.” (Gálatas 3.6-9).

Abraão creu quando saiu do meio da sua parentela, e Naamã quando foi mergulhar em um rio desconhecido. Ambos obedeceram ao chamado de Deus, Abraão porque foi a um lugar que recebeu por herança, e Naamã a um rio com promessa de alcançar uma cura.

“Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.” (Hebreus 11.8).

Participar de uma campanha dos ‘Sete mergulhos de Naamã’ tem por objetivo te levar a conclusão que há Deus somente em Israel? Você ainda não é filho de Abraão?

Se você deseja ir até um ajuntamento de pessoas reunidas sob o pretexto de uma campanha para ver algum milagre, sinal, etc., lembre-se que os sinais são dados aos infiéis, já que a profecia é sinal para os fiéis, como Abraão e Naamã.

“De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis.” (1 Coríntios 14.22).

Naamã creu em Deus ao mergulhar sete vezes no rio Jordão, e o cristão crê em Deus (no testemunho acerca do seu Filho Jesus Cristo) quando creu que Jesus é o Filho do Deus vivo (1 João 5.10-11).

Naamã recebeu um mandamento e creu quando mergulhou sete vezes. Deus deu o Seu Filho, e o crente creu em Deus quando creu que Jesus é o enviado de Deus. Naamã foi bem-aventurado porque não viu e creu, e após a cura, confessou com a boca que só em Israel há Deus. O crente da mesma forma, ouviu o mandamento de Deus (1 João 3.23), e agora dá testemunho que Deus ressuscitou a Cristo dentre os mortos.

“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.” (João 20.29).

Não é em uma campanha de milagres que se compreende que o testemunho de Deus acerca do seu Filho é maior, portanto, não se deve esperar que um testemunho de uma graça alcançada em tal evento proporcionará o arrependimento bíblico. É mais provável que o testemunho de uma graça alcançada faça alguém crer no impossível, no milagre, no preletor, etc., do que

efetivamente admitir: Jesus ressurgiu dentre os mortos!

Basta crer em Cristo que o homem passa a ter vida eterna, portanto, pode-se abrir mão de participar dessas campanhas.

“Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testemunhou. Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (1 João 5.9-13).

Se para participar de uma campanha é necessário dar alguma dádiva a quem promoveu o evento, considera, pois, participar de tal campanha é inconveniente e nem edifica. A concepção do recém convertido Naamã era ‘abençoar’, ‘agradecer’, ‘recompensar’, etc., o profeta, porém, Eliseu rejeitou tal dádiva.

“... agora, pois, peço-te que aceites uma bênção do teu servo. Porém ele disse: Vive o SENHOR, em cuja presença estou, que não a aceitarei. E instou com ele para que a aceitasse, mas ele recusou” (2 Reis 5.15-16).

Ouro, prata, dinheiro, joias, carros, vestimentas, etc., são bênção? É possível abençoar com dinheiro? Analise a seguinte proposta: vou te abençoar com dinheiro, mas cuidado, o amor ao dinheiro é a raiz de toda espécie de males (1 Timóteo 6.10). Se Eliseu recusou aceitar uma doação, por que muitos insistem em pedir dinheiro?

Eliseu dá um exemplo nítido de que, mesmo sendo lícito um profeta aceitar uma doação, não convinha e nem edificava receber bens de Naamã. Eliseu aprendeu essa importante lição de Abraão, quando rejeitou receber despojos do rei de Sodoma.

“E o rei de Sodoma disse a Abrão: Dá-me a mim as pessoas, e os bens toma para ti. Abrão, porém, disse ao rei de Sodoma: Levantei minha mão ao SENHOR, o Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra, Jurando que desde um fio até à correia de um sapato, não tomarei coisa alguma de tudo o

que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Abrão; Salvo tão-somente o que os jovens comeram, e a parte que toca aos homens que comigo foram, Aner, Escol e Manre; estes que tomem a sua parte.” (Gênesis 14.21-24).

Para Naamã era suficiente crer que em Israel há Deus, mas para nos hoje, durante a plenitude dos gentios, é suficiente crermos que Jesus é o Filho de Deus, que morreu e ressurgiu, pois este é o mandamento que nos foi dado a obedecer:

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1 João 3.23).

Não há proveito em participar de uma campanha intitulada ‘Os sete mergulhos de Naamã’, visto que mergulhar no rio Jordão foi uma ordem específica a Naamã, portanto, sem efeito sobre qualquer outra pessoa. Se algum outro leproso corresse ao rio Jordão e mergulhasse, a cura não viria.

Hoje, o mandamento dado aos homens, que equivale a ordem dada a Naamã, é crer em Cristo. Semelhantemente, o Isaque a ser oferecido pelos homens hoje é crer em Cristo. O bolo a ser feito para o profeta com o pouco de farinha e azeite em nossos dias é crer em Cristo.

Deus provou Abraão exigindo o seu único filho em holocausto (Gênesis 22.18), e igualmente provou os filhos de Israel agraciando-os com o Maná, entretanto, esses foram reprovados e aquele aprovado. O que é mais difícil obedecer: imolar o único filho ou colher o alimento segundo a palavra de Deus?

“Então disse o SENHOR a Moisés: Eis que vos farei chover pão dos céus, e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu o prove se anda em minha lei ou não.” (Êxodo 16.4).

O imaginário popular atribui força, poder, energia, etc., aos elementos da natureza como água, fogo, terra, ar, plantas, pedras, etc. Muitas pessoas influenciadas por suas religiões creditam aos elementos da natureza poderes curativos, dispersantes de energias negativas, etc., e quando líderes evangélicos anunciam campanhas com águas unguida, óleo abençoado, toalha unguida, farinha abençoada, etc., atraem os incautos que se tornam presas fáceis.

Nesse sentido, preletores lançam mão do próprio imaginário para atribuir

significado a cada mergulho dado por Naamã. Não é de hoje que pregadores dão significado ao número de mergulhos que Naamã fez, e se esquecem que Deus pode curar com um mergulho ou sem mergulho algum. Esquecem que tudo o que foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, e que Deus estava ensinado a obediência.

O que Deus ensinou através da passagem de Jericó? É esta a lição: pouco esforço, grande vitória? Não! Deus ensinou que a sua palavra é fiel e verdadeira e que Ele é poderoso para cumpri-La. A palavra que foi dita a Abraão foi cumprida, e Deus não necessitou de auxílio dos homens para executá-la.

“Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança” (Romanos 15.4).

Muitos vão atrás de campanhas objetivando alcançar uma dádiva e esperam que o pastor faça imposições de mãos e imprecações. Assim como Naamã, esperam que o ministro se poste em pé diante do povo, faça imprecações de bênçãos e imposições de mãos. Palavras de ordem, como: - *“Receba!”*; - *“Toma a chave da bênção!”*; - *“Profetizo benção sobre a tua vida!”*, etc., não faltam em tais reuniões.

Se um estrangeiro esperava que fosse atendido pelo profeta de Deus da forma descrita acima, percebe-se que em nossos dias não é diferente. Tais práticas são chamariz dos falsos apóstolos, pois realizam o que muitos, com a mentalidade embotada, esperam que um homem de Deus faça.

“Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz” (2 Coríntios 11.13-14).

Muitos pastores sabedores dos anseios das pessoas por uma resolução de um problema, e o que essas pessoas esperam que um ministro faça, prontamente se posicionam como intermediadores da bênção e buscam na Bíblia dar significado a elementos táteis de modo a fundamentarem a crença das pessoas, como: água do rio Jordão, ramos das oliveiras de Israel, tecidos da terra santa, porção de terra do monte Sinai, etc.

Quantos pastores e apóstolos vão as águas do rio Jordão e enganam os incautos, como se a cura de Naamã se deu em função das águas do rio Jordão. Enquanto

Naamã pensava nas águas de Damasco, muitos são induzidos a pensar que o milagre ocorrerá se mergulhar nas águas do rio Jordão.

Quantas pessoas entendem que receberão milagres quando recepcionado por um pastor ou apóstolo? Quantos não reputam que, se o pastor se postar em pé, ou quando erguer as mãos, ou quando falar alto, etc., que Deus haverá de atender os seus pedidos? Quantos esperam que um pastor ou apóstolo passem as mãos sobre suas enfermidades, ou sobre fotos, ou imponham as mãos, e serão atendidos?

Basta ligar um rádio, uma televisão, ou acessar páginas na internet que inúmeras propostas semelhantes a essa aparecerão:

“Noites de milagre, curas e Libertação na Igreja (...) na campanha “Os Sete Mergulhos de Naamã.”

O apelo dos pastores, padres, anciões, etc., é: - “Coloque Deus a prova! Você e eu temos que conquistar. Deus é o Deus do impossível. É aqui que entra a nossa confiança em Deus”. Mentira!

A confiança do cristão deve estar firmada no firme fundamento estabelecido por Deus, que é Cristo. Cristo é a fé: o firme fundamento e a prova para aqueles que esperam a redenção.

“Porque em esperança fomos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos” (Romanos 8.24-25);

“ORA, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Hebreus 11.1).

A ênfase do cristão sobre o poder de Deus é com relação a salvação, pois o que é impossível ao homem é se salvar, e não ser curado da lepra, ou derrubar os muros de Jericó.

“Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá, pois, salvar-se? E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mateus 19.25-26).

Agora que você sabe que tem liberdade para participar de ‘campanhas’ como os ‘Sete mergulhos de Naamã’, fica um conselho: não vá.

Telescópio Hubble da NASA fotografou uma cidade celestial no espaço?

Qual o objetivo de Deus deixar a cidade que consta no Livro do Apocalipse ser fotografada por um telescópio da NASA? Fomentar a crença em Deus? Promover a crença nas revelações registradas pelo evangelista João?

Telescópio Hubble da NASA fotografou uma cidade celestial no espaço?

“Eu, porém, não recebo testemunho de homem; mas digo isto, para que vos salveis.” (João 5:34).

Introdução

Circula na internet um vídeo intitulado “*Satélite da NASA fotografa a cidade celestial*”, em um canal do YouTube, de nome ‘Alerta Cristão’, que se propõe a trazer ‘edificação’ para o público cristão.

Em resumo, o locutor, que se identifica como Fábio Santos, afirma que o satélite da NASA, de nome Hubble, conseguiu fotografar uma suposta cidade, que apareceu do nada, na longínqua imensidão do espaço. Ele enfatiza que é uma cidade de ouro e que ela está vindo do espaço, em direção à terra.

Após a introdução, que se faz acompanhar de músicas e imagens do espaço, o Sr. Fábio cita os versos 2 e 3, do capítulo 21, do Livro do Apocalipse, como se a cidade da revelação dada a João fosse a mesma que ele afirma que o Satélite Hubble captou as imagens.

Uma atmosfera de suspense e mistério envolve as declarações do Sr. Fábio, dando conta de que pesquisadores, ao analisarem um conglomerado de estrelas, através de lentes poderosas, lá pelos idos de 1994, ao aproximarem as lentes, viram que a forma das imagens retratava uma grande cidade, que alguns inferiram tratar-se da cidade descrita no Livro do Apocalipse.

Daí, segue-se um grande número de especulações e, por fim, o Sr. Fábio complementa a sua exposição, lendo, novamente, a passagem bíblica do Apocalipse, que faz referência à cidade que o evangelista João viu.

Seria verdade que o telescópio Hubble tenha fotografado a cidade santa? Neste artigo, analisaremos, à luz das Escrituras, as conjecturas levantadas pelo Sr. Fábio.

Credes em Deus, crede também em mim

De tempos em tempos, surgem materiais apelativos que divulgam determinados eventos, como se fossem verdadeiros milagres ou, fenômenos sobrenaturais, cuja essência é induzir uma crença em Deus. Geralmente, esses artigos apelam para profissionais da ciência, como se fosse uma espécie de autoridade, que dá autenticidade a algumas afirmações, que parecem ter certa relevância, com eventos e narrativas que constam da Bíblia.

Artigos como: ‘Após escavação profunda, cientistas gravam gritos vindos do centro da terra’; ‘Sons de trombeta reais, vindo dos céus, gravados pelo mundo’; ‘Astronautas veem anjos no espaço’, ‘Chineses descobrem a arca de Noé’, ‘Descoberta ossada de homens gigantes, em Jerusalém’, etc., geralmente, tentam fazer os leitores acreditarem no sobrenatural, no milagre, em anjos ou, em alguma história bíblica.

Entretanto, apesar de conterem inúmeros milagres e relatos de fenômenos sobrenaturais, o objetivo das Escrituras é demonstrar que Jesus é o Cristo. Não encontramos na Bíblia uma defesa acerca da existência de Deus, pois, provar a existência de Deus não é o seu objetivo.

Considerando o exposto nas Escrituras, de nada adianta crer que Deus existe,

crer em milagres, acreditar nos anjos, crer no sobrenatural, etc., se o homem não crer que Jesus é o Cristo. Se alguém diz que crê em Deus, que creia que Jesus é o Filho de Deus, pois as Escrituras são o testemunho que Deus deu acerca do Cristo.

Jesus disse aos seus discípulos, homens religiosos que acreditavam em Deus:

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.” (João 14.1).

Por que não é suficiente crer na existência de Deus? Porque crer, verdadeiramente, em Deus é obedecê-Lo, assim como fez o crente Abraão. Quem crê em Cristo, na verdade, crê em Deus que O enviou.

“E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou. E quem me vê a mim, vê aquele que me enviou.” (João 12.44-45).

Acreditar em uma pessoa é acreditar no que ela expressou e não na sua existência. Se acreditamos no testemunho de nossos semelhantes, certo é que o testemunho de Deus é superior, pois, Ele é verdadeiro e imutável:

“Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou. Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho.” (1 João 5.9-11).

O evangelista João é categórico, após narrar vários milagres, operados por Jesus: *‘Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo...’*, ou seja, a ênfase não está na existência de Deus, mas, no que foi dito por Deus, acerca do Seu Filho.

“Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” (João 20.30-31).

Abraão, assim como muitos gentios à época, cria na existência de Deus,

entretanto, quando lhe foi ordenado para sair da sua parentela para uma terra a ser revelada, saiu sem fazer qualquer objeção ou, questionamento, sobre a existência de Deus.

Não é próprio aos que existem dar prova de sua existência, antes, é próprio demonstrar a validade daquilo que diz. É contraditório alguém que existe, dar prova de sua existência, antes, é próprio procurar meios de afiançar que o que foi dito é firme, digno de confiança (1 Timóteo 1.15).

Quando Deus declarou Abraão justo, não apresentou argumentos em favor da Sua existência, antes, apontou para as estrelas dos céus e disse: *'Assim será a tua descendência'*. Ora, se Aquele que prometeu uma descendência numerosa detém o poder que criou as incontáveis estrelas dos céus, de qual garantia necessitava Abraão para crer em Deus?

“E eis que veio a palavra do SENHOR a ele dizendo: Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de tuas entranhas sair, este será o teu herdeiro. Então o levou fora, e disse: Olha agora para os céus, e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua descendência. E creu ele no SENHOR, e imputou-lhe isto por justiça.” (Gênesis 15.4-6).

Os judeus alegavam que criam na existência de um só Deus e o irmão Tiago enfatizou que, semelhantemente, os demônios também criam e até se submetiam (Tiago 2.19; Lucas 10.17). No entanto, importa obedecer a Deus, crendo que Jesus é o Cristo, do que, simplesmente, dizer que crê na existência de um só Deus. (João 6.29)

“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.” (João 6.29);

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.” (Ezequiel 33.31);

“Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca, e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído;” (Isaías 29.13).

“E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural;” (Tiago 1.22-23).

É sem valor diante de Deus dizer crer em um único Deus, se não cumprir a Sua palavra. Se o homem não crê em Cristo não realizou a obra proposta por Deus, ou seja, não se fez servo, antes engana-se com falso discurso, pois honra a Deus com os lábios e se resigna em praticar mandamentos de homens.

O escritor aos Hebreus afirmou que, sem fé é impossível agradar a Deus. Muitos entendem que, sem crer em Deus, é impossível agradá-Lo, porém, não é esse o significado de fé no texto. No texto ‘fé’ é uma figura de linguagem, uma metonímia[1], de modo que, como Cristo é o autor e consumidor da fé, sem Cristo é impossível agradar a Deus (Hebreus 12.2).

“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.” (Hebreus 11.6).

Os judeus buscavam aproximar-se de Deus, pois criam que há um só Deus, porém, para ser galardoado é necessário buscá-Lo, ou seja, invocar a Cristo, o Senhor que escondeu o seu rosto da casa de Israel (Isaías 8.17).

Isaías foi instruído a não andar no mesmo caminho do seu povo, ou seja, ele não devia conjurar, tendo por base o que o povo de Israel chamava de conjuração (sagrado). O profeta Isaías não devia obedecer (temais) o que o povo obedecia (teme), vez que o temor deles consistia somente em mandamento de homens, antes, deveria santificar a Cristo no coração, pois, Cristo é o temor (mandamento) e é a Ele que se deve assombro (obediência).

“Mas também, se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E não temais com medo deles, nem vos turbeis; Antes, santificai ao SENHOR Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós,” (1 Pedro 3.14-15).

“Porque assim o SENHOR me disse com mão forte, e me ensinou que não andasse pelo caminho deste povo, dizendo: Não chameis conjuração, a tudo

quanto este povo chama conjuração; e não temais o que ele teme, nem tampouco vos assombreis. Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; e seja ele o vosso temor e seja ele o vosso assombro. Então ele vos será por santuário; mas servirá de pedra de tropeço, e rocha de escândalo, às duas casas de Israel; por armadilha e laço aos moradores de Jerusalém. E muitos entre eles tropeçarão, e cairão, e serão quebrantados, e enlaçados, e presos.” (Isaías 8.11-15).

Qual o objetivo de Deus deixar a cidade que consta no Livro do Apocalipse ser fotografada por um telescópio? Fomentar a crença em Deus? Promover a crença nas revelações registradas pelo evangelista João? É possível acreditar que Jesus é o Cristo, o enviado de Deus, através de imagens captadas por um satélite?

Não recebo testemunho de homem

Se Jesus não se apoiou em testemunho de homens, que valor teria uma imagem de satélite para o evangelho de Cristo? Nenhum valor.

Antes de dizer que não aceitava testemunho de homem, Jesus foi enfático ao afirmar que, se testificasse de si mesmo, o seu testemunho não seria verdadeiro.

“Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro.” (João 5.31).

Se somássemos o testemunho de Jesus e de todos os seus conterrâneos, dizendo que Jesus é o Cristo, sem o testemunho das Escrituras, seria mentira. Se encontrássemos um documento histórico autêntico de Pilatos e Herodes, afirmando que Jesus é o Cristo, mas não houvesse o testemunho das Escrituras, o documento poderia ser historicamente autêntico, mas não seria verdadeiro.

Jesus Cristo de Nazaré é o Cristo por causa do testemunho das Escrituras, não porque homens resolveram acreditar que Ele fosse o Cristo. A crença dos homens não altera a essência de nada. Sem o testemunho de Deus, que é firme e imutável, seria impossível saber quem é o Cristo.

Jesus deixou claro que João Batista deu testemunho da verdade quando anunciou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (João 1.29), mas Ele não se

apoiava no testemunho de João.

“Vós mandastes mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. Eu, porém, não recebo testemunho de homem; mas digo isto, para que vos salveis. Ele era a candeia que ardia e alumiaava, e vós quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz.” (João 5.33-35).

Apesar de não aceitar testemunho de homem, Jesus fez referência a João Batista para que os seus ouvintes se salvassem, vez que acreditavam que ele era profeta.

Mas, por que Jesus não aceitou testemunho de homem? Porque somente o testemunho do Pai é firme e imutável, diferentemente, do testemunho dos homens, que é circunstancial e mutável.

No início do ministério de Jesus, João Batista deu testemunho de que Jesus é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e que nem era digno de desatar as sandálias dos seus pés. Passado algum tempo, quando estava preso a mando de Herodes, João Batista já não tinha tanta certeza, tanto que enviou seus discípulos para indagar se Jesus era aquele que havia de vir ou, se deveriam esperar outro.

“E João, chamando dois dos seus discípulos, enviou-os a Jesus, dizendo: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?” (Lucas 7.19).

Quando Jesus multiplicou os pães, que a multidão comeu a fartar, deram testemunho de que Jesus era o profeta que devia vir ao mundo.

“Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo.” (João 6.14).

Já pensou se Jesus tivesse baseado o seu ministério somente no testemunho de João Batista ou, no testemunho da multidão que o seguia? Que dirá basearmos o anúncio do evangelho em fotos, imagens, aparições, milagres, etc.

O testemunho de demônios

Em nossos dias é comum vermos alguns líderes religiosos se apoiarem no testemunho de pessoas, supostamente endemoninhadas, para alavancarem a

ascensão da sua liderança em suas comunidades. Se Jesus não admitia o testemunho de homens, que dirá dos demônios.

Os evangelistas Lucas e Marcos registraram alguns eventos, nos quais Jesus expulsava demônios, e estes, por sua vez, tinham que ser repreendidos, para não dizerem que Jesus era o Filho de Deus.

“E curou muitos que se achavam enfermos de diversas enfermidades, e expulsou muitos demônios, porém não deixava falar os demônios, porque o conheciam.” (Marcos 1.34);

“E também de muitos saíam demônios, clamando e dizendo: Tu és o Cristo, o Filho de Deus. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, pois sabiam que ele era o Cristo.” (Lucas 4.41).

O apóstolo Paulo, incomodado por uma advinha, expulsou aquele espírito, porque ela anunciava que Paulo e Silas anunciavam o caminho da salvação e que eram servos de Deus.

“Esta, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo. E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E na mesma hora saiu.” (Atos 16.17-18).

Ora, o evangelho não pode ter por base a fala de espíritos imundos, pois, não há comunhão entre o reino de Deus e o reino das trevas.

O que é uma ‘pareidolia’

A pareidolia é um fenômeno psicológico cognitivo de percepção, que envolve um estímulo vago e aleatório externo ao indivíduo, que pode ser uma imagem ou som, que lhe lembre a semelhança de algo.

É comum vermos imagens em nuvens, montanhas, solos rochosos, florestas, líquidos, janelas embaçadas e outros tantos objetos e lugares que parecem ter significado ou semelhança com pessoas e coisas.

A palavra pareidolia vem do grego 'para', que é 'junto de' ou 'ao lado de', e eidolon, *imagem, figura ou forma*. Pareidolia é um tipo de apofenia, termo proposto em 1959 por Klaus Conrad para o fenômeno cognitivo de percepção de padrões ou conexões em dados aleatórios.

Exemplo: A percepção de uma face humana em fotografia da superfície de Marte é um exemplo de apofenia e essa associação distorcida acaba fomentando especulações, crenças, superstições e ilusões de ótica.

Sem entrar no mérito se o telescópio Hubble de fato tenha captado as imagens utilizadas na especulação de que existe uma cidade feita de ouro no longínquo espaço, certo é que a imagem apresentada não passa de um estímulo cognitivo de percepção vago e aleatório que alguém inferiu ter semelhança com uma cidade.

Para afirmar com certeza que a imagem divulgada pelo canal do YouTube 'Alerta Cristão' é a Cidade Santa do Apocalipse, primeiro seria necessário que o Sr. Fábio, assim como o evangelista João, fosse arrebatado no Espírito e visse a Cidade Santa.

Mas, como não é o caso, certo é que o argumento utilizado no vídeo não passa de especulações e inferências a partir de um fenômeno cognitivo de percepção de padrões ou conexões.

Somente o apóstolo João viu a cidade Santa e somente ele poderia afirmar que as imagens fotografadas se assemelham com a cidade vista na visão e, mesmo assim, o apóstolo Amado não poderia afirmar categoricamente ser a cidade que viu na visão.

A grande cidade, a santa Jerusalém, não é dessa criação

Quem especulou que a imagem captada por satélite possivelmente fosse a Cidade do Apocalipse desconhecia que a Santa Jerusalém não é obra desta criação, mas da nova criação, quando Deus fará novos céus e nova terra.

“Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais

lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão.” (Isaías 65.17).

É impossível a grande cidade, a santa Jerusalém, estar vagando no espaço nesse instante, se todo o exército dos céus se dissolverá e os céus se enrolarão como um livro.

“E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira.” (Isaías 34.4).

Ao falar de Jesus, o Salmista demonstra que somente Ele permanecerá para sempre, enquanto o universo perecerá e será mudado a seu tempo:

“E: Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, E os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão, E como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, E os teus anos não acabarão.” (Hebreus 1.10-12; Salmo 102.25-27).

Esse testemunho de que os astros envelhecem e perecem foi constatado pela ciência, que demonstra que as estrelas envelhecem e morrem.

Além do mais, a Bíblia apresenta Jesus como sumo sacerdote de bens futuros, de um maior e mais perfeito tabernáculo, que não é feito por mãos e não é desta criação.

“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação,” (Hebreus 9.11).

Antes de surgir a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu, primeiro virá o dia do Senhor, no qual céus e terra passarão. (Apocalipse 21.10)

“Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão.” (2 Pedro 3.10).

Antes de ver a cidade santa, o evangelista João viu novos céus e nova terra, cuja superfície não contém mar.

“E VI um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira

terra passaram, e o mar já não existe.” (Apocalipse 21.1).

A nova cidade é descrita como enfeitada, assim, como uma noiva se enfeita para o seu noivo, porém, nada é dito acerca da sua forma, portanto, é impossível fazer conexão entre imagens da NASA, como se fosse a cidade do Apocalipse.

“E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.” (Apocalipse 21.2).

A única informação que traz luz à imaginação é que a cidade é quadrada, com um alto muro, possui doze portas e nela não há templos. Por fim, a cidade não necessita de sol ou lua para iluminá-la (Apocalipse 21.10-23).

Uma coisa é certa: o cristão não deve atentar para o que é visível, antes para o que é invisível. O crente tem que ser como Moisés, que pela palavra de Deus (fé), deixou o Egito, não temendo ao rei.

“Pela fé deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível.” (Hebreus 11.27).

O cristão não pode se demover da esperança proposta: “Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu” (Hebreus 10.23).

O cristão anda segundo a palavra de Deus, e não por vista.

“Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.” (...). “(Porque andamos por fé, e não por vista).” (II Coríntios 4.18 e 5.7).

O crente anda em Cristo, pois Ele é a fé manifesta.

“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio.” (Gálatas 3.23-25)

“Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele,” (Colossenses 2.6).

Quem não anda segundo Cristo, a fé que veio, se distrai com coisas que se veem,

como sinais e prodígios.

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” (Mateus 24.24);

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.” (Apocalipse 13.13).

Jesus Cristo é o que permanece para sempre, pois todas as outras são visíveis e móveis:

“A voz do qual moveu então a terra, mas agora anunciou, dizendo: Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu. E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam.” (Hebreus 12.26-27).

“Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda uma vez, daqui a pouco, farei tremer os céus e a terra, o mar e a terra seca; E farei tremer todas as nações, e virão coisas preciosas de todas as nações, e encherei esta casa de glória, diz o SENHOR dos Exércitos. Minha é a prata, e meu é o ouro, disse o SENHOR dos Exércitos. A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o SENHOR dos Exércitos, e neste lugar darei a paz, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Ageu 2.6-9).

Não busquemos sinais e maravilhas nos céus, na terra ou no mar, para anunciarmos o evangelho, antes, aguardemos na palavra de Deus, pois, ela tem de ser a base da nossa pregação.

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre. Porque Toda a carne é como a erva, E toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; Mas a palavra do SENHOR permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada” (1 Pedro 1.23-25).

“Uma voz diz: Clama; e alguém disse: Que hei de clamar? Toda a carne é erva e toda a sua beleza como a flor do campo. Seca-se a erva, e cai a flor, soprando nela o Espírito do SENHOR. Na verdade o povo é erva. Seca-se a erva, e cai a flor, porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente.”

(Isaías 40.6-8).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“Metonímia (português brasileiro) ou transnominção (português europeu) (do grego μετωνυμία, transl. metonymía, ‘além do nome’ ou ‘mudança do nome’) é uma figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, dada a sua contiguidade (e não a similaridade) material ou conceitual com outra palavra. Trata-se de uma substituição lógica de um termo por outro, mantendo-se, todavia, uma proximidade entre o sentido de um termo e o sentido do termo que o substitui. Exemplo: quando se troca o autor pela obra”*. Wikipédia. < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Meton%C3%ADmia> >.

Aqueles que nunca ouviram o evangelho serão salvos?

A pergunta acerca das pessoas que nunca ouviram o evangelho invariavelmente questionará o juízo e a justiça de Deus.

Aqueles que nunca ouviram o evangelho serão salvos?

“Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.” (João 3:18).

Introdução

Essa questão é formulada de diversas formas: Os aborígenes de tribos isoladas

serão salvos? Os índios que nunca ouviram o evangelho serão salvos? Quem nasceu antes de Jesus vir ao mundo será salvo?

As respostas são inúmeras, e geralmente, produto de especulações. Na sua grande maioria são respostas sem um fundamento exclusivamente bíblico, outras, se arriscam citar algumas passagens das Escrituras, mas não explicam o significado.

Outros buscam diversos posicionamentos, principalmente, agora, com os recursos que a internet disponibiliza tão facilmente, e como não possuem uma bagagem de conhecimento bíblico, acabam não tendo elementos para fazer o que recomendou o apóstolo João: julgar se os espíritos (mensagem, ensino, pregação) vem de Deus ou não (1 João 4:1 -2).

Como não há nas Escrituras nenhum versículo falando abertamente o que sucederá àqueles que não ouviram a verdade do evangelho, temos que depreender a resposta para essa questão através de texto que falam da salvação em Cristo.

Já está condenado

Quando conversou com Nicodemos, um mestre e juiz em Israel, Jesus ensinou que quem crê no Filho de Deus enviado ao mundo não é condenado, mas quem não crê já está condenado (João 3:18).

Por que é necessário destacar essa verdade? Porque geralmente a questão: *'Será salvo quem não ouviu o evangelho?'*, independentemente de ser 'sim' ou 'não' a resposta, trará questionamentos acerca da justiça de Deus.

Quem não crê em Cristo está sob condenação, verdade que o apóstolo Paulo evidenciou ao dizer que o juízo já veio sobre todos os homens para condenação (Romanos 5:18).

Quando, onde e como os homens foram julgados e condenados? No início dos tempos, lá no Éden, quando Adão desobedeceu a Deus e comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Em função da desobediência de um só homem que pecou, muitos homens foram feitos pecadores (Romanos 5:19).

Lá no Éden, no momento em que Adão comeu do fruto da árvore do conhecimento, ele foi julgado e apenado com a morte, ou seja, separação de Deus, sem comunhão. Como a pena imposta a Adão pela ofensa passou a todos os seus descendentes, é dito que todos pecaram, ou seja, estão impróprios para o propósito de Deus.

Considerando negativamente, isto significa que os homens não se tornam pecadores, ou aprendem a pecar ao longo da vida. Ser pecador não é uma questão de comportamento, caráter ou consciência. Saber ou não da condição de pecador não influencia essa condição que o homem herdada de berço.

Considerando positivamente, os homens são criados (feitos) pecadores quando nascem. Embora uma criança não tenha feito bem ou mal, nem mesmo tenha consciência de sua existência, do ponto de vista da consciência é inocente (simples), entretanto pesa sobre o infante uma condenação decorrente da ofensa do pai da humanidade.

Neste ponto se faz necessário ilustrar a condição do homem sob domínio do pecado, que se impõe a todos os descendentes de Adão por força da lei 'certamente morrerás' e que subjuga (agulhão) o homem através da morte.

[“Ora, o agulhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.”](#) (1 Coríntios 15:56).

A primeira ilustração é a escravidão. A escravidão é prática social antiga em que um homem adquiria direito legal de propriedade sobre outro homem, direito esse decorrente de compra, espólio de guerra, dívida, nascimento, etc.

Adão antes de ofender a Deus era 'livre', ou seja, gozava de comunhão com o Criador. Após a ofensa, perdeu a liberdade que possuía com o Criador e passou à condição de servo do pecado, pois com a ofensa vendeu-se como escravo (Romanos 7:14).

Semelhantemente aos senhores que detinham direito pleno sobre os seus escravos, a prole dos escravos também eram propriedade dos senhores de escravos, portanto, igualmente escravos como seus pais. Essa condição imposta aos infantes nascidos escravos não decorria de questões morais, caráter, consciência, etc., mesmo eles sendo inocentes no quesito consciência: não sabiam discernir entre bem e mal, e nem lhes era perguntado se queriam ou não ser

escravos.

Outra ilustração decorre das plantas. As plantas nascem de uma semente, quer sejam ervas daninha ou árvores frutíferas. Se uma árvore é boa, isto significa que a semente também o é. E se uma árvore é má, igualmente significa que a semente é má. A árvore ser boa ou má não decorre de questões como caráter, moral ou consciência.

Semelhantemente a Bíblia compara os homens a ervas, plantas e árvores, todos nascidos de uma semente corruptível, a semente de Adão. São denominados maus não em vista do caráter, moral ou consciência, mas da condição imposta pela natureza da semente: má.

É por isso que Jesus chamou os fariseus de maus, mesmo eles parecendo justos aos olhos dos homens:

“Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mateus 7:11).

Por que eram maus, mesmo sabendo dar boas dádivas aos seus semelhantes? Porque eram plantas que Deus não plantou.

“Ele, porém, respondendo, disse: Toda a planta, que meu Pai celestial não plantou, será arrancada.” (Mateus 15:13).

É pelas razões acima que todos os homens sem Cristo são descritos como já condenados.

Entretanto, Jesus foi enviado por Deus para salvar os homens, e não condena-los. Seria sem propósito Deus enviar o Cristo para condenar os homens se todos já estão condenados em função da ofensa de Adão.

Dois caminhos e dois destinos

Certa feita Jesus se apesou aos seus discípulos como a porta, o caminho e a vida, e fez uma ressalva: *‘Ninguém vem ao Pai, senão por mim.’* (João 14:6).

Nesta asserção temos dois pontos a destacar:

1. Cristo é o único caminho pelo qual o homem tem acesso a Deus. Não há outro nome pelo qual os homens possam ser salvos (Atos 4:12). Por isso o alerta: estrai pela porta estreita! Jesus é o caminho estreito cujo destino é a vida, portanto, é imprescindível ao homem entrar por Cristo? Como se entra por Cristo? Nascendo de novo! Sem nascer de novo é impossível entrar no reino dos céus, portanto, o novo nascimento é o modo pelo qual o homem entra por Cristo;
2. Ninguém pode se chegar a Deus, senão por intermédio de Cristo. O pronome indefinido 'ninguém' não comporta exceção, portanto, o termo não deixa brecha para suposições e ilações.

Observe que Cristo é o caminho cujo destino é Deus, portanto, é o caminho que possui um destino estabelecido antes da fundação do mundo, e não os homens, o que afasta qualquer concepção fatalista ou determinista.

Por ser a porta estreita, o apóstolo Paulo faz referência a Cristo como o último Adão, de modo que a porta larga, necessariamente, só pode ser o primeiro Adão.

Adão é a porta larga pela qual todos os homens vêm ao mundo (exceto o Cristo), e por acessarem o mundo através da mãe, estão em um caminho largo que tem por destino a perdição.

Para entrar por Cristo, primeiro o homem natural tem que morrer com Cristo e ser sepultado, e, somente então, é criado de novo por Deus em verdadeira justiça e santidade, participante da natureza divina, livre da condenação em Adão.

Argumentos humanos

Adão transgrediu e foi condenado à morte, e a consequência da ofensa dele, por sua vez, passou a todos os homens, por isso é dito que todos pecaram (Romanos 5:12). Se Deus não providenciasse salvação poderosa aos homens, ao enviar o seu Filho Unigênito, não haveria injustiça da parte de Deus no fato de Adão e os seus descendentes permanecerem na perdição para sempre.

Se assim fosse, a condição da humanidade se assemelharia a dos seres angelicais

caídos, que não tiveram oportunidade de redenção. Toda a fração de anjos caídos está para sempre perdidos, e não há injustiça em Deus em não proporcioná-los salvação.

Alguém pode argumentar: sim, isto porque os anjos possuíam conhecimento pleno de Deus, e por isso não foram perdoados, e Adão, por não possuir todo conhecimento, foi alcançado pela misericórdia de Deus.

Neste ponto se faz necessário algumas observações:

1. Os seres angelicais não possuía todo conhecimento acerca de Deus e do seu propósito, visto que, na igreja é que se revelou a multiforme sabedoria de Deus e jamais um ser finito pode conhecer Aquele que é infinito (Efésios 3:10);
2. Lúcifer é descrito através de uma profecia direcionada ao príncipe de Tiro como 'mais sábio que Daniel', e que 'não há segredo que se possa esconder' dele (Ezequiel 28:3), o que não é o mesmo que ter todo o conhecimento acerca de Deus;
3. Pela falta de conhecimento de que o propósito eterno de Deus tem por alvo a Si mesmo (Efésios 3:11), Lúcifer vislumbrou o segredo que Deus colocou no Jardim do Éden, e imaginou em seu coração que se alcançasse a semelhança do Altíssimo, alçaria posição acima das Estrelas (seres angelicais) de Deus (Isaiás 14:13 -14), estimando a si mesmo em seu coração como se fora Deus (Ezequiel 28:6), o que indica que os seres angelicais não tinham pleno conhecimento acerca do propósito de Deus, portanto, em condição análoga aos homens no quesito conhecimento, saber.

Em razão das considerações acima, pleno conhecimento por parte das criaturas condenadas não é o que qualifica Deus como justo, antes em essência Deus é justo em todos os seus julgamentos e decisões.

Os seres angelicais possuíam conhecimento suficiente para confiarem em Deus pela sua fidelidade e imutabilidade, e Adão, semelhantemente, não era inocente, pois possuía conhecimento suficiente para confiar na fidelidade de Deus, quando lhe foi dito:

[“De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela](#)

comeres, certamente morrerás.” (Gênesis 2:16).

Apesar da queda do homem, em razão do propósito eterno que Deus estabeleceu em Si mesmo na pessoa de Cristo (Efésios 1:9 e 3:10 -11), por sua misericórdia e graça, Deus proveu salvação poderosa quando disse à ‘serpente’:

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3:15).

Satanás quando da queda levou consigo terça partes dos seres angelicais (Apocalipse 12:4), mas mesmo a terça parte que foi enganada não foram alvos da misericórdia de Deus, não havendo injustiça da parte de Deus, semelhantemente, um homem pecou (transgrediu um mandamento) e todos os homens pecaram (perderam a comunhão com Deus em razão da separação - morte), e não haveria injustiça da parte de Deus se não fosse demonstrado a sua misericórdia em Cristo.

Todos os homens quando vem ao mundo, por causa da ofensa de Adão, estão sob condenação, por isso é dito:

“Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.” (1 Coríntios 15:21 -22).

Ao analisarmos a questão da redenção, não podemos nos guiar por inferência, ou pelo que dizemos acreditar. A crença do homem não significa nada se não for com base na verdade das Escrituras.

Se através de Adão veio a morte e todos morreram, e por intermédio de Cristo, o último Adão, veio a ressurreição dos mortos e vivificação, certo é que à parte de Cristo não há salvação.

Deus sendo justo, para justificar o homem gratuitamente, proveu redenção em Cristo. Ao propor propiciação aos homens pela crença em Cristo, Deus concilia o seu atributo imutável de justo com o fato de ter que justificar os ímpios, desde que creiam em Cristo.

“Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.” (Romanos 3:26).

Deste modo, se é imprescindível a propiciação em Cristo de modo a conciliar o

fato de Deus ser justo e justificador, é equivocada a concepção da existência do purgatório, bem como qualquer outra possibilidade de salvação, se não por intermédio de Cristo.

Se Deus sendo justo, só pode ser justificador ao propor redenção em Cristo, não há qualquer suporte bíblico crer que toda pessoa igualmente teve, tem e terá idêntica oportunidade de salvação.

Antes de prosseguirmos, vale destacar que crer na existência de Deus não proporciona salvação. Os judeus criam em Deus, mas Jesus alertou os seus discípulos da necessidade de crer n'Ele (João 14:1), pois a promessa de redenção foi proposto por Deus com relação a crer em Cristo.

A única forma de o homem demonstrar que crê verdadeiramente em Deus é somente crendo no testemunho que Deus deu acerca de Cristo.

“E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus;” (1 Pedro 1:21);

“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;” (João 17:20);

“E Jesus clamou, e disse: Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou.” (João 12:44)

Crer em qualquer questão acerca de Deus como existência, natureza, leis, etc., não salva o homem, e sim, crer em um mandamento específico estabelecido por Ele, tendo em vista que Adão pecou quando desobedeceu a um mandamento específico.

Na Antiga Aliança muitos criam na existência de Deus, outros confiavam que eram salvos por serem descendentes da carne de Abraão, mas somente aqueles que criam que o Descendente prometido a Abraão seria chamado em Isaque é que foram salvos (Romanos 9:7). O restante de Israel pereceu no deserto porque Deus não se agradou da maior parte deles (1 Coríntios 10:5).

Na Nova Aliança o princípio é o mesmo, o que muda é somente a mensagem, pois é necessário crer que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Descendente prometido a Abraão.

É por isso que o apóstolo Paulo alerta:

“Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam o evangelho de paz; dos que trazem alegres novas de boas coisas.” (Romanos 10:14 -15).

Má leitura de Romanos 1

Todos os homens comparecerão diante de Deus para serem julgados com relação às obras, e nisto não há acepção de pessoas. Os perdidos serão julgados no Tribunal do Grande Trono Branco (Apocalipse 20:13), os membros do corpo de Cristo galardoados no Tribunal de Cristo (2 Coríntios 5:10).

Ser julgado quanto às obras no Grande Tribunal do Trono Branco não é determinar se alguém será salvo ou não, pois essa questão já foi decidida no Éden, antes serão verificadas as intenções do coração com relação a tudo o que foi realizado por meio do corpo.

Embora grande parte dos homens, exceção aos que não tiveram consciência da própria existência (crianças, doentes mentais, etc.), tiveram contato com a natureza, ouviram acerca da existência de Deus, ou perceberam a existência de Deus, contudo, lhes era impossível se achegar a Deus, pois qualquer entendimento humano acerca das coisas de Deus é pleno de equívocos, pois só é possível ao homem conhecer a Deus quando Ele se revela por meio da sua palavra.

Quando se lê o Salmo 19, em que o salmista afirma que os céus declaram a glória de Deus e os céus anunciam as obras de suas mãos (Salmo 19:1), em tal mensagem não há conteúdo essencial à salvação: um mandamento de Deus! (Salmo 71:3). Entretanto, o mesmo Salmo enfatiza que a lei do Senhor é perfeita, e o seu mandamento puro e ilumina os olhos, de modo que faz o homem compreender os seus erros e protege da soberba (Salmo 119:7 -14).

A grande confusão se instala quando alguns teólogos interpretam o primeiro capítulo da epístola aos Romanos, especificamente após a saudação,

congratulações e louvor a Deus pelo evangelho: o poder de Deus para salvação de todo que crê (Romanos 1:1 -17).

O apóstolo destaca que muitas vezes foi impedido de ir a Roma para ter entre eles algum fruto, como tinha obtido entre os gentios (Romanos 1:13). Ele se apresenta como devedor a todos os homens, isto no sentido de todos os povos, tribos, línguas e nações, de modo que queria pregar a bárbaros e gregos, respectivamente, simples e sábios (Romanos 1:14).

Como o anseio do apóstolo dos gentios era anunciar o evangelho a qualquer um, não importando a nacionalidade, língua e povo, daí o ardente desejo de anunciar o evangelho também em Roma (Romanos 1:15).

O motivo é triplo:

1. Porque o apóstolo Paulo, que foi perseguidor da igreja de Deus, tinha a necessidade de evidenciar em Roma que não se envergonhava do evangelho de Cristo (Romanos 1:16), e;
2. Porque é no evangelho que se descobre a justiça de Deus (Romanos 1:17);
3. Porque é revelada ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detém em injustiça o que se pode conhecer de Deus, pois Deus manifestou (Romanos 1:18).

O apóstolo Paulo tinha plena certeza do poder do evangelho, por isso não se envergonhava e recomendava aos cristãos que também não se envergonhassem (2 Timóteo 1:8 e 12).

O apóstolo tinha plena certeza que na mensagem do evangelho a justiça de Deus é revelada, mas os judeus, por rejeitarem a Cristo, preferiram a justiça da lei à justiça de Deus (Romanos 10:3).

Os judeus não conheceram a Cristo porque reprimiram a verdade em injustiça, visto que o que se pode conhecer de Deus manifesto foi entre eles (Romanos 1:19; Ef 5:6), pois Deus a eles manifestou: Cristo, a justiça de Deus (João 1:9 -11).

“αποκαλυπτεται γαρ οργη θεου απ ουρανου επι πασαν ασεβειαν και αδικιαν ανθρωπων των την αληθειαν εν αδικια κατεχοντων” Byzantine/Majority Text
(2000)

“é revelada[2] Pois[1] (a)ira de Deus de (o)céu sobre toda impiedade e injustiça de

(as) pessoas as a[2] verdade[3] em[4] injustiça[5] que suprimem[1], porque o conhecível (=que se pode conhecer) de Deus manifesto está entre eles; Deus[2] pois[1] a eles manifestou” Novo testamento Interlinear Grego/Português, SBB.

Enquanto para os cristãos Jesus é causa de justificação, para os que não creem é perdição, pois resistem (suprimem) a verdade em injustiça.

“E em nada vos espanteis dos que resistem, o que para eles, na verdade, é indício de perdição, mas para vós de salvação, e isto de Deus.” (Filipenses 1:28);

“Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus;” (Romanos 2:5);

“Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade;” (Romanos 2:8).

A ira de Deus sobre os contenciosos é revelada, sabida, conhecida: perdição, mas os judeus, apesar de Cristo, a justiça de Deus ter sido revelada, eram astutos e falsificadores, blasfemavam da verdade, rejeitaram a Pedra Viva, resistiam à verdade e se gloriavam e mentiam contra a verdade.

“Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.” (II Coríntios 4:2);

“E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade.” (II Pedro 2:2);

“E, chegando-vos para ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa,” (I Pedro 2:4);

“Mas, se tendes amarga inveja, e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade.” (Tiago 3:14);

“E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé.” (II Timóteo 3:8).

Os versos 16, 17, 18 e 20 tem a conjunção γάρ, transliterada 'gar', que se traduz por 'porque', 'pois', 'visto que', 'então', no início dos versos, introduzindo uma argumentação explicativa que demonstra o motivo da prontidão do apóstolo expressa no verso 15: ir a Roma.

O apóstolo dos gentios demonstra que os judeus são indesculpáveis, visto que os atributos de Deus são facilmente entendidos e percebidos pelas coisas criadas, e conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus e nem renderam graças, antes se fizeram inúteis em seus raciocínios e os seus corações insensatos foram obscurecidos.

Como pode ser isso? O historiador no Livro de segunda Reis assim descreve:

“E o SENHOR advertiu a Israel e a Judá, pelo ministério de todos os profetas e de todos os videntes, dizendo: Convertedei-vos de vossos maus caminhos, e guardai os meus mandamentos e os meus estatutos, conforme toda a lei que ordenei a vossos pais e que eu vos envie pelo ministério de meus servos, os profetas. Porém não deram ouvidos; antes endureceram a sua cerviz, como a cerviz de seus pais, que não creram no SENHOR seu Deus. E rejeitaram os seus estatutos, e a sua aliança que fizera com seus pais, como também as suas advertências, com que protestara contra eles; e seguiram a vaidade, e tornaram-se vãos; como também seguiram as nações, que estavam ao redor deles, das quais o SENHOR lhes tinha ordenado que não as imitassem. E deixaram todos os mandamentos do SENHOR seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezerros; e fizeram um ídolo do bosque, e adoraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal.” (2 Reis 17;13 -16).

Os judeus se dizendo sábios, se fizeram loucos, por isso é dito:

“Os sábios são envergonhados, espantados e presos; eis que rejeitaram a palavra do SENHOR; que sabedoria, pois, têm eles?” (Jeremias 8:9);

“Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, E aniquilarei a inteligência dos inteligentes.” (1 Coríntios 1:18 -19).

Como loucos, mudaram a glória de Deus, que é incorruptível, e a retrataram em semelhança de homem corruptível, bem como de aves, quadrupedeis e répteis

(Romanos 1:22 -23)

Em razão da loucura de Israel, Deus, por intermédio do salmista Asafe, protestou dizendo:

“Mas o meu povo não quis ouvir a minha voz, e Israel não me quis. Portanto eu os entreguei aos desejos dos seus corações, e andaram nos seus próprios conselhos.” (Salmo 81:11 -12).

O profeta Jeremias descreve o povo de Israel como um bando de adúlteros e aleivosos, pois cada qual zombava do seu próximo quando expunham as suas mentiras, ou seja, não havia honra entre eles (Romanos 1:24).

“Oh! se tivesse no deserto uma estalagem de caminhantes! Então deixaria o meu povo, e me apartaria dele, porque todos eles são adúlteros, um bando de aleivosos. E encurvam a língua como se fosse o seu arco, para a mentira; fortalecem-se na terra, mas não para a verdade; porque avançam de malícia em malícia, e a mim não me conhecem, diz o SENHOR. Guardai-vos cada um do seu próximo, e de irmão nenhum vos fieis; porque todo o irmão não faz mais do que enganar, e todo o próximo anda caluniando. E zombará cada um do seu próximo, e não falam a verdade; ensinam a sua língua a falar a mentira, andam-se cansando em proceder perversamente.” (Jeremias 9:2 -5).

A realidade que o apóstolo Paulo descreve não se trata dos gentios, pois é sem propósito Deus tratar com aqueles que não são seu povo e que não receberam instrução de como proceder assim como os judeus.

Já os Judeus foram instruídos a servir a Deus em verdade e em justiça, mas mudaram a verdade em mentira, e serviram a criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente. (Romanos 1:25), pois tudo o que a lei, os profetas e os Salmos diz, aos que estão debaixo da lei o diz:

“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus.” (Romanos 3:19).

O apóstolo Paulo enfatiza que os filhos de Israel foram abandonados às paixões infames, fazendo referência às relações estabelecidas como abomináveis na lei, em que homens se relacionam com homem e mulheres com mulheres. Alguém

poderia objetar da acusação do apóstolo, mas tais prescrições legais estavam na mesma Escritura que determinava que não se praticasse nenhuma das abominações vetadas:

“E da tua descendência não darás nenhum para fazer passar pelo fogo perante Moloque; e não profanarás o nome de teu Deus. Eu sou o SENHOR. Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é; Nem te deitarás com um animal, para te contaminares com ele; nem a mulher se porá perante um animal, para ajuntar-se com ele; confusão é. Com nenhuma destas coisas vos contamineis; porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que eu expulso de diante de vós.” (Levítico 18:21 -24).

Se alguém tropeça em um quesito da lei é culpado de toda a lei (Tiago 2:10), portanto, é inócuo dizer que não incorreu na abominação de se deitar com alguém do mesmo gênero, se profana o nome de Deus fazendo os seus filhos passar pelo fogo.

Como os filhos de Israel abandonaram a Deus, Deus os abandonou às paixões infames (Romanos 1:26), e como não se importaram em ter conhecimento de Deus, foram entregues a um mentalidade reprovável, para fazerem coisas inconvenientes.

O profeta Oseias denuncia os filhos de Israel pela falta de interesse no conhecimento e os descreve como desavergonhados, sem honra (Oseias 4:6 -14).

A má leitura acerca das condutas descritas pelo apóstolo em um primeiro momento parece apontar para os gentios, mas ao compreender as denúncias dos profetas, vê-se que os filhos de Israel eram cheios de:

‘... iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia” (Romanos 1:29 -31).

Daí o motivo da lei:

“Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para

os parricidas e matricidas, para os homicidas, Para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina,” (1 Timóteo 1:9 -10).

Os Judeus conheciam a justiça estabelecida pela lei, pois era digno de morte quem praticasse tais condutas, mas além de praticarem, consentiam com quem as praticavam.

“Quando vês o ladrão, consentes com ele, e tens a tua parte com adúlteros.”
(Salmo 50:18).

É comum ouvir no meio evangélico que Deus se revelou na natureza a todos os homens, e utilizam o verso 20 de Romanos 1, porém, o texto protesta contra os filhos de Israel que foram instruídos por Deus a não fazerem imagens de esculturas, e mesmo sendo possível perceber os tributos de Deus pelas coisas criadas, não O horaram, mas se tornaram fúteis e, na loucura de seus corações, se desvaneceram.

Os pecadores

A questão a ser discutida não é se todas as pessoas no planeta ouviram ou não acerca de Deus. Se ouviram ou não, não faz diferença, pois saber da existência de Deus não livra o homem da condenação estabelecida em Adão, pois só através do conhecimento revelado em Cristo é que muitos são justificados (Isaías 53:11).

O conhecimento de Deus que salva é Cristo, pois é Ele que revela Deus ao mundo, e não as coisas que por Deus foram criadas.

Se o homem olhasse para a natureza e reputasse que foi o Filho de Deus o Criador de todas as coisas, por certo seria salvo, pois creia segundo o testemunho que Deus deu acerca do seu Filho:

“Desde a antiguidade fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles se envelhecerão como um vestido; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Porém tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim” (Salmo 102:25 -27; Hebreus 1:10 -12);

“NO princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” (João 1:1 -3);

“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.” (Hebreus 1:2).

O homem que olha para a natureza tem condições de crer que a glória que os céus declaram refere-se a Cristo? Que o firmamento é obra das mãos do Filho? De certo que não.

“Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.” (Salmo 19:1).

É em razão desta verdade que é dito no Salmo 53 que *‘... não há ninguém que faça o bem. Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. Desviaram-se todos, e juntamente se fizeram imundos; não há quem faça o bem, não, nem sequer um.’* (Salmo 53:1 -3), inclusive os judeus, a quem a lei foi entregue, pois estavam em igual condição a dos gentios: perdidos.

Se os Judeus, sendo informado pela lei acerca de existência de Deus não tinha entendimento (Romanos 10:2), e por mais que iam ao templo, não buscavam a Deus, que se dirá dos gentios?

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.” (Ezequiel 33:31).

A condição de ímpio se determina na origem, no berço, desde que o homem nasce, e não quando o homem sabe discernir entre o bem e o mal.

“Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, falando mentiras.” (Salmo 58:3).

Isto posto, não há diferença se alguém ouviu ou não falar a respeito de Deus, se rejeitou ou não crer na existência de Deus, ou se pode entender os atributos imutável de Deus através do que a natureza revela, se não ouviu acerca do Cristo e não creu, está condenado.

Quando é dito em Deuteronômio que se achará Deus quando buscar de todo coração, esta palavra tinha por alvo exclusivamente os Judeus:

“Então dali buscarás ao SENHOR teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma.” (Deuteronômio 4:29).

O versículo não diz que todos os que buscarem, e sim, buscarás ao Senhor teu Deus. Como? Sujeitando-se à sua palavra. Os Judeus buscariam a Deus quando guardassem os mandamentos e estatutos estabelecidos na lei.

“Quando deres ouvidos à voz do SENHOR teu Deus, guardando os seus mandamentos e os seus estatutos, escritos neste livro da lei, quando te converteres ao SENHOR teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma.” (Deuteronômio 30:10).

E os gentios à época da lei? Só buscariam a Deus se se tornassem prosélitos, como fizeram Tamar, Raabe, Rute e muitos outros.

Não há como contestar o juízo de Deus estabelecido no Éden, por alguém estar na perdição por nunca ter ouvido acerca do Cristo, ou do Evangelho, pois essa é a essência da graça e misericórdia de Deus, que salva indivíduos que não são merecedores.

Se quem nunca ouviu o evangelho algum dia terá oportunidade de salvação, como pensam os adeptos do purgatório, melhor seria que ninguém ouvisse acerca do evangelho, e assim, teriam entrada nos céus garantida.

A justiça de Deus não está em que cada pessoa tem que ouvir acerca de Jesus e rejeitá-lo para então ser condenado. Na verdade, a pessoa tem que ouvir porque já está condenada.

A essência do juízo de Deus se dá por questões de nascimento, e não por questões de moral, caráter ou comportamento.

Quem é nascido de Adão está sob condenação, sendo classificado como filho da ira e filho da desobediência, nascido da semente corruptível de Adão.

Quem é nascido de Deus, ou seja, da semente incorruptível, que é a palavra de Deus, é designado filho da luz, filho de Deus, justo, santo, reto, etc., condições herdadas de nascimento, e não por questões de moral, comportamento ou caráter.

O que determina se um homem é salvo ou não, se é perdido ou não, é direito ou condenação estabelecida por nascimento. Se nascido de Adão é escravo do pecado, se nascido de Deus é servo da justiça.

O direito de nascença está relacionado à justiça e juízo de Deus, o que é diferente do direito moderno, ou às questões referentes à moral e o comportamento humano, que é próprio às civilizações modernas.

A alegação que muitos teólogos fazem em defesa da justiça de Deus de que toda humanidade pode entender que existe um Deus por causa da criação, mas que estão ou serão condenadas por procurarem ignorar as coisas de Deus, é por demais equivocadas, pois indiretamente pressupõe que é possível ao homem conhecer acerca de Deus à parte da revelação de Deus ao mundo.

Certo é que Deus nunca deixou o homem sem testemunho, pois Eliú, um dos amigos de Jó, bem antes de Abraão, já entendia que era impossível ao homem por si mesmo compreender o que Deus requer, antes que é necessário haver um mediador entre Deus e os homens, um mensageiro, que lhe faça saber o que é justo, de modo que possa confiar (orar) em Deus, que lhe será propício, restaurando-o à sua justiça.

“Se com ele, pois, houver um mensageiro, um intérprete, um entre milhares, para declarar ao homem a sua retidão, Então terá misericórdia dele, e lhe dirá: Livra-o, para que não desça à cova; já achei resgate. Sua carne se reverdecerá mais do que era na mocidade, e tornará aos dias da sua juventude. Deveras orará a Deus, o qual se agradará dele, e verá a sua face com júbilo, e restituirá ao homem a sua justiça. Olhará para os homens, e dirá: Pequei, e perverti o direito, o que de nada me aproveitou. Porém Deus livrou a minha alma de ir para a cova, e a minha vida verá a luz. Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, Para desviar a sua alma da perdição, e o iluminar com a luz dos viventes.” (Jó 33:23 -30).

Eliú apresenta um protoevangelho, evidenciando que sem um mensageiro mediador que declare ao homem o que é justo, é impossível ao homem descobrir o que Deus requer do homem.

Em razão disso, mesmo à época de Abraão, Deus tinham sobre a face da terra um sacerdote, Melquisedeque, o que demonstra que Deus nunca deixou de ter alguém sobre a face da terra que declarasse aos seus semelhantes o que é justo

(Gênesis 14:18 -20).

No Areópago, o apóstolo Paulo fez a seguinte pregação:

“Homens atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; Porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas; E de um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação; Para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando[1], o pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós; Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração.” (Atos 17:22 -28).

O fato de os atenienses horarem o Deus desconhecido, não era [garantia de salvação](#), pois o apóstolo demonstra questões essenciais acerca da divindade: que Deus fez o mundo, é Senhor de todos e de tudo, não habita em templos feitos por mãos de homens e de um só homem fez toda a geração dos homens, e ainda que não está longe de cada indivíduo, vez que todos existem e se movem n’Ele, que O buscasse, se talvez tentassem achá-Lo e encontrasse; mas, era imprescindível que fosse dito que um dia haveria de ser julgado todos os homens com justiça por intermédio de Cristo, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos (Atos 17:31).

Nessa pregação evangelística, o apóstolo fala do julgamento de obras para apresentar a pessoa de Cristo como ressurreto dentre os mortos, pois de nada adianta o conhecimento acerca de Deus, se não souberem acerca do Cristo, pois quem tem ao Filho tem também o Pai.

“Qualquer que nega o Filho, também não tem o Pai; mas aquele que confessa o Filho, tem também o Pai.” (1 João 2:23).

O fato de ser inocente, simples ou nada saber não é o mesmo que ser justo diante de Deus, pois ser [justo ou pecador](#) são questões determinadas por nascimento.

Quando se analisar os versos 12 à 16 de Romanos 2, em que o apóstolo Paulo faz referência aos judeus e aos gentios, certo é que o apóstolo estava sublinhando que não há diferença entre gentios e judeus (Romanos 2:8 -9), visto que estes, apesar de estarem debaixo da lei, eram pecadores e pela lei seriam julgados, e aqueles, mesmo sem lei, igualmente perecerão, de modo que se evidencia que ouvir a lei não justifica ninguém, e sim, cumprir a lei.

Por que não há diferença entre judeus e gentios (Romanos 3:9), se os judeus tem lei? Porque os gentios, apesar de não terem lei, naturalmente praticam as coisas da lei, como: não matam, não roubam, etc., de modo que não tendo a lei de Deus, para si mesmos são lei, o que demonstra que há uma lei em seus corações, e o testemunho da consciência e os pensamentos, que os acusa e os defende.

Essa passagem demonstra que Deus não faz acepção de pessoas, visto que o que importa é a palavra de Deus (espírito), e não a letra da lei, Deus é um só que justifica os da circuncisão e os da incircuncisão (Romanos 2:25 -29).

É certo que Deus é justo e imutável, de modo que não fará injustiça ainda que alguém pereça e nunca ouviu a verdade do evangelho, pois no Éden a humanidade foi julgada e apenada. Também é certo que ninguém pode ser salvo aparte da obra de Cristo, se não Deus deixaria de ser justo ao justificar o ímpio.

[1] “5584 ψηλα φρω *pselaphao* da raiz de 5567 (cf 5586); v 1) *tatear, tocar e sentir* 2) *metáf. mentalmente procurar sinais de uma pessoa ou coisa*” Dicionário Bíblico Strong.

A presciência é ato e atributo de Deus?

O substantivo προγνωσις (*prognosis*) traduzido por ‘presciência’ quando utilizado pelo apóstolo Pedro não está associado à ideia de predestinação ou pré-

ordenação.

A presciência é ato e atributo de Deus?

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja?” (Jeremias 23:24).

Introdução

O pastor batista Claude Duvall Cole, no artigo ‘A Presciência de Deus’, afirma que a presciência é atributo e um ato divino. Para chegar a essa conclusão, ele cita sete versículos na Bíblia que contém o termo ‘presciência’.

O Pr. Arthur W. Pink, no livro ‘Atributos de Deus’[\[1\]](#), ao falar da onisciência, apresenta Deus conhecedor de todas as coisas, do passado, do presente e do futuro, mas, também, faz alusão à presciência de Deus.

Analisaremos o artigo do Pr. C. D. Cole e faremos algumas alusões à exposição do Pr. Pink.

Vejamos:

“Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Romanos 8:29);

“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu” (Romanos 11:2);

“Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão” (2 Pedro 3:17);

“Sabendo de mim desde o princípio” (Atos 26:5);

“O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda, antes da fundação do mundo” (1 Pedro 1:20).

“A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus” (Atos 2:23);

“Eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (1 Pedro 1:2).

Vale destacar que, dos sete versículos acima, cinco vezes o termo presciência aparece na forma verbal e duas vezes, na forma substantivada. O verbo προγινώσκω (proginóskó) aparece em Romanos 8:29, Romanos 11:2, Atos 26:5, 2 Pedro 3:17, 1 Pedro 1:20 e a forma substantivada πρόγνωσις, εως, ή (prognósis em) aparece em Atos 2:23 e 1 Pedro 1:2.

O comentário que o Pr. Cole faz acerca do uso de certos termos na Bíblia é válido, porém, a aplicação prática que faz do seu argumento, com relação ao ter 'presciência' é falha.

“É bom que lembremos que o significado de certos termos bíblicos não é determinado pelo uso popular de nossos dias, nem pela referência de dicionários modernos, mas, pelos seus usos nas Escrituras. Somos aptos a pensar que conhecemos certa palavra e deixamos de verificar tal palavra pelo uso de uma concordância.” C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus. Artigo disponível em: < <http://palavraprudente.com.br/biblia/definicao-de-doutrina-volume-1/capitulo-11-a-presciencia-de-deus/> >, consulta realizada em 13/02/18.

O que determina o significado de um termo, quando utilizado pelos apóstolos é o contexto no qual foi utilizado e nessa tarefa de descobrir o significado de um termo, uma concordância bíblica não traz uma ajuda confiável.

Presciência como atributo

“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o SENHOR. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o SENHOR” (Jeremias 23:24).

O Pr. Cole afirma que, após muito estudo, concluiu que a presciência é, tanto atributo, quanto um ato de Deus. Seria muito bom se este estudo fosse inserido aqui, pois poderíamos analisar passo a passo como ele chegou a essa conclusão.

Quando dizemos que Deus é onisciente, significa dizer que Ele é conhecedor, em profundidade, de tudo o que é pertinente ao mundo dos homens, tais como os eventos reais, fenômenos, leis, pensamentos, imaginações, sonhos, possibilidades, probabilidades, etc., quer sejam do passado, do presente ou, do futuro.

Esse saber é, igualmente, pleno, com relação aos seres celestiais e os eventos que ocorrem na eternidade. Deus conhece plenamente todas as nuances de todos os seres, quer sejam humanos ou, celestiais, anjos ou, demônios. Nada escapa ao conhecimento de Deus, quer sejam as ações e omissões, intenções e desejos, sentimento e emoções, erros e acertos, etc.

Esse conhecimento não advém de pesquisa, intuição, raciocínio, pensamento, etc., antes, decorre de constatação presencial, pois Ele é igualmente onipresente e nada escapa à sua observação.

O conhecimento de Deus alcança tanto o macro, quanto o micro. Não há nada tão elevado ou, tão profundo que Ele não conheça igualmente e profundamente e, em ambos os aspectos, com a mesma facilidade e plenitude (Atos 17:28).

É em função da onisciência de Deus, que o escritor aos Hebreus disse:

“E não há criatura alguma encoberta diante dele: antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hebreus 4:13)

No Salmo 139, em espírito, Davi descreve a onisciência de Deus, através da perspectiva do Cristo:

“SENHOR, tu me sondaste e me conheces. Tu sabes o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar; e conheces todos os meus caminhos. Não havendo, ainda, palavra alguma na minha língua, eis que logo, ó SENHOR, tudo conheces. Tu me cercaste por detrás e por diante e puseste sobre mim a tua mão. Tal ciência é, para mim, maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir. Para onde me irei do teu espírito ou, para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás, também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá” (Salmo 139:1-10).

No Salmo 110, temos o Senhor (Pai) dizendo ao Cristo, Senhor (Filho) do Salmista: “Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés” (Salmo 110:1) e no Salmo 139, temos o Senhor, Filho do salmista, orando ao Senhor (Pai).

Como nada há que escape à atenção de Deus, há quem fique perplexo por ter que,

um dia, prestar contas a Deus, por causa de todas as ações e omissões praticadas neste mundo. Entretanto, tal qual a plenitude do conhecimento que Deus detém de todas as coisas, Ele é, igualmente, justo e reto.

“Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também, tu serás cortado” (Romanos 11:22).

Arthur W. Pink, ao falar da onisciência de Deus, acredita que, se o homem compreendesse o glorioso atributo da onisciência divina, conseqüentemente, se renderia a Deus em adoração. No entanto, não é a compreensão dos atributos de Deus que faz com que o homem se torne um adorador, porque somente através da palavra de Deus, revelada no Evangelho, é possível ao homem honrá-lo e adorá-lo.

O homem só honra a Deus quando obedece à sua palavra: crendo em Cristo e não quando reconhece os seus atributos. O homem só adora a Deus, em espírito e em verdade, ou seja, segundo a palavra de Deus revelada em Cristo, que é espírito e verdade. À parte da palavra de Deus, que se constitui mandamento de Deus aos homens, não há como o homem honrá-Lo, adorá-Lo ou amá-Lo.

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20:6).

Se fosse possível render-se em adoração somente compreendendo a onisciência de Deus, não seria necessário anunciar o evangelho, mas, sim, convencer as pessoas, acerca dos atributos de Deus. Ou melhor, bastaria convencer as pessoas da existência de Deus, enquanto que Cristo demonstra a inutilidade da crença em Deus, se não crer que Jesus é o Cristo.

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.” (João 14:1);

“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.” (João 7:38);

“Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.” (João 6:29);

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será

bem-aventurado no seu feito (...) Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem e estremecem.” (Tiago 1:25 e 2:19).

Os judeus criam em Deus, mas não quiseram realizar a sua obra, observar o mandamento que Deus deu acerca de seu Filho: crer no enviado de Deus e perseverar para ser bem-aventurado.

Muitos ficam maravilhados pelo fato de ser, igualmente, impossível a todos os seres criados por Deus se esconderem ou esconderem algo de Deus, até mesmo os pensamentos: “... quanto às coisas que vos sobem ao espírito, eu as conheço” (Ezequiel 11:5). Altura e profundidade, dia e noite, claridade e trevas, pensamento e sentimentos, etc., é o mesmo diante de Deus.

Deus viu o pecado de Adão e Eva. Também, contemplou Caim matar Abel. Deus viu quando Sara riu, ao ouvir do anjo, que geraria um filho, sendo que já estava em avançada idade. Acã não conseguiu esconder de Deus, que furtou uma cunha de ouro e escondeu na terra. Os segredos de Davi, que se deitou com Bate-Seba e assassinou Urias, não passaram despercebidos aos olhos de Deus. Em razão desses eventos não terem passado despercebidos por Deus, alguém pode presumir que, em função desse atributo divino, os homens deveriam temê-Lo.

Na verdade, os homens devem temer a Deus, porque com Ele está o perdão e não porque Ele pode punir: “Mas, contigo está o perdão, para que sejas temido” (Salmo 130:4). O sentido do termo ‘temor’, no versículo, é honrar, obedecer e não medo, como muitos interpretam. Os homens devem obedecer a Deus, ou seja, honrá-Lo, obedecê-Lo e não ficarem receosos, ao considerarem os seus atributos, pois a obediência lança fora o medo (1 João 4:18).

Essas considerações foram feitas por causa do que escreveu Arthur W. Pink, no Livro ‘Atributos de Deus’, ao afirmar que, se fosse possível, os homens alijariam Deus da sua onisciência, para não ser possível Deus testemunhar os pecados dos homens[2].

O pensamento de Pink decorre da ideia de que o julgamento da humanidade se dará em função dos erros de condutas diários e, por isso, a necessidade de Deus testemunhar todos os erros dos homens. Entretanto, em Adão a humanidade pecou, ou seja, ficou aquém da glória de Deus e todos já estão julgados e apenados com a morte, portanto, o juízo de Deus já foi estabelecido, independentemente das ações diárias dos homens. Os homens são pecadores pelo

fato de um só homem ofender a Deus e não porque cometem erros de condutas.

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim, também, por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Romanos 5:18-19).

A onisciência de Deus, quanto às boas e más ações dos homens, não é o que sujeita o homem à condenação, mas, sim, a ofensa de Adão. Por ser onisciente, Deus ‘vê’ até as intenções dos corações de todos os homens e esse conhecimento somente será utilizado em dois eventos:

1. a) no julgamento do Tribunal de Cristo, quando os salvos serão julgados, com relação às obras (2 Coríntios 5:10; 1 Coríntios 3:11-15), e;
2. b) no Tribunal do Grande Trono Branco, quando os homens perdidos serão julgados quanto às obras, mas, esses erros não são a causa da condenação (Apocalipse 20:12).

Os pressupostos do Dr. Pink: de que os homens odeiam a onisciência divina, bem como a prova que ele utiliza: ‘... *a inclinação da carne é inimizade contra Deus...*’ [3], ambas são equivocadas. Primeiro, porque as Escrituras não dependem dos anseios ou, do sentimento de ódio dos homens, para se revelar verdadeira. Segundo, porque o sentimento de ódio dos ímpios não é prova de que a inclinação da carne é inimizade contra Deus.

Ele não considerou que o termo ‘carne’, quando utilizado pelos apóstolos no Novo Testamento, dependendo do contexto, se refere à doutrina de homens, que impediu os filhos de Israel de se sujeitarem ao mandamento de Deus. Qualquer que segue mandamentos de homens está na carne e não no espírito (evangelho), por isso não pode agradar a Deus.

“Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou, pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gálatas 3:2-3).

A pregação da fé refere-se ao espírito, enquanto que, retornar às obras da lei, é acabar na carne. Quem anda segundo o espírito, ou seja, segundo o evangelho, não está debaixo de nenhuma condenação, mas, para quem anda segundo a

carne, a condenação permanece.

“Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” (Romanos 8:4).

O apóstolo Paulo, por ser judeu, poderia andar segundo a carne, mas considerou tudo o que herdou de seus pais, segundo a carne, como esterco:

“Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito e nos gloriamos em Jesus Cristo e não confiamos na carne. Ainda que, também, podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho, reputei-o perda por Cristo.” (Filipenses 3:3-7).

Ao citar Oseias 7, verso 2 [4], o Dr. Pink o faz sem considerar o contexto. O texto não sugere que os ímpios querem banir Deus de seus pensamentos, antes que os religiosos judeus não consideram que Deus jamais se esqueceria das suas maldades. Na sequência, o erro se repete ao citar o Salmo 90, verso 8, pois, os que rejeitam a Cristo nem mesmo possuem condições de considerar o teor do verso em destaque e a abordagem de Moisés não trás a lume a onisciência de Deus, mas, sim, o fato de Deus retribuir como ira e furor os desvios dos filhos de Israel.

O Pr. Cole faz uma definição dos atributos de Deus, que, em essência, são aspectos da sua natureza e, por fim, conclui, após muito estudo, que a presciência é, tanto atributo, quanto ato de Deus [5]. Nesse sentido, o Pr. Cole afirma que, quando o termo ‘[presciência](#)’ é utilizado no sentido popular, significa o conhecimento de Deus de coisas antes de acontecerem.

Se esse sentido popular atribuído ao termo ‘presciência’ corresponde à verdade, ou seja, ‘o conhecimento de Deus de coisas antes de acontecerem’, tal concepção nada mais é do que um reducionismo da ideia contida no termo ‘onisciência’ [6]. Se há um nome específico para o conhecimento que Deus detém acerca de coisas futuras, teríamos que ter um termo popular para o conhecimento de Deus das coisas do presente e do passado.

Presciência é um ramo da ‘onisciência’? [7]

Mas, deste estudo, surgem algumas perguntas: qual foi o uso que os apóstolos fizeram do termo 'presciência'? Popular ou acadêmico? O apóstolo Paulo, ao fazer uso do grego *koine*, fez uso acadêmico ou popular? O apóstolo Pedro, auxiliado por Silvano, que fez uso do grego a dar inveja aos acadêmicos, fez uso do termo, considerando o seu sentido popular ou acadêmico?

Conhecer e propriedade

O Pr. Cole, ao falar da presciência, somente repete argumentos apresentados por outros calvinistas. Geralmente, apresentam algum outro doutor como autoridade, para validar ou dar autenticidade aos argumentos. Por exemplo:

“Quando presciência é usada como um ato divino, ela significa quase a mesma coisa que pré-ordenação. Deixamos novamente o Dr. Hodge falar: “Embora, a presciência de Deus, no sentido de pré-conhecimento seja assegurada no N. T., este não é o mesmo significado, quando usada para traduzir as palavras gregas “proginoskein” e “prognosis”. Estas palavras que, às vezes são traduzidas como pré-ordenação, significam muito mais que a mera presciência ou previsão intelectual. Ambas as formas, verbal e substantiva, aproximam-se da ideia de pré-ordenação e são intimamente ligadas às passagens onde se encontram”.” (Idem).

De tudo que foi dito acima pelo Pr. Cole e o Dr, Hodge, e que é aproveitável, é que os termos “proginoskein” e “prognosis” estão ‘intimamente ligadas às passagens onde se encontram’. Agora, dizer que ‘as formas, verbal e substantiva, aproximam-se da ideia de pré-ordenação’, decorre somente de má leitura.

Quando o Pr. Cole diz que, embora o termo ‘presciência’ não ocorra no Antigo Testamento, o termo ‘conhecer’ é encontrado diversas vezes. Ele afirma que o termo ‘conhecer’, no Antigo Testamento, significa, muitas vezes, amar ou escolher.

“Quando presciência se aplica aos acontecimentos, inclusive ‘à livre ação do homem, ela indica a previsão divina ou, o conhecimento de antemão. Quando referente às pessoas, ela tem sentido de favor, denotando não só uma mera ação da mente, mas uma afeição para com a pessoa em vista. A palavra presciência não se encontra no V. T., mas a palavra conhecer é encontrada,

muitas vezes, e significa, muitas vezes, amar ou, escolher.” (Idem).

É bem verdade que o termo ‘conhecer’ quando utilizado no Antigo Testamento ganha novos contornos, e, dependendo do contexto, ocorre uma ressignificação.

O que o Pr. Cole não observa é que o termo ‘conhecer’ ganha novos significados quando aplicado à relação marido e mulher ou, quando Deus recrimina a nação de Israel ou, em razão de uma missão específica atribuída a alguém, etc.

O termo ‘conhecer’ foi utilizado para descrever a relação sexual do casal Adão e Eva, especificamente, pelo fato de se tornarem um só corpo e uma só carne.

“E conheceu Caim à sua mulher e ela concebeu e deu à luz a Enoque; e ele edificou uma cidade e chamou o nome da cidade, conforme o nome de seu filho Enoque;” (Gênesis 4:17).

Porém, o mesmo termo foi utilizado para fazer referência ao momento que ambos descobriram que estavam nus.

“Então foram abertos os olhos de ambos e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira e fizeram para si aventais.” (Gênesis 3:7).

Através da estrutura que é própria às poesias hebraicas, o paralelismo, é possível compreender o sentido que o termo ‘conhecer’ é empregado. Observe:

“Um coração perverso se apartará de mim; não conhecerei o homem mau.” (Salmos 101:4).

O homem mau é aquele que possui um coração perverso, de modo que ‘estar apartado’ do Senhor é o mesmo que não ser conhecido d’Ele e o termo ‘conhecer’ não assume o valor de amar ou escolher, como afirma o Pr. Cole.

O termo ‘conhecer’, geralmente, é utilizado para descrever a relação de Deus com o povo de Israel e não a relação com indivíduos, em particular.

“OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades.” (Amos 3:1 -2).

Deus ‘conheceu’ o povo de Israel pelo fato de ser propriedade peculiar dentre

todos os povos!

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.” (Êxodo 19:5).

Em função dos pais: Abraão, Isaque e Jacó, que os filhos de Israel, como povo, foi amado, no entanto, individualmente, Deus não se agradou da maioria deles, e, por isso, pereceram no deserto (1 Coríntios 10:5).

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

Deus não se agradou da maioria dos filhos de Israel, antes se agradou dos pais (Abraão, Isaque e Jacó), e escolheu a descendência dos pais. Isto não significa que Deus amou alguém, em particular ou, que escolheu alguém, em particular.

A relação de Deus com alguém, em particular, sempre será condicional. Deus ama os que o amam, honra os que o honram e terá misericórdia dos que o obedecem:

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade, tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim, perpetuamente; porém, agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados.” (1 Samuel 2:30);

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

Com Abraão não foi diferente, pois, ele obedeceu a todos os mandamentos de Deus e, por isso, foi honrado, de modo que Deus prometeu que, em Abraão, seriam benditas todas as famílias da terra.

“Porquanto, Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis.” (Gênesis 26:5).

Quando lemos a passagem de Jeremias, que diz:

“Antes que te formasse no ventre te conheci e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta” (Jeremias 1:54).

O termo 'conhecer' denota 'propriedade', pois, foi para servir a Deus, como profeta, que Deus santificou a Jeremias, ou seja, o separou. 'Conhecer' tem relação com a missão que o profeta foi comissionado a desempenhar: 'às nações te dei por profeta', portanto, não denota afeição ou, escolha para a salvação.

"Porque todo o primogênito é meu; desde o dia em que tenho ferido a todo o primogênito na terra do Egito, santifiquei para mim todo o primogênito em Israel, desde o homem até ao animal: meus serão; Eu sou o SENHOR." (Números 3:13).

Um homem pode ser comissionado para uma missão 'conhecendo' a Deus ou, não ou, somente Deus pode 'conhecê-lo', ao empenhá-lo em uma missão, mas isso não significa que o comissionado para a missão específica está ou, será salvo. Um exemplo encontra-se na pessoa de Ciro, que desempenhou uma missão, mesmo ele não 'conhecendo' a Deus.

"Por amor de meu servo Jacó e de Israel, meu eleito, eu te chamei pelo teu nome, pus o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses. Eu sou o SENHOR e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças;" (Isaías 45:4-5).

É obvio que, nos versos abaixo, 'conhecer' não tem o sentido de saber, de ter ciência, mas, também, não significa 'afeição' ou, 'escolha'.

"OUVI esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades." (Amos 3:1-2).

Observe que Deus não está afeiçoado aos filhos de Israel, antes, os está repreendendo pelas iniquidades do povo. O termo 'conhecer' não é aplicado a um indivíduo, mas à nação como um todo. A nação Deus 'conhece' porque é sua propriedade peculiar, mas, os indivíduos não eram 'conhecidos' do Senhor, antes, alvos da punição divina. É dito que Deus 'conheceu' o povo, porém, esse 'conhecer' decorre do fato de Deus se afeiçoar aos pais, porque foram obedientes, de modo que Deus os preservou, por amor ao Seu nome: Deus fiel, em vista do juramento feito aos patriarcas.

"E sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu proceder para convosco, por

amor do meu nome; não conforme os vossos maus caminhos, nem conforme os vossos atos corruptos, ó casa de Israel, disse o Senhor DEUS.” (Ezequiel 20:44);

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:6-8);

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

A citação que o Pr. Cole faz de Oséias pede uma explicação:

“PÕE a trombeta à tua boca. Ele virá como a águia contra a casa do SENHOR, porque transgrediram a minha aliança e se rebelaram contra a minha lei. E a mim clamarão: Deus meu! Nós, Israel, te conhecemos. Israel rejeitou o bem; o inimigo perseguiu-lo-á. Eles fizeram reis, mas não por mim; constituíram príncipes, mas eu não o soube; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos” (Oseias 8:1-4).

Deus declara que os filhos de Israel constituíram reis, mas não a mando de Deus. Constituíram príncipes, mas Deus não o soube! É possível Deus desconhecer algum evento, sendo onisciente? Não! O termo ‘saber’ foi utilizado para demonstrar que Deus não havia ordenado que constituíssem príncipes. Se clamavam: ‘Deus meu!’ e diziam que ‘conheciam’ ao Senhor, os filhos de Israel deveriam se sujeitar, como servos obedientes, porém, transgrediram a aliança e se rebelaram contra a lei.

Quando é dito que Deus ‘conhece’ o caminho dos justos, o termo não tem a conotação de amor e escolha, antes aponta para a instrução que Deus dá aos homens.

“Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; porém, o caminho dos

ímpios perecerá.” (Salmos 1:6);

“Faze-me saber os teus caminhos, SENHOR; ensina-me as tuas veredas.” (Salmos 25:4).

O Pr. Cole afirma que, no Novo Testamento, o termo ‘conhecer’ ganha o mesmo sentido que no Antigo Testamento, que é ‘amor’ e ‘afeição’:

“E a palavra conhecer é também muitas vezes usada no N. T. no mesmo sentido. “E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci”. Mateus 7:23. Isto significa que Ele não os conheceu para a salvação. “Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e das minhas sou conhecido”. João 10:14. “Mas, se alguém ama a Deus, este é conhecido dele”. 1 Coríntios 8:3. E novamente, “O Senhor conhece os que são seus”. 2 Timóteo 2:19. Nestes versículos o conhecimento de Cristo é limitado aos salvos, e, portanto não pode significar uma mera associação, mas uma afeição. Deus conhece a todos, mas nem todos têm Sua afeição.” (Idem).

Quando for dito abertamente por Jesus: - *“Nunca vos conheci”* (Mateus 7:23), somente significa que Ele não os conheceu para a salvação? Os versículos seguintes citados pelo Pr. Cole responde a questão e lança luz ao significado do termo ‘conhecer’ no Novo Testamento.

Jesus, como o Bom Pastor, afirma que ‘conhece’ as suas ovelhas e das suas é ‘conhecido’, portanto, as pessoas que um dia ouvirão: ‘Nunca vos conheci’, significa que nunca pertenceram a Cristo como ovelhas (João 10:14).

Mas, como alguém passa a ser propriedade de Cristo como ovelha? Basta amar a Deus, pois quem ama a Deus é conhecido d’Ele, mas quem não ama, não é conhecido de Deus.

“Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor.” (1 João 4:8; 1 Coríntios 8:3)

O termo ‘conhecer’ tem o significado de ‘pertencer’, ‘ser propriedade’, portanto, diferente da ideia de ‘escolha’ ou ‘amor’. Isso porque, em momento algum o Pr. Cole observou que o termo ‘amor’ também sofre ressignificação no Novo Testamento, dependendo do contexto empregado e pode significar ‘mandamento’ ou ‘obediência’, quase nunca ‘afeição’ ou ‘escolha’.

“O Senhor conhece os que são seus.” (2 Timóteo 2:19).

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3).

O amor que Deus requer dos homens que guardem os seus mandamentos, para que o homem possa ‘conhecer’ a Deus ou, antes, ser conhecido d’Ele. Qualquer que ama a Deus alcança misericórdia, de modo que o amor de Deus não está na tal ‘presciência’.

Diferentemente do que afirma o Pr. Cole, nesses versículos é dito que Cristo ‘conhece’ os salvos pelo fato de terem obedecido ao mandamento de Deus, portanto, se fizeram servos, tornando-se propriedade de Deus. O termo ‘conhecer’ não possuía a conotação de afeição quando em referência aos salvos, antes indica comunhão íntima, pois em obediência ao evangelho o homem se torna um só corpo com Cristo.

“Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado;” (2 Pedro 2:21);

“Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Deus não se afeioou dos salvos, antes lhes deu mandamento para que, obedecendo, se façam servos:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

“Nestes versículos o conhecimento de Cristo é limitado aos salvos, e, portanto não pode significar uma mera associação, mas uma afeição. Deus conhece a todos, mas nem todos têm Sua afeição.” (Idem).

Presciência e pré-ordenação

Após abordar o termo ‘conhecer’, torna-se estranha a colocação do Pr. Cole, pois

ele afirma que o termo 'presciência' significa 'conhecer com o intento de abençoar', isto com relação às pessoas:

“Agora, a “presciência das pessoas” significa pré-conhecer com propósito benigno. Significa conhecer com o intento de abençoar. A presciência de Deus de uma pessoa indica Seu favor a tal pessoa e Sua intenção de salvá-la. No fim, os pré-conhecidos serão glorificados, pois, Deus os salvou com tal propósito. O primeiro ato da benevolência de Deus para com os pecadores foi o de pré-conhecê-los. E tal presciência (historicamente) foi a base para todas as outras bênçãos subsequentes. “Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. Romanos 8:29.” (Idem).

Ora, os termos 'conhecer', tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, podem indicar o favor de Deus para com um povo que Ele tomou por propriedade peculiar ou, para com um indivíduo que O obedece. Agora, ele enfatiza que a presciência de pessoas significa pré-conhecer com propósito benigno?

A abordagem seguinte faz menos sentido ainda, principalmente pelos versículos citados:

“Deus olhou para alguns pobres pecadores com favor gracioso e determinou fazê-los semelhantes a Seu Filho glorioso. E Ele não lança fora aos que predestinou. Romanos 11:2. Sobre este versículo Dr. A. T. Robertson fez estes comentários: “Deus escolheu um povo, o povo de Israel, por este motivo é que Ele não os lançava fora”.” (Idem).

Em vez de comentar o verso 2 de Romanos 11, o Pr. Cole se socorre da explicação de outra pessoa. O que diz Romanos 11, verso 2?

“Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu. Ou, não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo:” (Romanos 11:2).

Deus não lançou fora o povo de Israel pelo fato de tê-los escolhido? Esse motivo dado pelo Dr. A. T. Robertson é o que diz as Escrituras? Não! Deus não os rejeitou por amor do Seu próprio nome e para guardar a promessa que foi feita aos patriarcas.

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:6 -8);

“Tão-somente o SENHOR se agradou de teus pais para os amar; e a vós, descendência deles, escolheu, depois deles, de todos os povos como neste dia se vê.” (Deuteronômio 10:15).

O verbo προγινώσκω (proginóskó) traduzido por ‘que antes conheceu’ em Romanos 11, verso 2, não tem o significado de ‘conhecer’ com um propósito benigno e nem com intento de abençoar indivíduos. O texto fala que Deus ‘conheceu’ o povo de Israel, não indivíduos em Israel.

O povo não foi rejeitado por causa do amor que Deus tem pelo Seu nome e por causa do juramento feito aos pais, no entanto, a maioria dos indivíduos em Israel foi prostrada no deserto, pois, mesmo sendo descendência de Abraão, não eram os seus filhos (Romanos 9:7; 1 Coríntios 10:5).

Vários indivíduos em Israel foram lançados fora, mesmo Deus tendo ‘pré-conhecido’ o seu povo. O verbo προγινώσκω (proginóskó) tem o sentido no verso de Deus ter tomado como propriedade peculiar um povo, não que o termo implica em um favor por uma pessoa ou a sua intenção de salvá-la.

Relacionar o uso do verbo προγινώσκω (proginóskó) no verso 2 de Romanos 11, com o verso 29, de Romanos 8, é desconsiderar os contextos em que os termos foram empregados, pois este trata de indivíduos que amam a Deus, e aquele de um povo em que os patriarcas amaram a Deus.

O segredo para ser ‘pré-conhecido’ está no verso 28: “Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus...”, isto em função do que diz o Salmo:

“Todas os caminhos do SENHOR são amorosos e fiéis para aqueles que guardam a sua aliança e os seus testemunhos.” (Salmo 25:10).

Amar é obedecer, honrar, guardar a aliança, seguir os testemunhos, etc., de modo que quem ama conhece a Deus, ou antes, é conhecido d'Ele:

“Mas, quando não conhecíeis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:8-9).

“Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é amor.” (1 João 4:8; 1 Coríntios 8:3)

Em Romanos 8, verso 29, o verbo προγινώσκω (proginóskó) não significa pré-conhecer pessoas com propósito benigno, antes indica que os predestinados são aqueles que amam a Deus, tornando-se então, conhecidos d'Ele. Sem conhecer a Deus ou, antes, sem ser conhecido d'Ele, jamais o indivíduo estará predestinado a ter a imagem de Cristo, portanto, não será um dos participantes do propósito que Deus estabeleceu em Seu Filho: a preeminência de Cristo em todas as coisas, a posição de primogênito entre muitos irmãos.

A ideia de que a benevolência de Deus para com os pecadores foi a de “pré-conhecê-los” destoa da verdade bíblica, vez que a benevolência do Senhor é demonstrada em seu mandamento:

“Tu, pois, converte-te a teu Deus; guarda a benevolência e o juízo e em teu Deus espera sempre.” (Oseias 12:6).

O relacionamento de Deus para com o homem é condicional sempre, pois Ele só faz misericórdia aos que o amam:

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6);

“Eu amo aos que me amam e os que cedo me buscarem, me acharão.” (Provérbios 8:17).

Moisés intercedeu pelo povo de Israel, querendo que Deus demonstrasse misericórdia quando pecaram, fazendo um bezerro de ouro. Mas, Deus reiterou que riscaria o nome do livro da vida somente de quem pecasse contra Ele, demonstrando que jamais riscaria o nome de Moisés ou, que perdoaria a transgressão do povo, de modo que essa verdade foi expressa em um trocadilho:

“Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer.” (Êxodo 33:19).

O que Deus reiterou a Moisés? Que, mesmo fazendo passar toda a Sua bondade diante de Moisés, uma coisa era certa: Deus terá misericórdia de quem o ama e se compadece de quem O obedece. A base para a bênção do Senhor está em sua benevolência, mas para alcançá-la, o homem tem que se sujeitar ao mandamento de Deus.

Até agora estávamos considerando o verbo grego προγινώσκω (proginóskó) e demonstramos que, para ser ‘conhecido’ de Deus, se faz necessário servi-lo em amor, ou seja, em obediência.

Mas, o Pr. Cole parece ter se esquecido da observação que fez no início do texto, que também há o substantivo πρόγνωσις (prognósis), traduzido por ‘presciência’ ou ‘pré-conhecer’, quando faz referência ao verso 2, da primeira carta de Pedro, capítulo 1:

“Aqueles a quem Deus escolheu antes da fundação do mundo, não serão abandonados no presente, nem no futuro. Estes são os “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”. 1 Pedro 1:2. Nesse versículo, notamos que eleição é baseada na presciência de Deus Pai. Aqueles a quem o Pai olhou com favor gracioso foram eleitos à obediência da fé e para a aspersão do sangue de Cristo. E esta obediência resulta do poder santificador do Espírito Santo. O leitor deve notar que enquanto a eleição é para salvação, esta salvação não é sem a fé em Jesus Cristo. Os eleitos são justificados, mas a justificação é pela fé no sangue de Cristo. Romanos 5:1; 3:28; 4:5; etc.” (Idem).

O substantivo πρόγνωσις (prognósis), quando utilizado por Pedro não tem o mesmo sentido do verbo προγινώσκω (proginóskó), quando utilizado pelo apóstolo Paulo, visto que esse depende do homem amar a Deus para Deus conhecê-lo e aquele tem o sentido de ‘dar a conhecer de antemão’, ‘profecia’.

O apóstolo Pedro faz uso do substantivo πρόγνωσις (prognósis), com o mesmo sentido que fez em seu primeiro sermão diante dos judeus.

“Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos;” (Atos 2:22-23).

O substantivo πρόγνωσις (prognósis), quando utilizado pelo apóstolo Pedro, tem em vista o que foi predito pelos profetas nas Escrituras, como se lê:

“Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador.” (2 Pedro 3:2).

No texto de Atos, o substantivo προγνωσις (prognosis) tem o sentido de profecia, um conhecimento anunciado de antemão por Deus aos homens, conforme o próximo discurso do apóstolo Pedro:

“Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer (...) E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado (...) Sim, e todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também predisseram estes dias.” (Atos 3:18, 20 e 24);

“Para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer” (At 4:28).

Cristo Jesus foi entregue aos judeus, conforme a vontade de Deus (conselho) e essa vontade foi anunciada aos homens de antemão pelos profetas (Efésios 1:11; Hebreus 10:10).

O substantivo προγνωσις (prognosis), quando utilizado pelo apóstolo Pedro, em momento algum está associado à ideia de predestinação ou, de pré-ordenação, antes, ele faz referência ao conhecimento dado de antemão pelos profetas. É por intermédio do conhecimento anunciado de antemão por Deus, o espírito (palavra) de santificação, concedido para obediência e aspersion do sangue de Jesus Cristo, que os cristãos são eleitos.

O apóstolo Pedro evidencia que os cristãos são eleitos segundo o que Deus havia anunciado, através dos seus santos profetas, pois estava previsto que, com o seu

'conhecimento', o Cristo justificaria a muitos (Isaías 53:11). É através do espírito que estava sobre o Cristo (Isaías 11:1-2; Isaías 61:1; Isaías 42:1 e 7; Joel 2:28; Deuteronômio 32:2), a palavra de santificação (santificação do espírito), que os homens são limpos (João 6:63; João 15:3).

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Para ser agraciado com a santificação proporcionada pelo espírito, o homem precisa obedecer e só então alcançará a aspersão (purificação) do sangue de Cristo.

Ao fazer a leitura dos eventos relacionados à salvação, o Pr. Cole volta a analisar Romanos 8, verso 29, como se o apóstolo Pedro estivesse tratando dos mesmos conceitos:

“Para ser exato e crítico o autor crê que, ainda que presciência seja intimamente associada com a predestinação e pré-ordenação, ela tem um significado especial todo seu. A ordem divina em Romanos 8:29-30, é presciência, predestinação, chamado, justificação e glorificação. A ordem em 1 Pedro 1:2, é presciência, eleição e santificação. Portanto, os pré-conhecidos são eleitos, predestinados, chamados, justificados, santificados e glorificados. Desde que cada aspecto da salvação é pela graça, a presciência de Deus de pessoas é Seu interesse e amor tão gracioso pelos pecadores. E por causa deste Seu favor a eles, Deus os escolheu para a salvação, predestinou-os para adoção como filhos, chamou-os pela graça, justificou-os pela graça por meio da fé no sangue de Cristo, santificou-os pelo Espírito e os glorificará quando o Senhor vier. Que cada leitor, com toda diligência, certifique-se de seu chamado e eleição. 2 Pedro 1:10.” (Idem).

O Pr. Cole afirma que, para o homem ser salvo, esses eventos ocorrem na seguinte ordem: presciência, predestinação, chamado, justificação e glorificação. Mas, na verdade, a predestinação, na qual o homem que crê em Cristo se torna conforme a imagem de Cristo, é o último evento da salvação.

O homem é salvo porque amou a Deus, obedecendo ao seu mandamento de crer em Cristo, e, assim, conheceu a Deus ou, antes, foi conhecido d'Ele. Para se

tornar conhecido de Deus, se fez necessário o homem morrer com Cristo e ser ressuscitado com Ele, o que o apóstolo Paulo deu o nome de glorificação.

“E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” (Romanos 8:17).

O Pr. Cole posiciona a santificação como último evento na salvação, porque pensa na redenção do corpo físico (Romanos 8:23), mas, se esquece de que o apóstolo Paulo estava tratando da glorificação quando o homem ressurgiu com Cristo (Colossenses 3:1).

Somente os que ressurgem com Cristo são justificados, de modo que, primeiro ocorre a glorificação, para depois ocorrer a justificação “O qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação.” (Romanos 4:25). Ao morrer com Cristo, o homem é justificado do pecado, ao ressurgir com Cristo é declarado justo.

Os justificados em Cristo Jesus são chamados ao propósito eterno que Deus estabeleceu em Cristo, que é fazê-lo proeminente, convergindo n’Ele todas as coisas. Na condição de chamado ao propósito, o crente em Cristo está predestinado a ter a imagem de Cristo, para que o propósito de Deus se efetive: a primogenitura de Cristo entre muitos irmãos.

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu, também, os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes, também, chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou.” (Romanos 8:28 -30).

Os que amam a Deus são conhecidos d’Ele e chamados segundo o seu propósito, de modo que aqueles que amam a Deus serão conforme a imagem de Cristo, pois o propósito de Deus é que o Cristo seja primogênito entre muitos irmãos. De modo que, os que foram predestinados a serem conforme a imagem de Cristo, primeiro foram chamados ao propósito, isto quando amaram a Deus e foram conhecidos d’Ele.

Mas os chamados, os que amam a Deus, ou antes, foram conhecidos d'Ele, primeiro Deus os justificou, e antes de justificá-los fez com que ressuscitassem com Cristo, glorificando-os.

Já, a abordagem do apóstolo Pedro somente nomeia os cristãos de eleitos, condição que alcançaram segundo o anunciado de antemão pelos profetas (presciência), por isso foi anunciada a palavra que santifica, que se faz imprescindível obedecê-la para alcançar a aspersão do sangue de Cristo.

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia; Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:1-2).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“Cada um dos Seus gloriosos atributos deveria torná-lo honorável à nossa apreciação. A compreensão da Sua onisciência deveria inclinar-nos diante d'Ele em adoração.”* A. W. Pink, Os Atributos de Deus, A onisciência de Deus, editora PES, reimpressão 1990.

[2] *“Os homens despojariam a Deidade da Sua onisciência, se pudessem — prova de que ‘... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...’ (Romanos 8:7). Os ímpios odeiam esta perfeição divina com a mesma naturalidade com que são compelidos a reconhecê-la. Gostariam que não houvesse nenhuma Testemunha dos seus pecados, nenhum Examinador dos seus corações, nenhum Juiz dos seus feitos” (Idem).*

[3] *“Os homens despojariam a Deidade da Sua onisciência, se pudessem — prova de que “... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...” (Romanos 8:7).” (Idem)*

[4] *“Gostariam que não houvesse nenhuma Testemunha dos seus pecados, nenhum examinador dos seus corações, nenhum Juiz dos seus feitos. Procuram banir tal Deus dos seus pensamentos: “E não dizem no seu coração que eu me lembro de toda a sua maldade...” (Oséias 7:2).” (Idem).*

[5] *“O estudo do assunto em foco levantou a questão se a presciência deveria ou não ser classificada como um dos atributos divinos. Um atributo divino é uma qualidade pertencente à natureza de Deus, uma de Suas perfeições pessoais, algo que pertence intrinsecamente a Seu caráter ou natureza. Por exemplo, amor, misericórdia, graça, e sabedoria são qualidades de Deus e, portanto, são atributos. Nossa conclusão, após muito estudo, é que “presciência” é tanto um atributo quanto um ato de Deus. Quando a palavra é usada no sentido popular, ela se refere ao conhecimento de Deus de acontecimentos antes de acontecerem. Neste sentido, presciência é um dos atributos de Deus como é também o amor, a misericórdia, a graça, a sabedoria e etc.”* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus.

[6] *“A palavra presciência tem dois significados. É um termo usado na teologia para expressar a ideia da previsão de Deus, isto é, Seu conhecimento do curso integral de acontecimentos que são futuros do ponto de vista humano. Ela também é usada com o sentido de pré-ordenação. No sentido de pré-conhecimento, ela é um aspecto da onisciência divina. O saber de Deus, de acordo com as Escrituras, é perfeito, isto é, Ele é onisciente”.* C. W. Hodge.

[7] *“A presciência, quando considerada atributo, é um ramo da onisciência divina; e quando considerada ato, é um ramo da doutrina dos decretos de Deus.”* C. D. Cole, Capítulo 11: A presciência de Deus.

As doutrinas de João Calvino e Jacó Armínio

As doutrinas Calvinista e Arminianista estão equivocadas, pois ambas acreditam que Deus elegeu e predestinou alguns homens para a salvação.

As doutrinas de João Calvino e Jacó Armínio

Introdução

Analisaremos os cinco pontos segundo as perspectivas das doutrinas Calvinista e Arminianista, mas antes, faz-se necessário destacar que os cinco pontos da doutrina calvinista como conhecemos foram formulados pelo Sínodo de Dort, pontos estes destacados da doutrina defendida por João Calvino.

O Sínodo foi convocado pelos estados gerais da Holanda e composto por 84 teólogos e 18 representantes seculares, para debaterem os ensinamentos de Armínio, que fez objeções à Confissão de Fé Belga.

Os Cinco Pontos do Calvinismo foram formulados em resposta a um documento apresentado ao Estado da Holanda pelos discípulos de Jacob Hermann, um professor de um seminário holandês, e esse documento ficou conhecido na história como 'Remonstrance' ou 'Protesto'.

A 'Remonstrance' possuía cinco pontos principais, conhecidos como "*Os Cinco Pontos do Arminianismo*", e em resposta a estas cinco questões principais, o Sínodo de Dort elaborou o que passou a ser denominado "*Os Cinco Pontos do Calvinismo*".

Os cinco Pontos em debate

Arminianismo	Calvinismo
Vontade Livre	Total Depravação
Eleição Condicional	Eleição Incondicional
Expição Universal	Expição Limitada
A Graça pode ser Impedida	Graça Irresistível
O Homem pode Cair da Graça	Perseverança dos Santos

Com relação ao evangelho, os alunos de Armínio alegaram que a vontade do homem é 'livre' para escolher, ou a palavra de Deus, ou a palavra de Satanás, e o Sínodo de Dort concluiu que o homem não regenerado é absolutamente escravo de Satanás, e, por isso, totalmente incapaz de exercer sua própria vontade livremente para receber o evangelho, dependendo, portanto, da uma obra de Deus, que vivifica o homem habilitando a crer em Cristo.

Em ambos os seguimentos doutrinários há equívocos, mas o Calvinismo, neste ponto, é mais pernicioso que o Arminianismo.

Para compreender a essência dos erros destes dois seguimentos teológicos, se faz uma pequena análise da ofensa e condenação de Adão, conseqüentemente, da obediência e salvação em Cristo, o último Adão.

Vê-se nos argumentos apresentados durante a Reforma Protestante que os teólogos à época interpretavam a Bíblia com base em uma dualidade: Deus 'versus' Satanás, entretanto, a Bíblia deve ser interpretada tendo por base dois Adão (homens): Adão e Cristo.

Vontade Livre 'versus' Total Depravação

O apóstolo Paulo analisou as questões da perdição e da salvação nos seguintes termos:

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos” (Romanos 5:18 -19).

A ofensa de Adão estabeleceu o juízo, e todos os homens foram condenados, por outro lado, com um só ato de justiça, a graça foi concedida sobre todos os homens, ou seja, sem distinção alguma de nação, tribo ou língua.

Em Adão a humanidade já foi julgada e apenda com a morte, em Cristo há salvação poderosa, de modo que por uma substituição de ato, obediência pela desobediência, muitos são feitos justos.

O primeiro equívoco do Arminianismo é afirmar que a vontade do homem é livre para escolher, ou a palavra de Deus, ou a de Satanás.

Analisando o Éden, a vontade de Adão era livre caso se decidisse desobedecer a Deus. A palavra de Satanás à Eva não vem ao caso, visto que Adão recebeu mandamento diretamente de Deus, e cabia a Ele como a cabeça do corpo obedecer a Deus, tanto que o casal somente descobriu que estava nu quando Adão tomou do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e comeu.

A ofensa só se consumou quando Adão comeu do fruto, e assim, com a contaminação da cabeça (Adão), o corpo (casal) se perdeu por completo.

Por causa da ofensa, todos os descendentes de Adão foram vendidos ao pecado como escravos, de modo que todos os descendentes de Adão quando entram no mundo, já entram na condição de escravos do pecado.

Em razão da ofensa, o nascimento natural, pelo qual vêm todos os homens ao mundo, tornou-se a porta larga. Ao abrir a madre, todos os homens entram no mundo sob condenação, mesmo não tendo feito escolha ou decisão alguma, e estão em um caminho largo que os conduz à morte.

Para serem salvo, Deus enviou o seu Filho Unigênito na condição de último Adão, e Ele é a porta estreita pela qual os homens devem se decidir entrar, ou seja, novo nascimento para que possam trilhar um caminho estreito que os conduzirá a Deus.

[“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante.”](#) (1 Coríntios 15:45).

Hoje, o homem está no pecado porque entrou no mundo por Adão, a porta larga, e permanece neste estado sem ter feito uma escolha ou decisão, e não há uma palavra de Satanás anunciada no mundo que faz o homem ser conduzido à perdição, e sim, o caminho largo é o único meio que conduz o homem à perdição.

O homem antes da queda, e depois da queda, apesar de escravo do pecado, possui a vontade livre, mas não há a tal escolha entre a palavra de Deus e a palavra de Satanás.

A conclusão de que a salvação depende, portanto, ‘da obra de sua fé’ é outro equívoco completo, tendo em vista que não compreenderam a essência do termo

'obra', e nem a natureza do termo 'fé'.

A salvação decorre de Cristo, a 'fé' manifesta, e que foi dada aos santos (Gálatas 3:23; Judas 1:3). Nesse sentido o termo 'fé', significa mensagem, verdade, querigma, doutrina, etc., de modo que a fé é anunciada, pregada aos homens (Gálatas 3:2), ao que se dá o nome de fé mutua (Romanos 1:12).

'Sua fé' é algo pessoal, no sentido de acreditar, crer, ter convicção, algo pertinente ao home, diferente da fé como dom de Deus, que é Cristo, a verdade anunciada.

Outra questão está relacionada ao termo 'obra', que devido ao trabalho de Lutero, acabou demonizada. Martinho Lutero apresentou a fé, no sentido de crer, como essencial à salvação, contrapondo a fé às exigências católicas das indulgencias para salvação, ao que se deu o nome obras.

Com o trabalho de Lutero, a essência do termo 'obra' perdeu-se, sendo que o termo era muito utilizado em meio à comunidade judaica à época de Jesus, principalmente nas relações senhor e servo, significando o resultado da obediência a um mandamento.

A obra só acontecia quando havia mandamento de um lado, e obediência do outro. Aristóteles bem apresenta o significado do termo à época:

"... existe uma obra, desde que haja comando de uma parte e de outra, obediência" (ARISTÓTELES, 2011, p. 25);

"... um ser que ordena e um ser que obedece" (ARISTÓTELES, op. cit., p. 20);

Crer em Cristo é uma obra? Conforme Jesus disse, sim!

"Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou." (João 6:29).

Crer em Cristo é a obra da fé, pois a fé anunciada aos homens constitui-se mandamento de Deus que os homens devem obedecer para serem salvos.

"Lembrando-nos sem cessar da obra da vossa fé, do trabalho do amor, e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai," (1 Tessalonicenses 1:3).

Portanto, a salvação depende da obra da fé, que é crer no enviado de Deus, e não da obra da sua fé, que é a crença divorciada do mandamento de Deus, como indulgências, sacrifícios, esmolas, etc. A salvação é por meio do dom de Deus, a fé pela qual o justo viverá, ou seja, a palavra que sai da boca de Deus (Deuteronômio 8:3; Habacuque 2:4).

Os Arminianistas não souberam diferenciar a fé que é anunciada a todos os homens sem distinção alguma, da fé que se refere à crença dos homens.

“Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé.” (Romanos 1:8)

A proposta da Vontade Livre é a essência da Bíblia, porém, a defesa formulada pelos Arminianista, equivocada.

Já o argumento da Depravação Total instituída no Sínodo de Dort é totalmente equivocada.

A Bíblia apresenta o homem como escravo do pecado, e não como escravo de Satanás. A morte é o que prendia o homens, sujeitando-os à servidão (Hebreus 2:15), de modo que a condição de pecado era determinada pela imposição (agulhão) da morte decorrente da ofensa de Adão (1 Coríntios 15:56).

O homem pode exercer a sua vontade livremente, mas o que o torna ligado ao pecado é a lei, assim como a mulher quando ligada ao marido pela lei, e não a sua vontade livre (Romanos 7:1 -3).

Enquanto o homem viver para lei que diz: ‘certamente morrerás’, estará ligado ao pecado pela lei, pois a lei é à força do pecado. A vontade livre do homem não o livra do pecado, e sim, a sua morte para a lei. O problema do homem sob o domínio do pecado não está na sua livre vontade, mas na lei que o mantém ligado ao pecado.

“Ora, o agulhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.” (1 Coríntios 15:56).

O homem depende do mandamento de Deus para salvar-se (Salmo 71:3), e o evangelho é mandamento: **“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.”** (1 João 3:23), e quando o homem crê, a obra de Deus é realizada

(João 6:29).

Enquanto a Bíblia enfatiza que a obra de Deus é o homem crer em Cristo, o Calvinismo apregoa que a obra de Deus é vivificar o homem para que seja habilitado a crer em Cristo.

Tem-se no conceito da Depravação Total três equívocos:

1. a) o homem é escravo do pecado;
2. b) é incapaz de exercer a sua própria vontade livremente, e;
3. c) depende da obra de Deus para que possa crer.

Eleição Condicional versus Eleição Incondicional

Para os Arminianista a eleição é condicional, vez que acreditam que Deus escolheu aqueles que 'pré-conheceu'. 'Pré-conhecer', na concepção Arminianista, é Deus saber antecipadamente quem haverá de aceitar a salvação, e assim escolhe-los, de modo que a escolha de Deus estaria condicionada a uma resposta prevista por Deus.

Os calvinistas, por sua vez, acreditam que o pré-conhecimento de Deus está relacionado ao Seu propósito ou plano, e decorre da livre vontade de Deus, sem qualquer cooperação do homem.

A doutrina calvinista da Eleição Incondicional é equivocada na sua essência, e os Arminianistas, acabaram sendo induzidos a outro erro, ao contraporem os calvinistas.

Os equívocos decorrem por três motivos:

1. não sabem qual é o propósito eterno de Deus;
2. desconhecem o que é 'pré-conhecer';
3. desconhecem o objetivo da eleição.

Na Bíblia o propósito eterno de Deus refere-se a congregar em Cristo todas as coisas, de modo que Ele seja Primogênito entre muitos irmãos e mais elevado do que os reis da terra (Efésios 1:10; Efésios 3:11; Salmo 89:27), o Calvinismo entende que o propósito eterno de Deus é a salvação do homem.

O propósito eterno de Deus não é a salvação do homem, pois há um tempo determinado para findar a oportunidade de salvação dos homens. Como há um tempo determinado para findar a oportunidade de salvação, salvar não é o propósito eterno.

Como o propósito de Deus é eterno e, somente Deus é eterno, o propósito d'Ele foi estabelecido n'Ele mesmo, em Cristo. Para realizar o Seu propósito, Deus introduziria no mundo o seu Filho Unigênito, de modo que, quando retornasse à sua glória, alçasse a posição de Primogênito entre muitos irmãos.

Em função do propósito eterno estabelecido em Cristo, Deus criou o homem. Como o propósito de Deus foi estabelecido em Cristo, o eleito de Deus, na criação do homem havia duas alternativas:

1. se o homem não se corrompesse, o propósito de Deus estaria firme, e;
2. como o homem se corrompeu, o propósito de Deus permaneceu firme.

Por que o propósito permaneceu firme? Porque o propósito de Deus não se fundamenta em obras, antes n'Ele que chama.

Com a ofensa de Adão, os homens firam em uma condição imprópria para o propósito que Deus estabeleceu em Cristo, que é fazê-lo primogênito entre muitos irmãos, embora ainda fosse possível fazê-lo o mais elevado do que os reis da terra.

Para introduzir o Seu Filho Unigênito no mundo, Deus elegeu a descendência de Abraão, e, na plenitude dos tempos, o Cristo veio ao mundo como o último Adão (1 Coríntios 15:45). Através de Cristo, o último Adão, todo aquele que crê conforme as Escrituras são crucificados, mortos e sepultados com Cristo, tornando-se livre da lei do pecado e da morte (Romanos 8:2).

Após ser morto e sepultado com Cristo, o homem que estava morto para Deus em delitos e pecados, ressurgue com Cristo uma nova criatura, criada segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Efésios 4:24).

Essa nova criatura gerada segundo a semente incorruptível do evangelho torna-se uma com o Pai e o Filho (João 17:21), de modo que o homem 'conhece' a Deus, ou antes é 'conhecido' d'Ele.

[“Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo](#)

[quereis servir?](#)” (Gálatas 4:9).

O crente em Cristo é membro do corpo de Cristo, portanto, ‘conhece’ a Cristo, ou seja, se fez um só corpo com Ele. Somente os que são um só corpo com Cristo, ou seja, que conheceram a Deus, são eleitos para o propósito que Deus estabeleceu em Cristo.

‘Estar em Cristo’ é o que concede salvação, pois não há nenhuma condenação para os que são novas criaturas (Romanos 8:1; 2 Coríntios 5:17). Concomitantemente, por estar em Cristo, o crente é eleito para ser santo e irrepreensível diante de Deus.

O termo grego προγινωσκ[1] (proginosko), geralmente traduzido por *‘ter conhecimento de antemão, prever, daqueles que Deus elegeu para a salvação, predestinar’*, possui uma ideia que é desprezada: estar unido (conhecendo[2]) a Deus de antemão.

Quando lemos em Romanos 8, verso 29: [“Porque os que dantes conheceu...”](#), a ideia em pauta diz daqueles que anteriormente *‘se tornaram um com o Pai e o Filho...’*, diferentemente da ideia equivocada de que Deus anteviu o futuro para eleger ou predestinar.

Qualquer que ama a Deus é ‘conhecido’ de Deus, não no sentido de pré-conhecer, mas no sentido de se tornar um com Ele. É conhecido de Deus quem ‘dantes’ amou a Deus!

[“Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.”](#) (1 Coríntios 8:3).

É equivocada a ideia de que Deus antevê o futuro, conforme alegam através da malograda ideia de que Deus é ‘presciente’. Na verdade, Deus é onisciente, ou seja, conhecedor de todas as coisas, quer do passado, presente ou futuro, de modo que, a concepção da presciência não é um atributo divino.

A ideia defendida em Romanos 8, verso 29, é diferente da ideia contida em primeira Pedro 1, verso 2: [“Eleitos segundo a presciência\[3\] de Deus Pai...”](#), pois este verso apresenta a ‘presciência’ como a profecia, ou o prognóstico das Escrituras (Atos 2:23), e aquele apresenta a ideia de conhecer previamente, no sentido de se fazer um com o Pai e o Filho (Gálatas 4:9).

Considerando a concepção calvinista da soberania de Deus para a salvação, a

eleição visa o propósito eterno de Deus estabelecido em Cristo, e não a salvação do homem. A salvação do homem em Cristo, quando se torna um com o Pai e o Filho, é o que torna o homem eleito para ser participante do propósito eterno, que é a preeminência de Cristo em todas as coisas.

A salvação se dá pela pregação do evangelho, pois no evangelho está o poder de Deus para redenção do homem. Após ser salvo por intermédio do evangelho, o novo homem por estar em Cristo (conhecer), está apto ao propósito eterno. Nesse sentido a eleição é condicional.

Ao contestar o calvinismo, os Arminianistas além de abraçarem a premissa equivocada de que a eleição possui relação com a salvação, e não considerarem nas Escrituras a questão do propósito eterno, somente substituiu a ideia calvinista da salvação segundo a soberania de Deus pela ideia da salvação segundo a presciência de Deus.

Nem os calvinistas nem os Arminianistas consideraram a eleição tendo em vista o propósito eterno de Deus, antes ambos consideraram a eleição visando à salvação do homem, sendo que um sistema doutrinário aponta para a soberania de Deus e o outro para uma presciência que não é atributo de Deus, mas uma profecia de Deus dada ao homem.

Expição Universal versus Expição Limitada

A concepção da expiação universal é equivocada, bem como a concepção da expiação limitada.

Quando lemos João 3, verso 16, temos a seguinte declaração:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16).

Jesus expôs a Nicodemos que, ao enviar o Seu Filho ao mundo, Deus não fez acepção de pessoas, pois Ele amou o mundo. Embora Deus tenha entregado o seu Filho ao mundo, só obtém vida eterna todo aquele que crê em Cristo.

A expressão ‘todo aquele’ é inclusiva, significando ‘qualquer que’. Por causa do

amor de Deus o mundo todo foi agraciado com a vinda do Seu Filho unigênito, porém, a salvação eterna está ao alcance somente dos que creem em Cristo.

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens,” (Tito 2:11).

Cristo é a graça de Deus manifesta, e por meio dele qualquer homem, independentemente de tribo, nação ou língua, pode alcançar a salvação.

A proposta de Deus ao entregar o Seu Filho ao mundo é salvar os que creem pela loucura da pregação:

“Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação.” (I Coríntios 1:21).

O homem só conhece a Deus, ou antes, é conhecido d’Ele, depois que ouve a palavra da verdade, o evangelho da salvação e crê.

“Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.” (Efésios 1:13).

Essa mesma verdade é exposta em outras palavras pelo irmão Tiago, quando ele enfatiza que os cristãos são gerados de novo pela palavra da verdade (Tiago 1:18), e que, portanto, deveriam recebê-la com mansidão, visto que pode salvar almas (Tiago 1:21). Receber a palavra é o mesmo que ser cumpridor da palavra, diferente do ouvinte esquecido, que não cumpre. Só é bem-aventurado aquele que atenta para o evangelho, à lei perfeita da liberdade, e é perseverante, portanto, uma fazedor da obra (Tiago 1:25 e Tiago 1:4).

Certo é que Cristo morreu, mas não para salvar algumas pessoas em particular ou determinadas, antes ele morreu para salvar a todos quantos crerem.

O erro do Calvinismo é entender que Deus, na eternidade, deu ao Filho pessoas em pecado determinadas para serem salvas, sendo que na eternidade Deus estabeleceu que os que fossem gerados de novo, pela palavra da verdade, seriam como primícias das suas criaturas. As primícias é que pertencem a Cristo, pois são os eleitos de Deus para esse propósito.

Deus não elegeu pessoas determinadas, antes elegeu uma geração: a geração de Cristo. Todos os que são nascidos da semente incorruptível, que é o evangelho, fazem parte da geração eleita, povo adquirido, portanto, primícias de todas as criaturas de Deus, para o seu eterno propósito: a preeminência de Cristo.

Para a salvação em Cristo é imprescindível que o homem ouça a verdade do evangelho, pois no evangelho está o poder para a salvação, e então, crer que Jesus é o Cristo.

A Graça pode ser Impedida versus Graça Irresistível

Em primeiro lugar, como a graça de Deus é Cristo, e Ele trouxe salvação a todos os homens, verifica-se que não houve impedimento algum quanto à manifestação da graça de Deus.

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens,” (Tito 2:11).

Em segundo lugar, Deus quer que todos os homens se salvem, e para isso é necessário que venham ao conhecimento da verdade do evangelho, pois sem crer no Evangelho não há salvação.

“Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade.” (1 Timóteo 2:4).

Assim como Adão sendo livre do pecado pode rejeitar o mandamento de Deus, homem o homem no pecado pode rejeitar o mandamento de Deus que há no evangelho.

Há algumas correções no posicionamento Arminianista a ser observado, vez que o Espírito Santo não tem a missão de levar os homens a Cristo, antes é Cristo que foi enviado como mediador para conduzir os homens a Deus. A missão do Espírito Santo é guiar o crente a toda verdade, diferente da ideia de que o Espírito Santo conduz o homem a Cristo (João 16:13).

Outro equivoco é entender que a vontade de Deus está amarrada à vontade do

homem. Deus quer que todos os homens se salvem, diferentemente do Seu propósito, que não fica somente no Seu querer, antes Deus faz tudo o que lhe apraz para levar a efeito a preeminência de Cristo.

Em certo aspecto a teoria Arminianista, de que Deus concede a sua graça é verdadeira, pois se Deus não tomasse a iniciativa de enviar o seu Filho ao mundo ninguém seria salvo. A graça de Deus não induz o homem a crer n'Ele, e nem altera a sua natureza para que possa crer. Crer é capacidade inerente à natureza do homem.

O equivoco está em considerar que a fé é resultado da cooperação de Deus e do homem, o que denominam sinergismo. A fé é dom de Deus, pois se refere a Cristo, o tema da mensagem do evangelho. Mas, como a mensagem do evangelho, a fé entregue aos santos é firme, e Deus é fiel, poderoso e imutável para cumprir o que prometeu, resta ao homem confiar n'Ele, de modo que a crença do homem decorre da fé anunciada.

Quando alguém rejeita o convite do evangelho, não está resistindo o Espírito Santo de Deus como se fosse um oponente à altura, na verdade rejeitou a palavra de Cristo, que é espírito e vida. A mensagem do evangelho é espírito, concedido pela pregação da fé (Gálatas 3:2), e não podemos confundir a mensagem que é espírito, com a pessoa do Espírito Santo, como o fazem os Calvinistas.

Os Calvinistas, por sua vez, alegam que a graça de Deus não pode ser resistida pelo homem, vez que, aqueles que Deus escolheu e predestinou para serem salvos através da sua soberania, são agraciados com o dom da vida, a regeneração, o que os habilita a crer no evangelho, o que denominam monergismo.

Deste modo, os Calvinistas alegam que Deus não ignora a vontade do indivíduo suplantando-a, antes muda a orientação da sua vontade, concedendo-lhe uma graça superveniente.

Ora, considerando o posicionamento Calvinista de que é necessário o homem ser regenerado para que seja habilitado a crer, e assim, poder responder ao evangelho, crendo e ser salvo, segue-se que tal colocação é demasiadamente equivocada, pois desconsidera a verdade de que o homem morto em delitos e pecados, antes de ressurgir com Cristo, tem que ser crucificado, morrer e ser sepultado.

Dai a pergunta: Por que Deus concederia uma graça especial a um morto que, logo em seguida, tem que ser morto e sepultado? Tal proposta é descabida. O homem no pecado está morto para Deus, porém, vivo para a lei do pecado e da morte, e mesmo nessa condição a sua vontade é livre para decidir ouvir a voz do Filho de Deus (João 5:25).

O que retém o homem nessa condição é o medo da morte (Hebreus 2:16), mas quando lhe é anunciado a verdade do evangelho, em que o homem é informado que se crer em Cristo se conforma com Ele em sua morte, sendo crucificado, morto e sepultado, de modo que ressurgirá uma nova criatura para a glória de Deus Pai, como não atentar para tão grande salvação?

“Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram;” (Hebreus 2:3).

As questões que envolvem a graça de Deus são diferentes das questões que envolvem o propósito eterno de Deus. Enquanto com relação a graça o homem é livre para aceitar a mensagem da cruz, [crendo em Cristo](#), com relação ao propósito eterno de Deus, que é Cristo preeminente sobre todas as coisas, todos que creem em Cristo são predestinados a serem conforme a imagem de Cristo.

Com relação ao propósito eterno o homem não tem com exercer escolha: se creu em Cristo, não terá outro destino a não ser conforme a imagem de Cristo, pois é assim que Ele é feito primogênito entre muitos irmãos semelhantes a Ele. Observe que a predestinação é para ser conforme a imagem de Cristo, e não para ser salvo, pois a salvação é por meio do evangelho.

O Homem pode Cair da Graça versus Perseverança dos Santos

As questões da perda da salvação e da perseverança dos santos decorrem de questões lógicas, tanto no Calvinismo quanto no Arminianismo.

Como o Arminianismo não crê na predestinação para salvação segundo a soberania, mas numa predestinação segundo a presciência, logo, quem exerceu a livre vontade e creu, a qualquer momento, ante um vento de doutrina, pode deixar

de crer ou passar a outro evangelho, como estava passando os cristãos da Galácia.

O Calvinismo, por sua vez, como crê na predestinação para a salvação segundo a soberania de Deus, sustenta que não perderá a salvação por ser decorrente de uma eleição e predestinação. Neste ponto, por mais absurdo que pareça ao Calvinismo manter a lógica, tiveram que abraça-la, para não fazerem ruir a concepção teológica.

Deus começou a sua boa obra nos que creem concedendo um mandamento como Senhor, o evangelho, e é certo que Ele a aperfeiçoará até o dia de Cristo, quando Ele se manifestará como a cabeça da igreja, o seu corpo, formado de irmãos semelhantes a Ele, sendo Ele o primogênito.

“Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo;” (Filipenses 1:6).

É Deus quem aperfeiçoa a Sua obra por Ela ser executada em Cristo, mas a perseverança é cuidado que fica a cargo dos que creem, e não uma obra que Deus realiza.

“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.” (Mateus 24:13).

Cabe ao cristão ter cuidado da doutrina e de si mesmo, perseverando nela, pois disto depende a salvação de quem crê dos que ouvem o evangelho.

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.” (1 Timóteo 4:16).

A ideia da perseverança dos santos com apresentada pelo Calvinismo não é bíblica, pois cabe ao crente perseverar na doutrina para ter tanto o Pai como o Filho.

“Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho.” (2 João 1:9).

O apóstolo Pedro se preocupava com aqueles que, sendo enganados, abandonassem a crença em Cristo.

“Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza;” (2 Pedro 3:17).

Os Calvinistas alegam que, caso alguém descaia, que o tal não era eleito e nem predestinado, pois se fosse, mesmo que abandone a verdade do evangelho, Deus o fará voltar porque está predestinado a ser salvo.

Eleição e predestinação para salvação

Conforme o exposto, a diferença crucial entre o Arminianismo e o Calvinismo se resume nas palavras soberania e livre-arbítrio. Enquanto os Calvinistas entendem que Deus opera a salvação na vida do homem conforme a sua livre e soberana vontade, os Arminianos salientam que o homem é capaz de por si só aceitar ou rejeitar a verdade do evangelho.

Entretanto, ambos os sistemas doutrinários estão equivocados, pois acreditam que Deus elegeu e predestinou alguns homens para a salvação, e a diferença entre ambos repousa em equívocos quanto à soberania e a presciência de Deus.

Primeiro porque Deus não salva ninguém porque escolheu ou predestinou, antes pela loucura da pregação. Deus elegeu e predestinou os que creem em Cristo para o seu propósito estabelecido em Cristo, e os salvos são chamados e predestinados a esse propósito, o que é completamente diferente da ideia de ser predestinado para a salvação.

Segundo, a concepção da presciência de Deus é equivocada, assim como a ideia construída sobre a soberania de Deus.

Deus não é presciente, antes é onisciente, vez que é onipresente. Ao revelar eventos futuros aos homens podemos falar em presciência, porém, Deus não precisa prever ou fazer prognóstico acerca do futuro, pois todas as coisas estão nuas e patentes aos seus olhos.

Quando dizemos que Deus é soberano, isto não quer dizer que Ele pode fazer o que quiser, mesmo tendo poder para tal. Deus é soberano por não haver quem olhe seja superior na ordem do universo, sendo Ele mesmo o criador de todas as

cosias.

Mesmo sendo soberano, Deus não pode muitas coisas. Ele não pode mentir, negar a si mesmo, não cumprir a sua palavra, deixar de ser Deus, etc. Por causa da sua retidão e justiça, Deus não pode salvar quem quiser, vez que Ele sendo justo não pode justificar o ímpio. Entretanto, sendo justo e reto, Deus propôs exercer misericórdia aos que O obedecem, para que Ele seja justo e justificador dos que tem fé (creem) em Cristo.

“Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.” (Romanos 3:26).

[1] *“4267 προγινωσκω proginosko de 4253 e 1097; TDNT - 1:715,119; v 1) ter conhecimento de antemão 2) prever 2a) daqueles que Deus elegeu para a salvação 3) predestinar”* Dicionário bíblico Strong.

[2] *“1097 γινωσκω ginosko forma prolongada de um verbo primário; TDNT - 1:689,119; v 1) chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir 1a) tornar-se conhecido 2) conhecer, entender, perceber, ter conhecimento de 2a) entender 2b) saber 3) expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher 4) tornar-se conhecido de, conhecer Sinônimos ver verbete 5825”* Dicionário bíblico Strong.

[3] *“4268 προγνωσις prognosis de 4267; TDNT - 1:715,119; n f 1) pre-conhecimento 2) presciência, prognóstico”* Dicionário bíblico Strong.

Erros teológicos na questão calvinista da Depravação Total

Seria um contrassenso Jesus chamar os gentios de cegos e surdos, já que as Escrituras foram dadas aos judeus, e não aos gentios.

Erros teológicos na questão calvinista da Depravação Total

“Disse Jesus: ‘Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece’” (João 9:41).

Introdução

A doutrina calvinista, a chamada pelo acrostico ‘T.U.L.I.P’, ao tratar da ‘Depravação Total’, aponta 5 questões:

1 - Como resultado da transgressão de Adão, os homens são nascidos em pecado e são, por natureza, espiritualmente mortos; portanto, para se tornarem filhos de Deus e entrarem no Seu Reino precisam nascer de novo, do Espírito.

2 - Como resultado da queda, os homens estão cegos e surdos para a verdade espiritual. Suas mentes estão entenebrecidas pelo pecado; seus corações são corruptos e malignos.

3 - Antes dos pecadores nascerem no reino de Deus pelo poder regenerador do Espírito, são filhos do diabo e estão debaixo de seu controle. São escravos do pecado.

4 - O domínio do pecado é universal: todos os homens estão debaixo do seu poder; por conseguinte, ninguém é justo, nem um só.

5 - Os homens, sendo deixados em seu estado de morte, são incapazes, por si mesmos, de se arrepender, de crer no evangelho ou de vir a Cristo. Não têm poder, em si mesmos, para mudar sua natureza ou preparar-se para a salvação.

Neste artigo verificaremos a 5 premissas calvinistas acerca da Depravação Total, tendo por base o artigo ‘Sobre a Depravação Total do homem no pecado’, do Pr.

Thomas Miersma, tradução de Marcelo Herberts.

Mas, antes de fazê-lo, analisaremos o capítulo 9 de João, verso 41.

Cegos e surdos

“Disse Jesus: ‘Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece’” (João 9:41).

O que levou Jesus a fazer tal afirmação? Apesar de ser uma mensagem que possui uma lição de proveito para todos os homens, qual foi o público alvo do discurso de Jesus?

Para compreendermos o que Jesus disse, temos que alisar o contexto da citação, bem como verificar na Lei, nos Salmos e nos Profetas a base do pronunciamento de Jesus.

Tudo começou quando Jesus curou um cego de nascença em um dia de sábado (João 9:14). Quando os fariseus souberam que Jesus fizera lodo em um dia de sábado e aplicou nos olhos do homem que era cego, esses condenaram o fato de Jesus não ter guardado o sábado (João 9:15).

Por discordar do posicionamento dos fariseus, o homem que era cego foi expulso da sinagoga. Ouvindo Jesus que o homem que era cego foi expulso da sinagoga, o encontrou e questionou: - *Crês tu no Filho do homem?* Ao que o moço respondeu: - *Quem é Ele, Senhor, para que eu nele creia?*

Diante da resposta de Jesus, o homem se prostrou e o adorou.

Foi quando Jesus diante dos fariseus disse: - *“Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem sejam cegos”*. Os fariseus ao ouvirem a declaração de Jesus questionaram: - *“Também nós somos cegos?”*.

Dai a resposta de Jesus: *“Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece”* (João 9:41). O que Jesus enfatizou aos fariseus?

Que se fariseus eles tivessem reconhecido a condição deles, certamente seriam

livres do pecado, mas, como diziam que não eram cegos, permaneciam no pecado. Este era o posicionamento típico dos judeus, até mesmo de alguns discípulos de Jesus, que ao serem confrontados, não reconheciam que eram pecadores.

“Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?” (João 8:33).

Mas, não reconhecerem a condição de pecadores após serem repreendidos era algo peculiar aos filhos de Israel, pois o profeta Isaías já havia protestado contra eles como sendo cegos e surdos:

“Trazei o povo cego, que tem olhos; e os surdos, que têm ouvidos” (Isaías 43:8).

Até mesmo os líderes de Israel eram cegos:

“Todos os seus atalaias são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar; andam adormecidos, estão deitados, e gostam do sono” (Isaías 56:10).

O profeta Moisés previu esta condição dos filhos de Israel:

“E apalparás ao meio dia, como o cego apalpa na escuridão, e não prosperarás nos teus caminhos; porém somente serás oprimido e roubado todos os dias, e não haverá quem te salve” (Deuteronômio 28:29).

E o profeta Isaías viu a mesma condição dos filhos de Israel:

“Apalpamos as paredes como cegos, e como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas, e nos lugares escuros como mortos. Todos nós bramamos como ursos, e continuamente gememos como pombas; esperamos pelo juízo, e não o há; pela salvação, e está longe de nós” (Isaías 59:10 -11);

Ora, sabemos que toda humanidade, em razão da ofensa de Adão, é pecadora, porém, os filhos de Israel não se consideravam pecadores por serem descendentes da carne de Abraão. A lei foi imposta aos judeus para convencê-los de pecado, mas por serem descendentes da carne de Abraão, a lei não atingiu o seu objetivo, vez que, equivocadamente pensaram que a lei foi dada para salvá-los. Por isso é dito:

“Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne” (Romanos 8:3).

É por isso que o apóstolo Paulo disse:

“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3:19 -20).

A lei foi dada aos judeus para demonstrar que eles também eram condenáveis diante de Deus assim como os gentios. A lei foi dada para os judeus conhecerem a real condição em que estavam: condenáveis, por isso nenhuma carne, nem mesmo os judeus, são justificados pelas obras da lei.

Mas, apesar dos apelos da Lei, dos Salmos e dos Profetas, os judeus não admitiam que eram cegos, por isso permaneciam no pecado:

“O SENHOR abre os olhos aos cegos; o SENHOR levanta os abatidos; o SENHOR ama os justos” (Salmos 146:8).

Observe a relação que há entre cegos, abatidos e justos. Por isso o apelo aos filhos de Israel:

“Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai, para que possais ver” (Isaías 42:18).

Ora, se as Escrituras descrevem o Servo do Senhor como cego e surdo, porque os filhos de Israel não reconheciam a real condição deles?

“Quem é cego, senão o meu servo, ou surdo como o meu mensageiro, a quem envio? E quem é cego como o que é perfeito, e cego como o servo do SENHOR?” (Isaías 42:19).

Se reconhecessem que eram cegos e surdos, segundo o denunciado por Deus, seriam crentes de fato, pois acreditariam no testemunho de Deus acerca deles, e assim se tornariam filhos por causa da mesma fé que teve o crente Abraão. Se fossem cegos, não seriam pecadores!

“Disse Jesus: ‘Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas

agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece” (João 9:41).

Mas, por que os filhos de Israel não enxergavam e nem ouviam? Para cumprir o profetizado por Moisés:

“Mas este é um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas, e escondidos em cárceres; são postos por presa, e ninguém há que os livre; por despojo, e ninguém diz: Restitui. Quem há entre vós que ouça isto, que atenda e ouça o que há de ser depois? Quem entregou a Jacó por despojo, e a Israel aos roubadores? Porventura não foi o SENHOR, aquele contra quem pecamos, e nos caminhos do qual não queriam andar, não dando ouvidos à sua lei? Por isso derramou sobre eles a indignação da sua ira, e a força da guerra, e lhes pôs labaredas em redor; porém nisso não atentaram; e os queimou, mas não puseram nisso o coração” (Isaías 42:22 -25).

Em virtude dessas profecias, o termo ‘cego’ tornou-se uma figura que remetia à condição dos judeus:

“Deixai-os; são condutores cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova” (Mateus 15:14);

“Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a oferta, ou o altar, que santifica a oferta?” (Mateus 23:19);

“Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo” (Mateus 23:26).

Seria um contrassenso Jesus chamar os gentios de cegos e surdos, já que as Escrituras foram dadas aos judeus, e não aos gentios. Neste sentido, não se verifica em nenhum lugar nas Escrituras os profetas se referindo aos gentios como cegos e surdos, somente aos filhos de Israel.

É coerente cegar ‘cegos’?

Não podemos abrir mão de considerar essa profecia de Isaías:

“Engorda o coração deste povo, e faze-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus

ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado” (Isaías 6:10).

Segundo os itens 1 e 2 da doutrina calvinista da Depravação Total, que diz:

1 - Como resultado da transgressão de Adão, os homens são nascidos em pecado e são, por natureza, espiritualmente mortos; portanto, para se tornarem filhos de Deus e entrarem no Seu Reino precisam nascer de novo, do Espírito.

2 - Como resultado da queda, os homens estão cegos e surdos para a verdade espiritual. Suas mentes estão entenebrecidas pelo pecado; seus corações são corruptos e malignos.

Certo é que todos os homens, inclusive os judeus, são nascidos em pecado, e, por natureza, estão espiritualmente mortos. Uma verdade insofismável, como se lê:

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23);

“E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação” (Romanos 5:16).

Mas, se todos os homens nascem em pecado, incluindo os judeus, por qual motivo Deus cegou fez os ouvidos pesados e cerrou os olhos dos judeus a fim de que não enxergassem com os olhos e ouvissem com os ouvidos? O resultado da queda, segundo a concepção calvinista, não teve como resultado homens cegos e surdos, e mentes entenebrecidas? Por que se fez necessário Deus cegar os olhos, agravar os ouvidos e engodar o coração de mortos? Seria o caso de os judeus não terem nascidos no pecado?

Para não restar dúvidas acerca do público alvo da mensagem de Isaías, deve-se considerar o que foi dito pelo evangelista João ao explicar a rejeição dos judeus após Jesus entrar em Jerusalém, que disse: - “Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?” (João 12:38). Isto posto, o evangelista explica: Por isso não podiam crer, pois como Isaías diz em outra passagem:

“Cegou-lhes os olhos, e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com

os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure” (João 12:40).

Ora, João estava falando dos judeus, assim como Mateus:

“Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, E, vendo, vereis, mas não perceberéis. Porque o coração deste povo está endurecido, E ouviram de mau grado com seus ouvidos, E fecharam seus olhos; Para que não vejam com os olhos, E ouçam com os ouvidos, E compreendam com o coração, E se convertam, E eu os cure” (Mateus 13:13 -15).

Para que se cumprisse a profecia de Isaías, Jesus sempre falava ao povo de Israel por parábolas, como se lê:

“Tudo isto disse Jesus, por parábolas à multidão, e nada lhes falava sem parábolas” (Mateus 13:34);

“E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos” (Marcos 4:33 -34).

Ora, sabemos que uma mentira jamais prescinde da verdade, de modo que a mentira só existe por torcer, omitir ou acrescentar algo a verdade.

Consideremos os três últimos itens da Depravação Total:

3 - Antes dos pecadores nascerem no reino de Deus pelo poder regenerador do Espírito, são filhos do diabo e estão debaixo de seu controle. São escravos do pecado.

4 - O domínio do pecado é universal: todos os homens estão debaixo do seu poder; por conseguinte, ninguém é justo, nem um só.

5 - Os homens, sendo deixados em seu estado de morte, são incapazes, por si mesmos, de se arrepender, de crer no evangelho ou de vir a Cristo. Não têm poder, em si mesmos, para mudar sua natureza ou preparar-se para a salvação.

A doutrina calvinista acusa os homens de serem filhos do diabo, uma inverdade, visto que tal alcunha só foi direcionada aos judeus que não creram em Cristo, quando afirmou que se permanecessem no seu ensino, então seriam livres (João 8:31).

“Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra. Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira” (João 8:43 -44).

Quem queria matar Jesus? Os gentios? Não! Quem queria mata-lo eram os judeus. Por que são nomeados filhos do diabo? Porque o diabo é homicida e somente profere mentiras, portanto, pai da mentira, ‘pai’ dos judeus incrédulos que intentavam matar Jesus.

O homem nascido no pecado é escravo do pecado, e não escravo do diabo. Na verdade, o próprio diabo é escravo do pecado, pois está separado de Deus. Os homens são filhos de Adão, e por isso, servos do pecado, visto que Adão vendeu ao pecado toda a sua descendência quando da queda.

É verdadeiro quando a doutrina calvinista diz: *‘O domínio do pecado é universal: todos os homens estão debaixo do seu poder; por conseguinte, ninguém é justo, nem um só’*, mas, em seguida vem à mentira: *‘Os homens, sendo deixados em seu estado de morte, são incapazes, por si mesmos, de se arrepender, de crer no evangelho ou de vir a Cristo’*.

Tendo por verdade que o pecado é universal, certo é que os judeus também eram pecados. Mas, mesmo sendo pecadores de nascimento, Deus cegou-lhes o entendimento, o que não foi feito com os gentios.

A mentira está em afirmar que o homem no pecado, ou seja, morto, são incapazes de se arrepender, ou de crer, ou de ir a Cristo. Primeiro que não há impedimento do homem ir a Cristo, visto que o impedimento é de o homem ir a Deus; segundo, como havia impedimento para o homem ir a Deus, Deus enviou a Cristo como único caminho pelo qual o homem tem acesso a Deus; terceiro, arrepender-se é mudar de concepção frente a verdade do evangelho, o que os gregos denominavam ‘metanoia’, mudança de concepção.

A doutrina calvinista sempre faz algumas afirmações verdadeiras, porém, acompanhadas de inverdades, pois a mentira, como distorção da verdade, surge de senão da verdade.

Os mortos ouvem e veem

“Eu lhes afirmo que está chegando a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem, viverão” (João 5:25).

Apesar de o homem no pecado estar morto para Deus, ou seja, não tem comunhão com Deus, pode ver e ouvir a mensagem do evangelho que é poderosa para salvação do homem.

Nesse versículo, apesar de Jesus apontar a condição do homem: morto para Deus, contudo ele destaca a eficácia da mensagem anunciada por Cristo, que concede vida aos mortos que ouvirem e crerem.

Embora morto em delitos e pecados, o pecador ao ter um encontro com Cristo será crucificado, morto e sepultado com Cristo, pois só assim poderá ressurgir com Cristo uma nova criatura. Observe que para um morto no pecado possa ressurgir para salvação, primeiro precisa ser morto.

Ora, se os mortos no pecado não veem e não ouvem, por que antes de ressurgirem com Cristo lhes é necessário serem crucificados, mortos e sepultados? O pecador precisa morrer para ressurgir porque vivia para o pecado, assim como quando Adão vivia para Deus, estava morto para o pecado.

Quando Adão pecou, deixou de estar vivo para Deus e passou a viver para o pecado, e todos os seus descendentes para voltar a ter comunhão com Deus precisam morrer para o pecado, como se lê:

“Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado” (Romanos 6:6 -7).

Isto posto, observe o comentário do calvinista Rev. Thomas Miersma cerca do verso 25 do evangelho de João, capítulo 5:

“Nesse versículo Jesus descreve não o corpo de um homem, mas a condição espiritual da sua alma e a obra da graça pela qual ele é salvo ao ouvir a Palavra de Deus. Através dela Jesus ensina que o homem está espiritualmente morto, não simplesmente moribundo. A salvação envolve uma ressurreição espiritual da morte. Isso é evidente a partir do fato que nesse texto Jesus não fala da futura ressurreição do corpo (algo tratado por ele num versículo posterior e como algo futuro, João 5:28), mas daquela hora que “agora é.” Esse texto é repercutido pela Palavra de Deus que diz, “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados” (Efésios 2:1). Esta verdade define os limites para qualquer doutrina bíblica da salvação. O homem é um pecador morto e como tal pode fazer apenas o que um cadáver faz, cheirar à corrupção. Trata-se apenas de uma doutrina da salvação fiel que começa com um pecador morto e com a necessidade de uma operação da graça que o levanta da morte para a vida”. Thomas Miersma, ‘Sobre a Depravação Total do homem no pecado’, tradução de Marcelo Herberts (Grifo nosso). Fonte: [What Jesus said about, Rev. Thomas Miersma, cap. 3.](#)

Há várias verdades ditas, porém, com o fito de introduzir uma mentira. Que no verso Jesus faz referência à condição do homem como morto para Deus é verdadeiro; que a obra da graça de Deus é conceder salvação aos que ouvem a Sua palavra é verdadeiro; que a salvação envolve a ressurreição dentre os mortos é verdadeiro; Que Jesus não está tratando da ressurreição do corpo, que é uma ressurreição futura é verdadeiro; por fim, a asserção *‘O homem é um pecador morto e como tal pode fazer apenas o que um cadáver faz, cheirar à corrupção’* é mentira.

O homem é pecador porque está morto, e não ‘é um pecador morto’. Morto não é qualificativo do pecador, e sim condição, pois por causa da ofensa de Adão foi apenado com a morte.

Logo em seguida vem uma enxurrada de erros, por má dedução do que o texto bíblico citado diz:

“Jesus disse, “Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas” (João 3:19-20). Por essas palavras Jesus ensina que o homem, sendo morto, é mau e está em trevas espirituais. Ele não é neutro, apto a

escolher e crer em Deus, mas odeia a luz do evangelho e não virá a Jesus. O homem não está simplesmente em trevas sem conhecimento ou luz, mas ele próprio, sendo um pecador, está obscurecido. Ele ama as trevas, ele tem laços de amor com as trevas. Em si mesmo, odeia a luz do evangelho e Cristo que é a luz do evangelho. Ele persiste na incredulidade” Idem.

O primeiro erro do Rev. Miersma é desconsiderar o público alvo da exortação de Jesus: um fariseu que era mestre em Israel, Nicodemos. Em segundo lugar, Cristo está emitindo um julgamento, e quem são as pessoas sujeitas aquele julgamento?

Observe que após Jesus anunciar que Deus deu o seu Filho para salvação de todo aquele que crê, enfatizou que quem não crê já está condenado. Ora, em se tratando da humanidade, sabemos que todos os homens foram julgados e apensados em Adão, por isso estão todos mortos.

“E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação” (Romanos 5:16).

O juízo veio por causa de uma só ofensa, e por ela a condenação. Mas, ao emitir um juízo, Jesus não estava falando da condenação da humanidade, mas analisando o comportamento dos Judeus que rejeitaram a Cristo, a luz que veio ao mundo, porque as suas obras eram más, ou seja, consistia somente em obedecer mandamentos de homens. Os Judeus não se aproximavam de Cristo temendo que a natureza de suas obras fosse revelada, e não porque estavam impedidos de ouvir e ver acerca da salvação.

A tratativa de Jesus ao apontar o julgamento tinha por alvo os Judeus, e não a humanidade. Que a humanidade está morta, é vil (má) e são trevas é fato, mas através desta passagem bíblica Jesus não está dizendo que a humanidade é inapta para ouvir a mensagem do evangelho e crer.

A inaptidão apontada pelo Rev. Miersma estava nos judeus, e não na humanidade. Um dos maiores equívocos da doutrina calvinista está em utilizar passagem bíblicas que falam do endurecimento de Israel como se fosse condição de todos os homens no pecado.

Observe:

“Pois quê? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos. Como está escrito: Deus lhes deu espírito de profundo sono, olhos para não verem, e ouvidos para não ouvirem, até ao dia de hoje. E Davi diz: Torne-se-lhes a sua mesa em laço, e em armadilha, E em tropeço, por sua retribuição; Escureçam-se-lhes os olhos para não verem, E encurvem-se-lhes continuamente as costas. Digo, pois: Porventura tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação” (Romanos 11:7 -11).

A quem Deus deu espírito de profundo sono? À humanidade? É claro que não. E por que Deus deu espírito de profundo sono aos judeus? Porque eles, assim como todos os homens, apesar de serem escravos do pecado, podiam ver e ouvir a voz de Deus. Por isso Deus escureceu os olhos dos Judeus e encurvou as costas. Com qual objetivo? Incitá-los à emulação, para que a salvação chegasse aos gentios.

Uma característica própria aos judeus, os calvinistas transportam para a humanidade como um todo, somente para poderem divulgar os seus erros doutrinários.

O Rer. Miersma ao citar o verso 44 do capítulo 6 do evangelho de João, alega que o homem não tem a capacidade de crer, e nem vontade de ser salvo, mas não é essa a abordagem de Jesus.

“Jesus também disse, “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair ...” (João 6:44). Nessas palavras Jesus ensina o mesmo princípio, que o homem não pode por si só crer, ele não tem capacidade de crer e não tem vontade de ser salvo. Ele “não pode vir.” A sua vontade está constrangida, pois como escravo das trevas, ele está espiritualmente morto” (Idem).

Por que Jesus disse que ninguém poderia ir até Ele, se não fosse concedido pelo Pai? Por dois motivos:

1. a) ao falar aos judeus Jesus sempre utilizava parábolas “E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos” (Marcos 4:33 -34);
2. b) Por Jesus sabia quem eram os que não criam e quem havia de entregá-Lo “Mas há alguns de vós que não creem. Porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de

entregar. E dizia: Por isso eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lhe for concedido” (João 6:64 -65).

Jesus deixa claro que o que disse tem em vista especificamente o fato de alguns não crerem n’Ele, mas os calvinistas procuram calcar a sua doutrina em uma passagem em que Jesus não estava falando da tal ‘Depravação Total’.

Sem analisar o contexto de João 8, verso 43, o Rer. Calvinista, Miersma, fala que a humanidade está cega e surda, sendo que o texto trata especificamente com os judeus.

“Mais adiante Jesus disse ao perverso e incrédulo, “Por que a minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que eu digo” (João 8:43). O homem por si só não pode mesmo discernir espiritualmente o evangelho, tal é a sua cegueira. Como testificam todos os milagres de Jesus, ele está cego e surdo às coisas espirituais. A sua boca é muda e assim ele não pode adorar a Deus. Ele é um leproso em sua alma, sob o domínio do pecado e está confinado à prisão do pecado. Ele é o paralítico que não pode seguir os caminhos de Deus, seja no arrependimento ou na fé. Seus pecados precisam ser perdoados (Lucas 5:17-26)” (Idem).

Jesus estava falando a judeus que criam nele (João 8:31), e o reverendo diz que Jesus falou ao ‘perverso’ e ‘incrédulo’, de modo que o leitor subentenda que o texto está tratando da condição da humanidade.

Para quem a linguagem de Jesus não era clara? Quem eram as pessoas incapazes de ouvir o que Jesus dizia? A humanidade como um todo, ou os judeus que ali estava?

Certamente que Jesus estava dizendo dos judeus que ali estava, pois eles não entendiam a linguagem de Jesus por Ele sempre falar por parábolas, e não podiam ouvir porque Deus cegou o entendimento dos judeus. Mas, os calvinistas utilizam o texto fora do contexto para dizer que a humanidade é cega e surda.

Por fim, após utilizar textos bíblicos fora do contexto, o Rer. Miersma passa a dizer que Jesus disse aquilo que, na verdade, não disse:

“Assim, Jesus ensina que o homem é um pecador morto, incapaz de crer por si só, não tendo um livre-arbítrio com o qual possa se aproximar da luz do

evangelho, ou qualquer capacidade de entendê-lo. Ele ensina que o homem ama as trevas do pecado e da morte. Jesus ensina a doutrina da depravação total e da incapacidade total do homem. A graça todo-poderosa de Deus, apenas e tão somente salva! Deus salva pecadores mortos. Você crê nessa palavra de Jesus e aceita a sua condição tal como nas Suas palavras? Ou você vê a si mesmo em sua própria sabedoria, como se tendo algum bem em si mesmo? A sua confissão é a confissão da doutrina de Jesus de que somos espiritualmente mortos, ou é uma confissão pelos termos do homem, que não estamos completamente mortos, não plenamente confinados às trevas do pecado e do mal? Jesus disse a respeito do homem que ele “ama as trevas” e “odeia a luz.” Você crê em Seu veredicto? Ou você crê que ainda pode vir a Ele por si própria vontade e decisão quando Jesus diz que ninguém pode vir a Ele nessa condição? Não se trata de uma questão inútil. Jesus advertiu acerca dos falsos evangelhos e cristos que enganariam a muitos (Mateus 24:4-5, 11, 23-25). Esse é na verdade um alerta frequente. Jesus também confronta aqueles que confiam em si mesmos, em sua retidão, em sua fé e bondade e fala parábolas contra essas pessoas (Lucas 18:9-14)” (Idem).

Isto posto, não afirmo aqui neste artigo a doutrina arminianista, que também é outro dispartes. O posicionamento das Escrituras é de que o povo que [andava em trevas](#), viu grande luz, e os que habitavam na sombra da morte resplandeceu a luz (Isaías 9:2). Esse povo estava cego e surdo? Por que não é dito que foi restaurada a visão e a audição deste povo? Por que somente o resplendor da luz é suficiente para salvar?

Ora, ao afirmar no verso 25 do evangelho de João, capítulo 5 que era chagada a hora dos mortos ouvirem a voz do Filho do homem, Jesus estava enfatizando que a voz do filho do homem seria anunciada a todos os povos indistintamente, pois todos estavam mortos em delitos e pecados. No entanto, aquele que der ouvidos, ou seja, atender, ouvir a voz do Filho de Deus, viverá (João 5:25).

Longe das Escrituras qualquer ideia de que o homem é cego e surdo para as coisas de Deus, pois se de fato admitir que é cego e surdo tendo por base as Escrituras, não terá culpa do pecado.

A Bíblia ensina que a humanidade dispõe de livre-arbítrio, mas não há poder de salvação no livre-arbítrio, e sim na mensagem do evangelho.

Assim como Adão sendo escravo da justiça dispunha de livre-arbítrio e decidiu desobedecer a Deus, o homem no pecado, sendo escravo do pecado, dispõe de livre-arbítrio, e diante da mensagem do evangelho pode decidir obedecer a Deus, crendo em Cristo.

“Estas são questões importantes. A salvação é pela graça mediante a fé, mas ela é uma dádiva de Deus em todos os aspectos (Ef. 2:8-9). Graça não é um mero auxílio que salva o homem por si só pelo seu uso da graça ou do evangelho. Fé é o fruto da obra da graça efetiva de Deus naquele que é levantado da morte para a vida, que sendo espiritualmente morto, chamado e vivificado por Cristo, escuta de fato e então crê. “Eu lhes afirmo que está chegando a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que a ouvirem, viverão” (João 5:25). A doutrina do livre-arbítrio é um falso evangelho de um falso cristo. É o orgulho pecaminoso que confia em si mesmo. Jesus também adverte contra esse orgulho pecaminoso do homem, que confia em sua própria capacidade, nega a sua real cegueira espiritual, e não precisa de Salvador. “Disse Jesus: ‘Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece’” (João 9:41)” (Idem).

Assim como Cristo, o perfeito, sendo Servo do Senhor, era surdo e mudo, todos quantos creem em Cristo são tal qual Ele é ainda neste mundo, cegos e surdos: não julga segundo a aparência e nem segundo o ouvir dos ouvidos (Isaías 11:3).

“Quem é cego, senão o meu servo, ou surdo como o meu mensageiro, a quem envio? E quem é cego como o que é perfeito, e cego como o servo do SENHOR?” (Isaías 42:19);

“E deleitar-se-á no temor do SENHOR; e não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos” (Isaías 11:3).

O que é ‘tomar o nome de Deus em vão’?

O verbo hebraico נשׂו utilizado para proibir a utilização do nome de Deus em vão traz no seu bojo a ideia de ‘levar’, ‘carregar’, ‘suportar’, ‘sustentar’, ‘aguentar’.

O que é ‘tomar o nome de Deus em vão’?

“Pois falam malvadamente contra ti; e os teus inimigos tomam o teu nome em vão” (Salmos 139:20);

“Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êxodo 20:7).

Introdução

Quanta celeuma surgiu da má leitura e interpretação desse verso!

Das inúmeras questões entorno do nome de Deus, todas tiveram origem no medo que os judeus nutriram quanto a transgredirem o terceiro mandamento que consta do Decálogo.

Por causa do terceiro mandamento, o termo hebraico [\[1\]](#) יהוה deixou de ser pronunciado entre os filhos de Israel, sendo substituído por outros termos, como: ‘Senhor’, ‘Adonai’, ‘Eterno’, etc., e a pronúncia acabou se perdendo ao longo do tempo.

Como a forma da expressão do termo hebraico יהוה deixou de ser utilizada há milhares de anos pelos judeus e, a pronúncia correta da língua dos Cananeus (que deu origem ao hebraico original), em nossos dias é uma língua quase que extinta, perdeu-se a forma correta ou a mais satisfatória de dicção do termo hebraico יהוה, visto que durante a pronúncia de qualquer palavra há inúmeras combinações que

dá origem a um som único, o que depende do posicionamento da língua, lábios, entonação, expiração, etc.

Mas, questões de dicção à parte, no que consiste utilizar^[2] o nome de Deus em vão?

O nome de Deus

O cuidado de Deus ao estabelecer: *‘Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão’* (Êxodo 20:7), era com a dicção do seu nome? Se os filhos de Israel não articulassem com uma entonação específica e não pronunciassem de forma clara e precisa o nome de Deus estariam tropeçando nesse mandamento? Os gagos não conseguiriam viver a altura desse mandamento? Os mudos seriam os únicos capazes de cumprir tal mandamento? Este mandamento visava um cuidado para com um único terno hebraico יהוה, ou tinha em vista um cuidado de Deus para com o homem?

O objetivo deste artigo não é menosprezar as questões linguísticas, pois nas questões seculares e acadêmicas, a dicção e a escrita são de importância ímpar. Das regras linguísticas dependem a transmissão, o entendimento e a preservação do pensamento humano.

Por atribuímos valor sentimental a nomes, William Shakespeare escreveu em uma de suas famosas peças, o seguinte: *“O que é que há, pois, num nome? Aquilo a que chamamos rosa, mesmo com outro nome, cheiraria igualmente bem.”* William Shakespeare, Romeu e Julieta.

Embora o nome que se nomeia pessoas e coisas tenha importância no convívio social, não é de tais valores que Deus estava cuidando ao estabelecer o terceiro mandamento aos filhos de Israel. Para compreender o mandamento de Deus, não podemos nos socorrer de pensamentos e valores humanos, e sim da própria Escritura.

Se fosse possível utilizarmos a pronúncia correta do termo hebraico יהוה, na língua dos Cananeus, ou no aramaico, ou no hebraico original, a natureza da divindade não sofreria alteração alguma, assim como se a rosa tive outro nome não teria alteração alguma no seu perfume. Deus é Deus, ou seja, onipresente,

onisciente, onipotente e imutável, se o homem souber ou não a pronúncia do termo יהוה.

Devemos entender que, ao estabelecer o terceiro mandamento, Deus não estava estabelecendo um mantra, ou uma palavra de conteúdo mágico que fosse imprescindível uma correta dicção para se efetuar um encantamento.

Quando Deus se apresenta aos filhos de Israel, não deu ênfase ao termo יהוה, e sim a sua condição imutável: *'Sou o que Sou'*, o que, na essência, denota a fidelidade de Deus. Os filhos de Israel poderiam confiar n'Ele, pois Ele é o mesmo eternamente, pois eternamente é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e de todos quantos O obedecem.

"E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós; E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome ETERNAMENTE, e este é meu memorial de geração em geração" (Êxodo 3:14-15);

"Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos" (Deuteronômio 7:9);

"Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo" (2 Timóteo 2:13).

Deus não estava dando um mandamento que preservasse a grafia e a dicção do seu nome, como se depreende da tradição religiosa dos judeus, especialmente a sua tradição esotérica e mística. Se esse era o objetivo do mandamento, não foi alcançado, pois por medo de transgredirem o terceiro mandamento, a correta pronúncia perdeu-se, conseqüentemente, tais elementos não eram imprescindíveis.

Não tomarás o nome de Deus em vão

"Pois falam malvadamente contra ti; e os teus inimigos tomam o teu nome em

vão” (Salmos 139:20).

‘Tomar’ o nome de Deus em vão vai muito além de pronunciá-Lo desavisadamente em interjeições. O verbo hebraico נשׂוּ utilizado para proibir a utilização do nome de Deus em vão traz no seu bojo a ideia de ‘levar’, ‘carregar’, ‘suportar’, ‘sustentar’, ‘aguentar’.

Esse mandamento não era um cuidado a ser observado somente no momento de uma fala, antes era um mandamento para ser vivido de modo pleno e perene pelos filhos de Israel. Como? Quando dissessem: “Somos o povo de Deus”, nessa fala havia um encargo a ser suportado, levado, sustentado, etc., ou seja, deveriam obedecer a Deus de fato.

Verifica-se que há duas naturezas de mandamentos, de modo que é possível resumi-los em dois:

“E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 22:37 -40).

Deus é o Deus que havia arrancado os filhos de Israel do Egito, da casa da servidão (Ex 20:2), portanto: a) não podiam ter outros deuses (Ex 20:3); b) não podiam confeccionar imagens de esculturas, e c) nem reverenciar ou servir a outros deuses, e em seguida é dado o motivo.

“ENTÃO falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

Não terás outros deuses diante de mim.

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

Não te encurvarás a elas nem as servirás;

porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E

faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Ex 20:1 -6).

Após as proibições estabelecidas por Aquele que tirou os filhos de Israel do Egito, o motivo pelo qual não podiam ter, fazer, reverenciar ou servir outros deuses é patente: Deus é Deus zeloso, vez que visita a iniquidade daqueles que O odeiam, ou seja, que não obedecem ao seu mandamento (Ex 20:5).

A extensão do zelo de Deus ao visitar a iniquidade dos que O odeiam pode ser mensurado no fato de Deus não esquecer a iniquidade do transgressor, visitando-a indefinidamente (até a terceira e quarta geração).

Deus também se apresenta como Aquele que exerce misericórdia abundante (até mil gerações) para com aqueles que O amam, ou seja, que guardam a seu mandamento (Ex 20:6).

Através do contexto, percebesse que os termos traduzido por ‘amor’ e ‘ódio’ não se referem a sentimentos, e sim, atos frente ao mandamento de Deus: obediência e desobediência. Observe:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mateus 6:24).

Após enfatizar o primeiro e grande mandamento, vem máxima e o seu motivo:

“Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Ex: 20:7).

Embora Deus tivesse tirado os filhos de Israel do Egito como que sobre asas de águia (Ex 19:4), os filhos de Israel ainda não eram o povo de Deus, pois só seriam propriedade peculiar, um reino sacerdotal e povo santo se diligentemente ouvissem a voz de Deus e guardassem a sua aliança.

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel” (Ex 19:5- 6).

De nada adiantava dizer: - “Sou descendência de Abraão”, e não obedecer a Deus

como fez Abraão. Dizer: 'Sou descendência de Abraão' e não ter a fé de Abraão é tomar o nome de Deus em vão, pois Deus é Deus de quem tem a fé de Abraão.

De nada adianta dizer: - *"Somos povo de Deus"*, e não cumprir o juramente solene que fizeram perante Deus, dizendo: *"Tudo o que o SENHOR tem falado, faremos"* (Ex 19:8), pois alegar 'somos povo de Deus' sem obedecer à aliança é tomar o nome de Deus em vão.

"OUVI isto, casa de Jacó, que vos chamais do nome de Israel, e saístes das águas de Judá, que jurais pelo nome do SENHOR, e fazeis menção do Deus de Israel, mas não em verdade nem em justiça. E até da santa cidade tomam o nome e se firmam sobre o Deus de Israel; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome" (Isaías 48:1 -2).

Tomar o nome de Deus em vão é nomear a si mesmo do nome de Israel. É fazer menção do Deus de Israel, mas não em verdade e nem em justiça. É tomar o nome da cidade santa Jerusalém e firma-se sobre o Deus de Israel, mas sem obedecer-Lo de fato. É firmar-se em palavras falsas, e apontar para o templo de Salomão como garantia, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor.

"Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este" (Jeremias 7:4).

Ao se autodenominarem povo de Deus, os filhos de Israel tomavam o nome de Deus em vão, pois por causa deles o nome de Deus era blasfemado entre os gentios. Os gentios desconheciam o fato de que os filhos de Israel foram levados cativos por causa de suas transgressões, e assim, os judeus deram aso para que os gentios blasfemassem de Deus aos vê-los sendo punidos.

"E agora, que tenho eu que fazer aqui, diz o SENHOR, pois o meu povo foi tomado sem nenhuma razão? Os que dominam sobre ele dão uivos, diz o SENHOR; e o meu nome é blasfemado incessantemente o dia todo" (Isaías 52:5; Romanos 2:24).

As Escrituras dá testemunho de Abraão de que Ele foi amigo de Deus (2 Cr 20:7), isto porque Ele era obediente a Deus.

"Porquanto Abraão obedeceu à minha voz, e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis" (Gênesis 26:5);

“Porventura, ó nosso Deus, não lançaste fora os moradores desta terra de diante do teu povo Israel, e não a deste para sempre à descendência de Abraão, teu amigo?” (2 Crônicas 20:7);

“Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando” (João 15:14).

Mas, qualquer que não obedece a Deus, constitui-se inimigo de Deus, portanto, toma o nome de Deus em vão.

“Pois falam malvadamente contra ti; e os teus inimigos tomam o teu nome em vão” (Salmos 139:20).

Os filhos de Israel, ao rejeitarem o Cristo, se fizeram inimigos de Deus, de modo que se cumpriu a palavra que diz:

“Porque o filho despreza ao pai, a filha se levanta contra sua mãe, a nora contra sua sogra, os inimigos do homem são os da sua própria casa” (Miqueias 7:6).

A pretexto de uma lei, julgaram e condenaram o inocente, pois falaram malvadamente contra Deus:

“Porventura o trono de iniquidade te acompanha, o qual forja o mal por uma lei? Eles se ajuntam contra a alma do justo, e condenam o sangue inocente” (Salmo 94:20 -21).

Embora os filhos de Israel não pronunciassem o nome de Deus, toda via tomavam o nome de Deus em vão, pois eram contados como transgressores e pecadores, como se lê:

“CLAMA em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados. Todavia me procuram cada dia, tomam prazer em saber os meus caminhos, como um povo que pratica justiça, e não deixa o direito do seu Deus; perguntam-me pelos direitos da justiça, e têm prazer em se chegarem a Deus” (Isaías 58 :1 -2).

Embora Deus determinasse aos profetas que clamassem em alta voz a transgressão dos filhos de Israel, nada parecia adiantar, pois rotineiramente a cada dia procuravam por Deus, e em saber os seus mandamentos como se fosse

um povo que praticasse a justiça.

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza” (Ezequiel 33:31);

Mas, se esqueciam de que não são justos os que ouvem a lei, e sim quem pratica!

“Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados” (Romanos 2:13);

“Ora Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas” (Romanos 10:5).

‘Tomar o nome de Deus em vão’ é aproximar-se de Deus com a boca, honrando-O somente com os lábios, mas o coração se afasta de Deus, pois o que seguem são preceitos de homens!

“Todavia lisonjeavam-no com a boca, e com a língua lhe mentiam. Porque o seu coração não era reto para com ele, nem foram fiéis na sua aliança” (Salmo 78:36 -37);

“Plantaste-os, e eles se arraigaram; crescem, dão também fruto; chegado estás à sua boca, porém longe dos seus rins” (Jeremias 12:2);

“Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca, e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído” (Is 29:13).

Ao dar mandamentos para que os filhos de Israel não ter, fazer, reverenciar ou servir outros deuses, Deus estava cuidando para que não se contaminassem com os deuses de outras nações, mas ao exortar para não tomarem o nome de Deus em vão, Deus estava instruindo para que não fossem idolatras e feiticeiros como foi Saul, que diante do mandamento de Deus preferiu fazer a sua própria vontade.

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a

gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (1 Samuel 15:22-23);

“Mas não ouviram, nem inclinaram os seus ouvidos, antes andaram cada um conforme o propósito do seu coração malvado” (Jeremias 11:8);

“Antes andaram após o propósito do seu próprio coração, e após os baalins, como lhes ensinaram os seus pais” (Jeremias 9:14);

“Este povo maligno, que recusa ouvir as minhas palavras, que caminha segundo a dureza do seu coração, e anda após deuses alheios, para servi-los, e inclinar-se diante deles, será tal como este cinto, que para nada presta” (Jeremias 13:10);

“Porque rejeitaram os meus juízos, e não andaram nos meus estatutos, e profanaram os meus sábados; porque o seu coração andava após os seus ídolos” (Ezequiel 20:16).

Há um perigo em o homem ter, fazer, reverenciar ou servir a outros deuses, mas o mandamento para não tomar o nome de Deus em vão visa guardar o homem de um risco maior: se colocar a serviço do seu próprio ventre!

“Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas” (Filipenses 3:18 -19).

Enquanto os mestres de Israel proibiam que se pronunciasse o nome de Deus a pretexto de não transgredirem um mandamento, pela falta de conhecimento praticavam a iniquidade e não invocavam a Deus, ou seja, tomavam o nome de Deus em vão.

“Acaso não têm conhecimento os que praticam a iniquidade, os quais comem o meu povo como se comessem pão? Eles não invocaram a Deus” (Salmo 58:4).

A falta de conhecimento foi denunciada por Moisés, quando nomeou os filhos de Israel de ‘loucos’ e ‘ignorantes’:

“Recompensais assim ao SENHOR, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai que te adquiriu, te fez e te estabeleceu? (...) Porque são gente falta de conselhos, e neles não há entendimento. Quem dera eles fossem sábios! Que isto entendessem, e atentassem para o seu fim!” (Deuteronômio 32:6 e 28-29).

Ter zelo de Deus, mas sem entendimento é tomar o nome de Deus em vão (Romanos 10:2). Os escribas, por zelo, todas às vezes que se deparava com o nome de Deus durante a transcrição dos textos bíblicos, faziam rituais de purificação, etc., mas tudo isso era em vão.

Diante de Deus os filhos de Israel já não eram filhos, mas uma mancha, geração perversa.

“Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é” (Deuteronômio 32:5);

“E não fossem como seus pais, geração contumaz e rebelde, geração que não regeu o seu coração, e cujo espírito não foi fiel a Deus” (Salmos 78:8);

“Ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, que tomam conselho, mas não de mim; e que se cobrem, com uma cobertura, mas não do meu espírito, para acrescentarem pecado sobre pecado” (Isaías 30:1);

“Porque este é um povo rebelde, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR” (Isaías 30:9);

“Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por caminho, que não é bom, após os seus pensamentos” (Isaías 65:2);

“Mas este povo é de coração rebelde e pertinaz: rebelaram-se e foram-se” (Jeremias 5:23).

É por isso que, com tristeza, o apóstolo Paulo disse que gostaria de ser separado de Cristo por amor aos seus concidadãos (Rm 9:3), pois apesar de serem israelitas segundo a carne, deles ser a adoção de filhos, a glória, as alianças, a lei, o culto e as promessas, contudo, nem todos os que são de Israel são israelitas (Rm 9:4 -6).

Embora muitos em Israel tomassem o nome de Deus dizendo ser descendência de Abraão, contudo se esqueciam de que as Escrituras diziam que, em Isaque seria

chamada a descendência de Abraão, e não que a descendência decorria de Abraão, portanto, tomavam o nome de Deus em vão.

“Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência” (Romanos 9:7 -8).

Diante do que já foi demonstrado, certo está que os judeus não detinham o conhecimento necessário para tomar o nome de Deus em verdade, pois esse conhecimento foi manifesto em Cristo, nosso Senhor (Is 53:11), portanto, com relação a não tomar o nome de Deus em vão, os cristãos não têm o que aprender com os judeus.

Senhor, Senhor!

Ao instruir a multidão acerca dos falsos profetas, Jesus alertou que:

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21).

Observe que tomar o nome do Senhor, ou fazer milagre, expulsar demônios ou profetizar em nome do Senhor não é garantia de salvação, pois só é salvo aquele que faz a vontade de Deus.

O nome Senhor, Adonai, Javé, Jeová, YHVH, etc., não possuem poder salvífico como se fosse uma fórmula, e sim, ser participante da família de Jesus, o que só é possível quando se faz a vontade de Deus:

“E, estendendo a sua mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; Porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe” (Mateus 12:49 -50).

Ao crer que Jesus é o Filho de Deus, o homem faz a vontade de Deus e tem a vida eterna. Como nenhuma condenação há para os que estão em Cristo, certo é que não tomou o nome de Deus em vão, antes passou da morte para a vida.

“Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão; porque o SENHOR não

terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êxodo 20:7);

“Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:40);

“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida” (João 5:24).

[1] "03068 יהוה Y êhovah procedente de 1961; DITAT - 484a; n pr de divindade Javé = "Aquele que existe" 1) o nome próprio do único Deus verdadeiro 1a) nome impronunciável, a não ser com a vocalização de 136" Dicionário Bíblico Strong; "03069 יהוה Y êhovih uma variação de 3068 [usado depois de 136, e pronunciado pelos judeus como 430, para prevenir a repetição do mesmo som, assim como em outros lugares 3068 é pronunciado como 136]; n pr de divindade 1) Javé - usado basicamente na combinação 'Senhor Javé' 1a) igual a 3068 mas pontuado com as vogais de 430" Dicionário Bíblico Strong.

[2] "05375 נשא nasa' ou נסה nacah (Sl 4.6) uma raiz primitiva; DITAT - 1421; v 1) levantar, erguer, carregar, tomar 1a) (Qal) 1a1) levantar, erguer 1a2) levar, carregar, suportar, sustentar, aguentar 1a3) tomar, levar embora, carregar embora, perdoar 1b) (Nifal) 1b1) ser levantado, ser exaltado 1b2) levantar-se, erguer-se 1b3) ser levado, ser carregado 1b4) ser levado embora, ser carregado, ser arrastado 1c) (Piel) 1c1) levantar, exaltar, suportar, ajudar, auxiliar 1c2) desejar, anelar (fig.) 1c3) carregar, suportar continuamente 1c4) tomar, levar embora 1d) (Hitpael) levantar-se, exaltar-se 1e) (Hifil) 1e1) fazer carregar (iniquidade) 1e2) fazer trazer, ter trazido" Dicionário Bíblico Strong.

Os Sábados foram instituídos como sinal para Israel

Antes de instituir os Sábados, Deus deu maná para dois dias consecutivos. A provisão de Deus era essencial aos filhos de Israel para cumprirem a guarda do Sábado.

Os Sábados foram instituídos como sinal para Israel

“Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando-o nas suas gerações por aliança perpétua.” (Êxodo 31:16).

Para responder a pergunta: *‘Os cristãos devem guardar os sábados instituídos por Deus na lei?’*, primeiro temos que analisar o motivo pelo qual Deus estabeleceu os sábados.

A prova do Maná e o sábado

Deus instituiu, na lei, a celebração dos sábados para os filhos de Israel. As celebrações eram dias festivos, que deveriam ser comemorados pelos judeus, de geração em geração. A determinação para guardar os sábados recai, única e exclusivamente, à descendência segundo a carne de Abraão, Isaque e Jacó, ou seja, aos judeus.

Mas, por qual motivo Deus estabeleceu os sábados ao povo de Israel? Resposta: estabelecer um sinal! Ao determinar que os filhos de Israel guardassem os sábados, Deus estabeleceu um memorial (sinal), para que soubessem (e não se esquecessem), de que é Deus que santifica o seu povo.

“Tu, pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente, guardareis meus sábados; porquanto, isso é um sinal entre mim e vós, nas vossas gerações;

para que saibais que eu sou o SENHOR, que vos santifica” (Ex 31:13).

O objetivo de Deus ter instituído os sábados é cristalino: *‘para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica’!*

Guardar os sábados ‘santificava’ os filhos de Israel? Não! Guardar os sábados era obedecer a determinação d’Aquele que já havia santificado a descendência de Abraão. Ao guardá-los, os filhos de Israel demonstrariam que estavam cômnicos de que Deus santifica o homem, evidenciando que ninguém pode santificar a si mesmo.

Qualquer que acredita que os sábados tornam o homem santo diante de Deus se engana. Quem santifica é Deus e para os filhos de Israel não se esquecerem de tal verdade, foi instituído os sábados como sinal (memorial perpétuo).

“E também lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles; para que soubessem que eu sou o SENHOR, que os santifica.” (Ezequiel 20:12);

Enquanto os dias dos sábados eram sem importância para as outras nações, para os filhos de Israel, em razão do mandamento, era importante, pois manteria na memória a mensagem de que é Deus que santifica (Êx 31:14).

O que distinguia os [filhos de Israel](#) dos povos em redor, era a promessa que Deus fez a Abraão, e não os dias sabáticos. A promessa de Deus a Abraão santificou o povo de Israel, de modo que foram escolhidos dentre todos os povos e todo bem que sobreveio sobre eles, apesar da rebeldia, era para guardar o juramento feito a Abraão, Isaque e Jacó.

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito” (Dt 7:6-8; 8:18 e 9:5).

Guardar o mandamento do Senhor é confiar n’Aquele que é fiel e não muda.

Abraão creu em Deus, quando lhe foi dada a promessa de que teria descendência numerosa como as estrelas dos céus, embora não tivesse filho e isto lhe foi imputado como justiça (Gn 15:5 -6). Quando Deus pediu o único filho de Abraão, em holocausto, Abraão não desfaleceu da sua crença, pois considerou que Deus era poderoso para recobrar o seu filho dentre os mortos, assim como, miraculosamente, sendo Sara estéril e de avançada idade, alcançou um varão.

Assim como cuidou do patriarca Abraão, Deus conduziu o povo de Israel pelo deserto para fazê-los se submeterem (humilharem) aos seus mandamentos, provando-os, assim, como fez com Abraão (Dt 8:3 e 16). Em lugar de requerer algo que lhes fosse caríssimo, como o era Isaque para Abraão, Deus deu o maná no deserto para prová-los, se obedeceriam aos Seus mandamentos e foram reprovados.

“Então, disse o SENHOR a Moisés: Eis que vos farei chover pão dos céus e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu o prove se anda em minha lei ou não” (Ex 15:4).

Deus ordenou que ninguém deixasse para o outro dia o maná preparado, mas alguns do povo desobedeceram e, no outro dia, o que armazenaram criou bichos e apodreceu (Ex 16:20).

No sexto dia, aconteceu algo inusitado: todos colheram em dobro, o que chamou a atenção dos príncipes do povo. Por causa desse evento, todos foram a Moisés que lhes disse a palavra do Senhor:

“E aconteceu que ao sexto dia colheram pão em dobro, dois ômeres para cada um; e todos os príncipes da congregação vieram e contaram-no a Moisés. E ele disse-lhes: Isto é o que o SENHOR tem dito: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobejar, guardai para vós até amanhã” (Êx 16:22-23).

Como Deus estava provendo alimento para os filhos de Israel, deles exigiu que repousassem no sábado. No entanto, mesmo tendo alimento para o sábado, alguns dos filhos de Israel saíram no sábado de manhã para buscar maná e não encontraram (Ex 16:27), ao que Deus protestou:

“Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis?”

Vede, porquanto o SENHOR vos deu o sábado, portanto, Ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias; cada um fique no seu lugar, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (Ex 16:28-29).

Como foi o Senhor que deu provisão para dois dias, foi instituído o sábados, pois a provisão de Deus possibilitava aos filhos de Israel cumprir o mandamento de Deus. Mas, por causa da incredulidade, mesmo tendo o necessário para cumprirem a palavra do Senhor, se recusaram a dar ouvidos.

Perceba que o sábado foi dado em função dos filhos de Israel serem reprovados no deserto, na prova do maná. Deus queria ensiná-los que nem só de pão vive o homem, mas, de toda palavra que procede da boca de Deus (Dt 8:3).

O sábado

Devemos lembrar que o Sábado foi dado por causa da desobediência dos filhos de Israel. Assim, o sábado foi dado por causa do homem e não o homem por causa do sábados (Mc 2:27).

Apesar de terem sido reprovados, quando guardaram maná para o outro dia, Deus evidenciou o seu cuidado ao povo, quando deu pão em dobro. Mas, como os filhos de Israel eram esquecidos, Deus sublinhou o seu cuidado com um sinal, através de um mandamento de não fazer, para que compreendessem que, em descansar em Deus, está a salvação do homem.

Observe que, quando Deus separou os filhos de Israel para si, como propriedade peculiar, não lhes era necessário guardar os sábados. Antes mesmo de entrar no Egito, o povo de Israel já era propriedade de Deus, o que demonstra que o sábado não santifica (Lv 20:26).

No mês que foram resgatados do Egito, que se tornou o primeiro mês do calendário judaico, Deus instituiu a páscoa, que deveria se preparada, desde o décimo dia, com a separação do cordeiro de um ano sem mancha, devendo ser sacrificado ao décimo quarto dia (Ex 12:1-13).

Consecutivo ao memorial da páscoa, que deveria ser celebrado como festa ao Senhor, pelas gerações subsequentes (Ex 12:14), foi instituída a festa dos pães

ázimos, de modo que, do décimo quarto dia à tarde ao vigésimo primeiro dia à tarde, não podiam cozer pão com fermento em Israel.

Tanto no primeiro, quanto no sétimo dia da festa dos pães ázimos, não podiam realizar nenhum trabalho em Israel (Êx 12:16). Como nada fizeram, quando o Senhor os tirou da terra do Egito, e a única provisão foram masseiras de pão sem levedar que levaram, a tira colo, por saírem apressadamente do Egito, Deus instituiu a festa dos pães ázimos como memorial (Ex 12:34).

Assim como a páscoa e a festa dos pães ázimos eram memoriais de que o povo de Israel foi resgatado do Egito, o sábado foi um memorial instituído, quando do tropeço do povo de Israel na prova do maná. Por cinco dias Deus deu maná no deserto, mas ao saírem no sexto dia, o povo colheu em dobro, ao que todos os príncipes da congregação vieram e contaram a novidade a Moisés, sendo, então, instituído o sábado de descanso:

“E ele disse-lhes: Isto é o que o SENHOR tem dito: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobejar, guardai para vós até amanhã. E guardaram-no até o dia seguinte, como Moisés tinha ordenado; e não cheirou mal nem nele houve algum bicho. Então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto hoje é o sábado do SENHOR; hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele não haverá” (Ex 16:23-26).

Carne e pão dos céus foi um sinal dado para que os filhos de Israel confiassem em Deus. No fato de Deus dar pão para dois dias é que se baseiam os sábados, de modo que a provisão de pão, para cada dia, demonstra o cuidado de Deus para com o seu povo.

Para quem entende o maná como um fenômeno natural que ocorreu aos filhos de Israel, através da providência em dobro do sexto dia, a ideia de coincidência ou, de fenômeno natural, é descartada.

“Vede, porquanto o SENHOR vos deu o sábado, portanto, Ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias; cada um fique no seu lugar, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia” (Êx 16:29).

Ao prover as condições necessárias para cumprirem o mandamento do sábado,

Deus estava dando a entender ao povo de Israel que os seus mandamentos não são penosos.

“Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é difícil demais e tampouco está longe de ti” (Dt 30:11; 1 Jo 5:3).

Os judeus pedem sinal

O que se sabe acerca de sinais?

O salmista, pelo espírito, falou, acerca do seu descendente prometido – Cristo – como Aquele que pediu de Deus um sinal, mas que os seus acusadores veriam e seriam confundidos.

“Mostra-me um sinal para bem, para que o vejam aqueles que me odeiam e se confundam; porque tu, SENHOR, me ajudaste e me consolaste” (Sl 86:17).

Segundo o apóstolo Paulo, sinais são dados aos incrédulos e não aos crentes:

“De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis.” (I Coríntios 14:22).

Rogar por sinal é próprio dos judeus:

“Porque os judeus pedem sinal e os gregos buscam sabedoria;” (I Coríntios 1:22).

Certa feita, após a multiplicação dos pães, os judeus pediram um sinal para, então, acreditarem em Cristo, alegando que Moisés deu pão dos céus:

“Disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos e creiamos em ti? Que operas tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu.” (João 6:30-31).

Os escribas e fariseus, em outro momento, rogaram por um sinal e obtiveram a seguinte resposta de Jesus:

“Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Jonas;” (Mateus 12:39);

“E saíram os fariseus e começaram a disputar com ele, pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal do céu. E, suspirando, profundamente, em seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade, vos digo, que a esta geração não se dará sinal algum” (Mc 8:11-12).

Os sinais operados por Cristo, representaram somente condenação para as cidades impenitentes:

“E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos; porque, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje. Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti” (Mt 11:23-24).

Quando Jesus diz que os seus interlocutores são geração má e adúltera, fez referência às Escrituras, que, por intermédio de Moisés, foi dito aos filhos de Israel que eram geração perversa e não filhos.

“Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é” (Dt 32:5).

Após serem reprovados na prova do maná, ao dar os sábados como sinal por aliança perpétua, Deus está declarando, implicitamente, que os filhos de Israel eram incrédulos, o que foi dito, abertamente, antes de adentrarem a terra de Canaã.

Geração má e adúltera é o mesmo que geração ‘perversa’ e ‘distorcida’, que, apesar de terem como sinais carne e pão a fartar, não estavam dispostos a obedecerem a Deus. Os judeus procuravam mais e mais sinais, sob o pretexto de que, só assim creriam.

“Entre mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra e ao sétimo dia descansou e restaurou-se” (Êx 31:17).

Se Deus estabeleceu os sábados como sinal, tendo em vista que Deus, em seis dias, fez os céus e a terra e descansou no sétimo dia, os filhos de Israel deveriam entender que o Senhor, que criou todas as coisas, é quem dá descanso, provendo pão em dobro no sexto dia. No estarem quietos, estava a salvação.

“Porque o Egito os ajudará em vão e para nenhum fim; por isso, clamei acerca

disto: **No estarem quietos será a sua força.**" (Isaías 30:7).

Aos filhos de Israel foi dada a ordenança dos sábados como memorial, para que entendessem que é Deus que santifica, no entanto, tomaram o sinal como elemento santificador e se esqueceram de se sujeitarem Àquele que santifica.

Os sábados eram ordenanças semelhantes às dadas a Abraão, que, ao receber a ordem divina, saiu do meio de sua parentela e ofereceu o seu único filho, em holocausto. Ao obedecer às ordenanças, Deus declarou Abraão justificado. Se os filhos de Israel queriam ser tido como descendência de Abraão, teriam que ter a mesma fé que o crente Abraão, que acatou a ordem divina.

Sair do meio da parentela ou, oferecer um filho em holocausto, não justifica ou, não santifica ninguém, mas, sim, obedecer à ordenança divina, faz com que Deus conceda o seu favor ao homem. Sem o mandamento, não há obediência, e sem a obediência não há justificação, de modo que o homem é justificado através do mandamento de Deus.

Sair do meio da parentela e oferecer o filho em holocausto foi um mandamento dado, especificamente, a Abraão. Qualquer que queira ser abençoado, fazendo as mesmas coisas que Abraão fez, não será justificado.

A ordem que Jesus deu ao jovem rico tinha por objetivo fazê-lo perfeito como o crente Abraão, no entanto, o jovem rico se retirou entristecido, pois não teve a mesma disposição que Abraão teve, em obedecer.

Semelhantemente, as ordenanças dos sábados foram dadas por Deus à nação de Israel, portanto, ninguém que busque guardar os sábados, pertencer à comunidade de Israel, alcançará o favor do Senhor.

Lembrando que os sábados não santificam, antes, que são um memorial, para lembrar os filhos de Israel que é Deus que santifica. Um sinal não santifica, antes, é Deus quem santifica. Daí, a premissa anunciada por Cristo, que, em resposta aos escribas e fariseus, que condenaram a atitude dos discípulos em colherem espigas de milho em um sábado para comerem, alertou que o sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado.

"E aconteceu que, passando ele num sábado pelas searas, os seus discípulos, caminhando, começaram a colher espigas. E os fariseus lhe disseram: Vês?

Por que fazem no sábado o que não é lícito? Mas ele disse-lhes: Nunca lestes o que fez Davi, quando estava em necessidade e teve fome, ele e os que com ele estavam? Como entrou na casa de Deus, no tempo de Abiatar, sumo sacerdote, e comeu os pães da proposição, dos quais não era lícito comer, senão aos sacerdotes, dando também aos que com ele estavam? E disse-lhes: O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. Assim, o Filho do homem, até do sábado é Senhor” (Marcos 2:23-28).

Ora, Jesus demonstrou que o homem é mais importante para Deus, que o dia de sábado, pois este foi instituído como sinal, por causa daquele. O sábado, como memorial, tem a relevância de lembrar ao homem que é Deus que santifica, sendo que, para preservar a vida do homem, o sábado poderia ser violado, sem o homem ser tido por culpado diante de Deus.

O sábado foi feito por causa do homem e o homem é mais importante, por ter sido em função do propósito eterno de Deus, que é tornar o Cristo o mais sublime dos reis da terra e o cabeça da Igreja, portanto, Cristo é superior ao sábado.

O crente deve guardar os dias de Sábado?

Categoricamente, não! Os sábados foram instituídos somente para os descendentes de Abraão, que, por sua vez, são aqueles que têm a circuncisão no prepúcio da carne, por sinal da aliança entre Deus e a descendência da carne de Abraão.

“E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós” (Gn 17:11).

A aliança dos crentes em Cristo não foi firmada no prepúcio da carne, mas, no sangue de Cristo, portanto, não compete ao crente a circuncisão do prepúcio da carne e nem a guarda dos sábados: “E a Jesus, o Mediador de uma nova aliança e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel” (Hb 12:24).

Guardar dias, luas e sábados, são rudimentos pobres e fracos, para aqueles que vivem no mundo. Já, os crentes em Cristo, não mais estão sujeitos ao rudimento do mundo (Cl 2:20) e precisam ter cuidado para com aqueles que julgam pelo comer, beber, dias de festas, luas e sábados, pois seguiam pela sombra dos bens

que se alcança em Cristo (Cl 2:16-17).

“Mas, agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, meses, tempos e anos. Receio de vós, que não haja trabalhado em vão para convosco” (Gl 4:9-11).

Os filhos de Israel guardavam os sábados porque, a seu tempo, não entraram no descanso prometido pelo Senhor (Sl 95:10; Hb 4:3-9), diferentemente dos crentes em Cristo, que estão assentados nas regiões celestiais em Cristo (Ef 1:3; Ef 2:6), o que significa que já adentraram no descanso prometido.

“Porque nós, os que temos crido, entramos no repouso, tal como disse: Assim jurei na minha ira Que não entrarão no meu repouso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo” (Hb 4:3).

Enquanto Deus estabelecia o sinal dos sábados, anunciando as suas palavras a Moisés (Êx 31:13-14), os filhos de Israel confeccionavam um bezerro de ouro (Êx 312:1-6). Pela dureza do coração deles, em não se sujeitarem ao Senhor, Deus não se agradava das festas solenes e dos sábados.

“Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação e as luas novas, os sábados e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer” (Is 1:13-14).

Os sábados, assim como as muitas outras ordenanças da lei, eram um jugo que os cristãos convertidos dentre os judeus queriam impor aos cristãos convertidos dentre os gentios, ao que ordenaram os apóstolos:

“Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais, nem nós, pudemos suportar? Mas, cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também” (Atos 15:10-11).

Basta ao discípulo ser igual ao Mestre. Se Cristo quebrava o sábado, que dirá os seus seguidores, que estão à beira do caminho:

“E aconteceu que, passando ele num sábado pelas searas, os seus discípulos,

caminhando, começaram a colher espigas. E os fariseus lhe disseram: Vês? Por que fazem no sábado o que não é lícito?” (Mc 2:23);

“Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas, também, dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (Jo 5:18);

“Respondeu Jesus e disse-lhes: Fiz uma só obra e todos vos maravilhai. Pelo motivo de que Moisés vos deu a circuncisão (não que fosse de Moisés, mas dos pais), no sábado circuncidais um homem. Se o homem recebe a circuncisão no sábado, para que a lei de Moisés não seja quebrantada, indignais-vos contra mim, porque no sábado curei de todo um homem?” (Jo 7:21-23);

“E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados, não no dia de sábado. Respondeu-lhe, porém, o Senhor, e disse: Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou jumento e não o leva a beber? E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa? E, dizendo ele isto, todos os seus adversários ficaram envergonhados, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele” (Lc 13:14-17).

À época dos apóstolos, muitos cristãos convertidos, dentre os judeus, prosseguiram nas práticas dos seus pais, entretanto, o apóstolo Paulo orienta que, caso algum faça diferença entre dia e dia, ou entre comidas, que faça para o Senhor, e não que emita julgamento, acerca dos que não observam tais solenidades.

“Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para seu próprio SENHOR ele está em pé ou cai. Mas estará firme, porque poderoso é Deus para o firmar. Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em sua própria mente. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz e o que não faz caso do dia para o Senhor o não faz. O que come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e o que não come, para o SENHOR não come e dá graças a Deus” (Rm 14:4-6);

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer ou, pelo beber ou, por causa dos dias de festa ou, da lua nova ou, dos sábados, Que são sombras das coisas futuras, mas, o corpo é de Cristo” (Cl 2:16-17).

Os sábados, assim, como a circuncisão, pertencem ao fermento velho ou, vinho velho, que os cristãos, por serem uma nova massa e odres novos, não devem ser participantes.

“Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Por isso façamos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade” (1 Co 5:6-8).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

O conflito na alma e o inimigo na alma

Enquanto Barclay analisa os termos gregos utilizados pelo apóstolo Paulo, que foram traduzidos por: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices e glotonarias, a partir do comportamento desregrado dos gregos e dos romanos (esquecendo que o apóstolo Paulo não julga os que são de fora, mas os que são de dentro), não percebe que a lista das obras da carne foi feita a partir da apostasia dos filhos de Israel, que foram postos por exemplos.

O conflito na alma e o inimigo na alma

Este artigo tece considerações, em função do livro *“As obras da carne e o fruto do*

Espírito”, de William Barclay, publicado pela editora ‘Edições Vida Nova’, em especial, sobre o capítulo I, que aborda duas questões: ‘O conflito na alma’ e ‘O inimigo na alma’.

O conflito na alma

O Dr. Barclay, já no primeiro parágrafo do seu livro, afirma que *‘A filosofia e a teologia são essencialmente uma transcrição e uma interpretação da experiência humana...’*, e conclui: *‘... e a experiência humana é de que há um conflito na alma humana’*[1] Barclay, William, *As obras da carne e o fruto do Espírito*, Tradução Gordon Chown, Ed. Edições Vida Nova, SP, 1988. Pág. 13.

Apesar de citar trecho da carta do apóstolo Paulo aos Gálatas, tanto a asserção, quanto a conclusão de Barclay, não refletem a verdade exarada nas Escrituras. Primeiro, porque a filosofia não é matéria bíblica. Segundo, se esses, também, são os termos da teologia, uma transcrição e uma interpretação da experiência humana, não estamos falando de um estudo de Deus, mas, de uma matéria secular.

A Bíblia tem por base a revelação divina, não as experiências humanas. Por mais que a experiência humana diga que há um conflito na alma, a Bíblia não trata desses conflitos e nem se apoia nas experiências humanas. Por mais que evidências palpáveis aos sentidos humanos apontem a existência de um conflito na alma, a revelação das Escrituras, por ser a verdade, suplanta as experiências humanas.

Por mais que o pensamento judaico acerca do homem aponte para a existência de um conflito interno, conforme exarado na doutrina de yetserhatobh e yetserhara[2] (a natureza boa e a má), tal pensamento nada pode comunicar aos cristãos, pois a Bíblia é clara, aos dizer que os judeus não tem o conhecimento de Deus (Dt 32:28; Is 1:6; Os 4:6), portanto, a doutrina deles não é confiável.

No entanto, o Dr. Barclay busca, não só o pensamento judaico, mas, também, entre os gregos[3], evidencias para sustentar a sua asserção inicial e aponta para Platão que, no Fedro (246B), *“descreve a alma do homem como o cocheiro, cuja tarefa é dirigir, em arreios duplos, dois cavalos, um dos quais é ‘nobre e de raça nobre’, e o outro é ‘o oposto na raça e no caráter’”*. Barclay não para por aí e

busca, entre Ovídio (Metamorfoses 7.20), Sêneca (Cartas 112.3), Epíteto (Discursos 2.11.1) e outros, evidenciar a tal *'experiência humana'*^[4], que comprove que há um conflito na alma.

Barclay destaca dois escritores gregos: Platão e a sua obra Fédon, que narra às últimas horas de Sócrates e Filo, e acrescenta que este último estabeleceu uma ponte entre o pensamento hebraico e o grego e aquele influenciou incalculavelmente o pensamento cristão, e que ambos sublinharam em seus escritos que o corpo é eminentemente mal (idem, págs. 14 e 15).

A informação inicial apresentada por Barclay, de que o apóstolo *'Paulo não foi, de modo algum, a primeira pessoa que viu a vida em termos do conflito interno'* (idem, pág. 13), não é verdadeira, pois, em suas epístolas, o apóstolo dos gentios não trata das experiências humanas e nem dos seus conflitos internos, mas, da 'oposição' entre o 'mandamentos de homens', que é contrário ao 'mandamento de Deus', ou seja, 'carne' versus 'espírito'.

Quando o apóstolo Paulo afirma que a carne milita contra o espírito, ele tem em vista dois sistemas doutrinários antagônicos: os mandamentos dos homens e o mandamento de Deus. Aqueles que estão em Cristo Jesus, são os que andam no espírito, diferentemente daqueles que andam segundo a tradição dos homens, ou seja, segundo a carne.

“PORTANTO, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:1).

A oposição entre a 'carne' e o 'espírito' descrita pelo apóstolo Paulo não é interna ao homem, pois o que 'carne' e 'espírito' disputam é o homem, na busca de sujeita-los *'para que não façais o que quereis'* (Gl 5:17). A oposição entre carne e espírito, descrita pelo termo grego ἀντικειμαι (antikeimai), não diz de um embate, de um enfrentamento, mas, de oposição. Os que são segundo o evangelho, agradam a Deus, pois se sujeitam ao mandamento, que é crer em Cristo (At 10:35), mas os que são segundo a lei, ou seja, segundo as obras da carne, são inimigos de Deus, pois não se sujeitam ao mandamento de Deus (Rm 8:7-9).

A má leitura de Barclay se deve à falta de compreensão, acerca do termo grego 'pneuma', quando empregado pelo apóstolo Paulo, em certos contextos, nas suas epístolas.^[5]

O problema exposto na base de um dilema, se o pneuma (espírito), faz parte do homem ou, se é uma parte do homem após ele se tornar cristão, demonstra o quanto a incompreensão de certos termos gregos empregados no Novo Testamento interferiu na leitura e na compreensão de Barclay. Pela incompreensão do tema, Barclay cita J. E. Frame, que, por sua vez, cita Teodoro de Mopsuéstia (ou, Teodoro de Antioquia; 350-428), somando-se erro sobre erro:

“Deus nunca colocou os três, a alma, o espírito e o corpo, num descrente, mas somente nos crentes. Destes, a alma e o corpo são naturais, mas o espírito é um benefício (euergesia) especial para nós, uma dádiva da graça aos que creem”. Teodoro de Mopsuéstia.

Em primeiro lugar, o homem, seja ele crente em Cristo ou, não, só é homem, porque é formado por corpo, alma e espírito. É impossível ao homem ser homem sem corpo, da mesma forma que é impossível ao homem ser o que é sem a alma e o espírito. O espírito que compõe a natureza do homem, tanto natural, quanto espiritual, não diz da dádiva da graça ou de um dom de Deus para a natureza humana redimida.

Todos os homens possuem um corpo constituído de matéria orgânica, formado do pó da terra (Gn 2:7) e Cristo, ao se tornar homem, também teve que ser participante de carne e sangue (Hb 2:14 e 16; Sl 139:13-16; Sl 22:9-10; Sl 40:6). Todos os corpos dos homens são constituídos de matéria orgânica e semelhantes entre si, pois, todos vem do pó e ao pó retornam.

Todos os homens possuem um espírito criado por Deus, exceto Jesus Cristo-homem, visto que o próprio espírito do Verbo eterno esvaziou-se a si mesmo do seu poder e glória e se faz homem, sendo introduzido pelo Altíssimo no ventre de Maria, no corpo que lhe foi preparado, sem vínculo com a semente de Adão (Hb 10:5; Fl 2:7).

Todos os homens possuem uma alma, que muitos se referem como a sede dos sentimentos, emoções e desejos dos homens. No entanto, a alma é a identidade do espírito, que unido ao corpo passa a existir dotado de sentimentos, emoções e desejos. Um espírito unido a um corpo, distingue-se dos demais espíritos, quando são unidos a um corpo pela concepção e a alma diz da individualidade do espírito, que o distingue dos demais.

Todos os espíritos dos homens, quando criados por Deus, são idênticos entre si,

sem nada que os distingam. Quando do nascimento do homem, em que há a união entre o corpo e o espírito, temos uma alma vivente: um espírito que é único, pela identidade que adquire, através da sua alma.

Os seres angelicais são espíritos e quando criados, o foram de uma única vez, cada qual com a sua identidade e individualidade, distintos um do outro, diferentemente do homem, no qual a identidade e a individualidade do espírito se dá, quando unido ao corpo.

Se Deus retirar o espírito e o fôlego que concedeu ao homem, imediatamente, todos sem exceção, expiram e voltam ao pó da terra (Jó 34:14). O fôlego está relacionado à vida do corpo, constituído de matéria orgânica (Jó 33:4-6) e o espírito está relacionado à existência do homem, o que permite compreender os eventos à sua volta (Jó 38:36). Sem o espírito, o homem seria semelhante aos animais, que se guiam por instintos, ou seja, sem compreender os eventos à sua volta (Sl 32:9).

É próprio do espírito do homem ter e expressar sua opinião, ante os eventos que o cercam por intermédio do corpo, ou seja, através dos lábios (Jó 32:17-20). Eliú, filho de Baraquiel, o buzita, antes de ouvir Jó e os seus amigos, achava que era próprio aos mais velhos ensinarem sabedoria e, por isso, tinha receio de expor a sua opinião (Jó 32:6-7). Ao ouvir os mais velhos, Eliú decepcionou-se e chegou à conclusão de que os mais velhos não são os mais sábios e nem os idosos tem conhecimento do que é mais correto (Sl 32:9). Embora fosse consenso à época de Eliú que a sabedoria e o conhecimento eram próprios aos mais velhos, o jovem Eliú conseguiu abstrair, através do que ouviu da discussão dos amigos de Jó, que não era assim.

Como é próprio a todos os homens ter um espírito (o sopro do Senhor Todo Poderoso), Eliú compreendeu que o entendimento e a sabedoria são, igualmente, alcançados por todos, independentemente de ter ou não idade avançada, o que fez com que aquele jovem expressasse a sua opinião diante de alguns velhos (Jó 32:8 e 17).

[“Pensava eu: ‘Que a experiência fale mais alto e os muitos anos de vida ensinem a sabedoria’. Contudo, o homem tem um espírito e o sopro de Shaddai, o Todo-Poderoso, que lhe proporciona entendimento. Não são apenas os mais velhos, os maiores e mais sábios, nem os mais idosos que](#)

têm o conhecimento do que é mais certo” (Jó 32:7-9).

O espírito do homem não é um entendimento, antes o entendimento é uma faculdade do espírito, que o torna capaz de raciocinar, considerar, compreender, etc. Ao nascer, o homem é um ser terreno, dotado de um espírito, com a faculdade de compreensão, aprendizagem, interação, etc. Entretanto, o discernimento do homem precisa ser exercitado, assim como o corpo, para que possa se desenvolver, até chegar à maturidade, tornando-se apto a discernir entre o bem e o mal (Is 7:16; Hb 5:14).

O espírito do homem, paulatinamente, cresce em entendimento quando interage com o mundo, e isso por intermédio do seu corpo. Deus soprou no homem o fôlego da vida e, assim, este tornou-se alma vivente, dotado de um espírito. O entendimento de Adão só veio através da interação que ele tinha com Deus na virada do dia e com a vivência no jardim do Éden e, assim, é com todos os seus descendentes, pois os filhos interagem com os pais.

A consideração de Teodoro de Mopsuéstia é equivocada, pois, todos os homens, sem exceção, são constituídos de corpo, alma e espírito. Na morte física, o corpo volta ao pó, porém, o espírito, que volta para Deus, jamais se dissocia da alma, pela eternidade. Todo homem, primeiro, teve o corpo formado do pó da terra, através da herança de carne e sangue, que recebe dos pais; em seguida, um espírito, que procede de Deus e, por fim, surge a alma, como identidade do espírito. Ao morrer, o corpo volta para o pó da terra, porém, espírito e alma seguem para a eternidade, quando os homens ressurgirão com corpo glorioso ou, em ignomínia.

Mas, o que é o ‘pneuma’, como dom de Deus, que é próprio à natureza redimida do crente em Cristo? Por ‘natureza redimida’, entende-se como o homem de novo gerado, por meio da palavra do evangelho, que é semente incorruptível.

O termo grego ‘pneuma’ (espírito), além de se referir a um dos elementos imateriais do homem criado por Deus, também, é utilizado para fazer referência à mensagem do evangelho. O termo ‘espírito’ é utilizado para fazer referência a uma doutrina, assim como o termo ‘fé’, que contém, em seu bojo, a ideia de ‘verdade’. É com esse significado que Jesus afirmou que as suas palavras são ‘espírito e vida’ (Jo 6:63).

Adão, ao pecar, separou-se de Deus, ou seja, morreu. Todos os descendentes de

Adão, igualmente, alienaram se de Deus, ou seja, estavam mortos em delitos e pecados (Ef 2:1). O termo 'morte' é empregado no sentido de 'separação', não no sentido de término das funções vitais. Para a cessação das funções vitais do indivíduo, o escritor do Gênesis utilizou a expressão 'voltar ao pó'.

Mas, como o homem volta à comunhão com Deus? Em outras palavras, como o homem é vivificado? Através do espírito, ou seja, pela palavra de Deus (Dt 8:3), pois, por ela, é criado um novo homem (Ef 4:23).

É por isso que o Verbo eterno se fez carne, pois o mandamento de Deus, dado através de Cristo, concede vida aos que creem! Esse mandamento (espírito) é concedido gratuitamente (1 Jo 3:23; Jo 3:16), pois, é dito: pela graça sois salvos! (Ef 2:8). O homem é salvo por meio da 'verdade anunciada' (Gl 3:1), que é a 'fé', ou seja, evangelho, espírito (Rm 1:16), a fé, que de uma vez foi dada aos santos (Jd 1:3), a palavra anunciada pelos ministros do espírito.

O apóstolo Paulo foi feito ministro do espírito, ou seja, de um Novo Testamento:

“O qual nos fez, também, capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata e o espírito vivifica” (2 Co 3:6).

É por isso que o apóstolo Paulo faz referência a Cristo como o último Adão, o espírito vivificante:

“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante” (1 Co 15:45).

O espírito do homem regenerado é o mesmo, antes de ser gerado de novo, porém, o que muda é o espírito como mensagem, entendimento, o que se dá no arrependimento. O arrependimento, essencialmente, é uma mudança de espírito, ou seja, de compreensão, acerca de como ser salvo. O espírito dos escribas e fariseus era de que estavam salvos, por serem descendentes da carne de Abraão, mas com [o evangelho](#), deveriam mudar de concepção, espírito, pois a salvação se dá por Cristo, o reino dos céus que era chegado (Mt 3:2 e 8-9).

É pelo espírito (mensagem) do evangelho que sabemos que Deus está em nós e nós n'Ele (1 Jo 3:24). Quem é gerado de novo pelo espírito, é espiritual (Jo 3:6) e quem foi gerado segundo a carne, é carnal, sendo que o espírito (mensagem que

acredita ser a verdade) deste, consiste em mandamento carnal e daquele, ‘poder da vida incorruptível’ (Hb 7:16) .

Outro equívoco, é entender que é por meio do pneuma, como espírito do homem[6], que Deus pode falar aos homens, ou que os homens podem ter comunhão com Deus. O pneuma, que Deus fala aos homens, diz da sua palavra, da sua mensagem anunciada por Cristo. É somente por meio do evangelho, que é espírito e vida, que o homem tem comunhão com Deus. O homem possui um espírito, mas não é esse espírito que tem comunhão com Deus ou que torna possível ouvir a Deus.

Watchman Nee, em seu livro, ‘O homem espiritual’ incorre no mesmo erro de Barclay, ao afirmar que:

“É através do espírito que temos comunhão com Deus e somente por ele podemos compreendê-lo e adorá-lo. Por isso se diz que ele é o elemento que nos confere consciência de Deus. Deus habita no espírito; o eu, na alma; e os sentidos, no corpo (...) Por meio do seu espírito, o homem se relaciona com o mundo espiritual e com o Espírito de Deus...” Nee, Watchman, ‘O homem espiritual’ Vol. 1, Editora Betânia - Belo Horizonte, 2002, Pág. 34.

Deus não habita no espírito do homem, mas, no seu corpo:

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1 Co 6:19).

O corpo do crente não está em posição inferior ao seu espírito, pois o corpo pertence ao Senhor e o Senhor ao corpo (1 Co 6:13). Ao crer em Cristo, o homem une-se ao Senhor em um só espírito (1 Co 6:17; Ef 2:18), tornando-se, assim, membro do corpo de Cristo (1 Co 6:15). É pelo espírito do evangelho que o homem tem acesso a Deus, por isso, é dito um só espírito (Ef 2:18; Ef 4:4).

Após a queda de Adão, todos os seus descendentes são concebidos todos em pecado, ou seja, em corpo, alma e espírito. Esses elementos não se dividem, não há um mais nobre que o outro, ou seja, o corpo inferior e o espírito superior. É, eminentemente, platônica a ideia de que o espírito é mais nobre[7] que o corpo e o corpo, inferior. Todos os elementos que compõem a natureza do homem estão, igualmente, separados de Deus, sem comunhão, por causa da pena imposta, em decorrência da ofensa de Adão: morte.

Quando o homem crê em Cristo, por intermédio da palavra do evangelho, é purificado, completamente, pelo lavar regenerador do espírito (palavra), de modo que o seu corpo, alma e espírito são plenamente santificados e conservados irrepreensíveis.

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso SENHOR Jesus Cristo” (1 Ts 5:23).

Deus não se comunica com o espírito do homem, como se fosse autônomo do corpo, antes, se comunica com o homem, através do evangelho, o qual o apóstolo Paulo foi feito ministro, e esse homem é corpo, alma e espírito. Para Deus comunicar-se com o homem, é necessário alguém que pregue e que o homem ouça, e isso só é possível através dos ouvidos, ou seja, através do corpo.

“Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam o evangelho de paz; dos que trazem alegres novas de boas coisas. Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem creu na nossa pregação? De sorte que a fé é pelo ouvir e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10:14-17).

Adão foi formado do pó da terra e Deus soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida, concedendo-lhe, além do corpo formado do pó da terra, um espírito, tornando-se assim alma vivente (Gn 2:7). No Éden, Deus se comunicava com o homem pessoalmente, e não com o seu espírito, como se o espírito de Adão fosse independente do corpo.

O Verbo eterno, ao se fazer homem, também, lhe foi preparado um corpo por Deus (Sl 40:6) e Ele foi lançado no ventre de Maria (Sl 22:9-10). Por não ser gerado do sangue, da vontade da carne e do varão, Cristo veio ao mundo sem pecado. O corpo de Cristo não era menos nobre que o seu espírito e alma, tanto que Deus garantiu que nenhum dos seus ossos seriam quebrados (Sl 34:20). Deus ressuscitou o corpo de Cristo e o glorificou, o que demonstra que o corpo não é menos nobre que o espírito.

O termo ‘pneuma’ é utilizado para fazer referência, tanto a Deus, como o Espírito eterno; ao homem, como alma vivente; à parte imaterial do homem criada por

Deus; ao evangelho como doutrina; e, ao Espírito Santo. Se o leitor não souber distinguir essas nuances, quanto à aplicabilidade do termo, através do contexto onde empregado, acabará fazendo uma leitura equivocada.

Cristo falou que enviaria o Consolador, ao fazer referência à terceira pessoa da trindade; em outras passagens, é dito que Deus envia o seu espírito, ou o espírito do Seu Filho, uma referência ao evangelho de Cristo; em outras passagens, o Espírito Santo é apresentado fazendo morada no cristão, assim como o Pai e o Filho.

O posicionamento de Barclay é equivocado, conforme se lê:

“Se for assim, o cristão é distintivamente um homem em quem esta presença e poder tem entrado como não podem entrar em outros homens. Então, seria verdadeiro dizer que o espírito do cristão não é outra coisa senão o Espírito Santo fazendo Sua habitação no homem, e dando à vida deste uma paz, uma beleza e poder que simplesmente não estão disponíveis nem são possíveis ao homem não-cristão” Idem, Pág. 17.

O espírito do homem é o homem e o Espírito Santo é a divindade, em comunhão com o homem, o que ocorre pela palavra de Deus que, também, é denominada espírito.

“Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto” (2Ts 2:2)

Quando o apóstolo Paulo escreve aos cristãos desejando que a bênção de Deus estivesse com eles, assim o faz dizendo: ‘A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito’ (Gl 6:18, Fl 4:23 e Fm 25). A graça de Deus não pode estar com o espírito dos não cristãos, mas é afeta aos espíritos dos cristãos. Espírito foi empregado por Paulo como indivíduo, não como uma personalidade cristã.

Os termos gregos arraboñ (penhor) e sfragizein (selar) que o apóstolo Paulo utilizou em conexão com o termo pneuma, não significa que o espírito do homem é a presença e o poder de Deus dentro dele. Na verdade, o apóstolo Paulo estava demonstrando que, ao Jesus conceder o Consolador, os cristãos foram selados, sendo o Consolador uma garantia da herança dos cristãos (Ef 1:13-14).

O erro de interpretação de Barclay torna-se mais nítido, quando ele faz referência à passagem bíblica de Romanos 8, versos 1 à 17, quando ele conclui que a passagem trata do Espírito de Deus e do espírito do homem.

“Este fato é exposto de modo mais claro na passagem mais rica de Paulo a respeito do Espírito Santo e o espírito do homem” Idem. Pág. 19.

A passagem de Romanos 8 apresenta o evangelho como antagônico ao mandamento de homens, ou seja, o espírito antagônico à carne, não o espírito do homem e o Espírito Santo, até porque, segundo Barclay, o homem sem Deus não tem espírito[8], e outras vezes tergiversa[9] sobre essa questão. O espírito que faz do homem um cristão diz do evangelho, não do Espírito Santo, que guia o homem a toda verdade.

Além de fazer referência ao homem, através do termo pneuma, o apóstolo Paulo faz uso do termo psuchê, traduzido por alma. O termo é utilizado para fazer referência ao homem como indivíduo, ou, para fazer referência à humanidade (Rm 2:9; Rm 13:1), ou, à própria existência do indivíduo com vida física (Rm 16:4).

O adjetivo psuchikos, também é utilizado para classificar o indivíduo como natural, o que o desqualifica para compreender, por si só, as coisas de Deus, o que só é possível através da revelação do evangelho (1 Co 2:14).

O inimigo na alma

Mas, com o homem é pneuma, psuchê e sōma, verifica-se que este último termo é utilizado para fazer referência ao corpo constituído de matéria orgânica. Há passagens que utilizam o termo sōma para fazer referência ao homem sujeito ao pecado, em que o corpo é figura utilizada para fazer referência ao homem, como pertencente ao pecado, por causa da ofensa de Adão. O corpo físico é apresentado como corruptível, mas, os cristãos aguardam a sua incorruptibilidade, vez que, o que é mortal, será revestido da imortalidade.

Geralmente, o termo sōma possui um sentido negativo, quando empregado como figura, para descrever a realidade do homem sem Deus, ou, positivo, quando a serviço de Deus, mas no geral, o corpo físico não é nem bem nem mal.

O apóstolo Paulo também utiliza o termo sarx, comumente traduzido por carne, e Barclay interpreta que o tal conflito da alma se dá pela oposição carne e espírito.

“i. Sarx é a inimiga mortal do pneuma. O conflito na alma é exatamente entre a carne, para usar a tradução comum da palavra, e o espírito. ‘Estes,’ diz Paulo, ‘são opostos entre si’ (Gl 5:17). Qualquer que seja, uma outra verdade a este respeito, estas duas são forças opostas dentro da existência humana” Idem. Pág. 20.

Apesar de confessar que o termo sarx não possui uma tradução adequada, Barclay se lança a comentar o que é a carne. No item 5[10], Barclay aponta que, em certos contextos, o termo ‘carne’ significa ‘julgando por padrões humanos’. Ora, carne refere-se à concepção dos judeus, segundo o mandamento de homens que foram instruídos, o que se opõe ao evangelho, que é revelação de Deus em Cristo.

A Bíblia não trata de nenhum conflito na alma, mas, da carne como doutrina, e o espírito como doutrina. Os homens que são segundo a carne, se inclinam para as coisas da carne, que são: circuncisão, nacionalidade, tribo, genealogias, etc. A inclinação da doutrina, segundo a carne é morte, pois, não é segundo a lei de Deus e todos que seguem a carne não podem agradar a Deus.

Há passagens em que o apóstolo Paulo utiliza o termo para fazer referência a uma doutrina e, em outras, ele utiliza o termo para fazer referência às pessoas que vivem segundo essa doutrina. Os sábios, segundo a carne, diz daqueles que são versados na doutrina de homens (1 Co 1:26).

E por que o termo ‘carne’ passou a ser empregado como sinônimo da doutrina dos judaizantes? Porque a circuncisão se dá no prepúcio da carne, símbolo da aliança que Deus fez com os descendentes de Abraão, e que os judeus tomaram por símbolo de salvação.

Como todos os homens são constituídos, fisicamente, de carne, o termo, também, foi utilizado para fazer referência à humanidade (Rm 3:20), entretanto, o uso mais comum, é para retratar o pensamento judaico, que faz da sua carne o seu braço.

“Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, que faz da carne o seu braço, e que aparta o seu coração do SENHOR!” (Jr 17:5).

É por isso que o apóstolo Paulo alerta que, apesar de Jesus descender de Davi,

segundo a carne, pelo vínculo de sangue com Maria, contudo, não podemos considerá-lo segundo esses parâmetros e nem a ninguém (2 Co 5:16). Isso porque, qualquer que era alguma coisa, segundo a carne, não tem o que comunicar a quem está em Cristo (Gl 2:6).

Viver na carne é o inverso de ser cristão, se considerarmos o judaísmo, que é a essência da carne. Daí, conclui-se que o apóstolo Paulo, como os filósofos, nunca tratou de um conflito na alma, mas, da oposição lei e evangelho, como água e óleo.

A ilustração que Barclay faz da carne é totalmente descabida, pois, a Bíblia apresenta o homem como em pecado, desde o nascimento, portanto, não há que se falar que é através da 'carne' que o pecado invade o homem [11]. O homem é formado em iniquidade e concebido em pecado (Sl 51:5), desvia-se desde a madre e anda errado desde que nasce, proferindo mentiras (Sl 58:3).

O pecado não precisa 'entrar' no homem, porque o homem já está sujeito ao pecado como escravo.

Por fim, Barckay passa a descrever as 'obras da carne' e, pelo erro inicial, com relação à carne e ao espírito, a leitura que faz das obras da carne e do fruto do espírito não passa de um equívoco generalizado.

Enquanto Barclay analisa os termos gregos utilizados pelo apóstolo Paulo, que foram traduzidos por: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices e glotonarias, a partir do comportamento desregrado dos gregos e dos romanos (esquecendo que o apóstolo Paulo não julga os que são de fora, mas os que são de dentro), não percebe que a lista das obras da carne foi feita a partir da apostasia dos filhos de Israel, que foram postos por exemplos.

Como Deus não se agradou dos filhos de Israel, e por isso muitos pereceram no deserto, eles foram feitos figuras, para que não incorramos no mesmo exemplo de desobediência.

“E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e

levantou-se para folgar” (1 Co 10:6-7).

A lista de obras da carne tem em vista os cristãos utilizarem da lei, legitimamente, não como os que vivem, segundo a carne, pois a lei foi feita para os judeus, homens injustos e obstinados.

“Querendo ser mestres da lei e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam. Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa, legitimamente; Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros e para o que for contrário à sã doutrina, conforme o evangelho da glória de Deus bem-aventurado, que me foi confiado” (1 Tm 1:7-11).

Vale destacar que a experiência universal da vida[12] nada pode nos comunicar com relação à verdade das Escrituras, pois, esta, é revelação e aquela, sabedoria humana, em que a sabedoria humana, invariavelmente, desembocará em mandamentos tais como: “Não toques, não proves, não manuseies” (Cl 2:21).

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1]“A filosofia e a teologia são essencialmente uma transcrição e uma interpretação da experiência humana, e a experiência humana é de que há um conflito na alma. Para Paulo, tratava-se de uma guerra entre duas forças opostas que chamava de carne e espírito. “Porque a carne milita contra o Espírito,” disse ele, “e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si” (Gl 5.17).” Barclay, William, As obras da carne e o fruto do Espírito, Tradução Gordon Chown, Ed. Edições Vida Nova, SP, 1988. Pág. 13.

[2]“No homem, conforme entendiam, havia duas naturezas, de modo que este sempre estava na situação de alguém que é atraído para duas direções ao mesmo tempo (...) O impulso mau estava espreitando o homem quando emergia do

ventre, porque 'o pecado jaz à porta,' ou seja: à porta do ventre (Gn 4.7; Sanhedrin 91b) e no decurso de toda vida do homem, permanecia 'seu inimigo implacável' (Tanhuma, Beshallah 3). O conflito na alma fazia parte da herança da crença judaica" Barclay, William, *As obras da carne e o fruto do Espírito*, Tradução Gordon Chown, Ed. Edições Vida Nova, SP, 1988. Pág. 13.

[3]"*O cavalo nobre é a razão e o cavalo indócil é a paixão; o cavalo de natureza má 'sobrecarrega o carro' e o arrasta para a terra. Aqui, também, há o mesmo quadro de guerra e tensão, sempre com a terrível possibilidade da ruína como consequência"*. Idem.

[4]"*O mal do corpo veio a ser uma das ideias dominantes do pensamento hebraico. SômaSêma, o corpo é um túmulo, dizia o provérbio rimado órfico. O corpo, disse Filolao, é uma casa de detenção onde a alma é aprisionada para expiar seu pecado. Epíteto pode dizer que tem vergonha de possuir um corpo, que é uma 'pobre alma algemada a um cadáver' (Fragmento 23). Sêneca fala da 'habitação detestável' do corpo e da carne vã a que a alma está aprisionada (Cartas 92.110). 'Desprezem a carne,' diz Marco Aurélio, 'sangue e ossos e a rede que é uma meada torcida de nervos, veias e artérias' (Meditações 2.2).*

[5]"*Descobrir o que Paulo quer dizer com espírito, o pneuma, não é totalmente fácil. A dificuldade torna-se clara quando comparamos diferentes textos gregos do NT com diferentes versões, porque as versões não concordam entre si quanto à ortografia de espírito e pneuma, com ou sem maiúscula inicial, ou seja, quando a referência diz respeito ao Espírito de Deus ou ao espírito do homem (...) Mas, o verdadeiro problema é saber se o pneuma, o espírito, faz parte do homem propriamente dito, ou se é apenas uma parte do homem depois de ele se tornar cristão; se o pneuma faz parte da natureza humana ou se é o dom de Deus para a natureza humana redimida"* Idem. Pág. 17.

[6]"*Ainda mais, o pneuma é o elo entre Deus e o homem; é através do pneuma que Deus pode falar aos homens e que os homens podem ter comunhão com Deus"* Idem. Pág. 17.

[7]"*Por intermédio da alma, o espírito pode subjugar o corpo, para que obedeça a Deus. Da mesma forma, o corpo, através da alma, pode levar o espírito a ter amor pelo mundo. Desses três elementos, o espírito é o mais nobre porque se une com Deus. O corpo é inferior, pois está em contato com a matéria"* Nee, Watchman, 'O

homem espiritual' Vol. 1, Editora Betânia – Belo Horizonte, 2002, Pág. 34.

[8]“Pode ser dito que para Paulo o espírito do homem é o poder de Deus que nele habita ou, num outro modo de expressar o fato, é o Cristo ressurreto que reside nele” Idem. Pág. 19.

[9]“Além disso, é exatamente a possessão desse espírito que torna o homem diferente da criação animal” Idem. Pág. 17.

[10]“v. Paulo usa sarx em frases e contextos onde usaríamos uma frase tal como: ‘julgando por padrões humanos’” Idem. Pág. 21.

[11]“A essência da carne é a seguinte. Nenhum exército pode invadir um país pelo mar a não ser que possa obter uma cabeça de ponte. A tentação não teria a capacidade de afetar os homens, a não ser que houvesse algo já existente no homem que correspondesse à tentação. O pecado não poderia obter nenhuma cabeça de ponte na mente, coração, alma e vida do homem a não ser que houvesse um inimigo dentro dos portões que tivesse disposto a abrir a porta para o pecado. A carne é exatamente a cabeça de ponte, através da qual o pecado invade a personalidade humana. A carne é como o inimigo do lado de dentro e que abre o caminho para o inimigo que está forçando a porta” Idem. Pág. 24.

[12]“Mas de onde vem esta cabeça de ponte? De onde surgiu este inimigo do lado de dentro? É experiência universal da vida que um homem pela sua conduta capacita-se ou não a experimentar certas coisas” Idem. Pág. 24.